iPod poderoso

Adorei o suporte para iPod da capa. Não vem junto com o iPod não, né?

Gian Bortolotti
gian@ibeamsp.com

Mais Ana Paula Papa? Quem vocês pensam que são? A Macmania, além de tornar os leitores inteligentes, chiquérrimos e vanguardistas, estimula em proporções hercúleas a produção de testosterona nos mesmos. Se vocês não dispuserem no site um wallpaper com essa perfeição de design que saiu na matéria de capa de janeiro (a Ana, não o iPod, que parece um aparelho de medir pressão), juro que viro pecezista – e isso é pior que suicídio.

Sergio Ng
sergio@dngdesign.com.br

Parabéns pela excelente revista, e agora ainda mais pela maravilhosa capa, quer dizer, garota da capa. Se já havia sido de extrema dificuldade prestar atenção no iPod em meio àquele excesso de mulher, imagina como foi torturante começar a ler a revista. Mas valeu: excelentes reportagens e dicas, claro, entremeados ao ato contínuo de olhar novamente a capa a cada 5 minutos. Gostaria de saber se existe algum software, além do excelente Photoshop, que recorte imagens com extremo realismo como foi feito na modelo desta edição, com destaque para a naturalidade de seu cabelo.

Frederico Bernardes
fredbernardes@bol.com.br
Belo Horizonte

Não houve recorte na capa dessa edição, apenas umas mexidas nas curvas em modo Lab para dar aquele aspecto "dourado" à modelo. Na abertura com as três fotos, foi usado recorte com o Extract do Photoshop, seguido dos usuais retoques à mão.

Roubo!

Gostaria de anunciar o furto de um iMac DV 400 MHz, Strawberry, Part # M7673LA /A, Serial # XA010013J8K; de uma impressora Epson Stylus C40UX; e de um Zip Drive 100 MB para Macintosh.

Esse belo pacote de equipamentos "novos", porém com muito trabalho importante dentro, foi furtado de dentro de meu apartamento, arrombado nos feriados de fim de ano. Não estavam cobertos por seguro ainda e não havia muita coisa "backupeada". Estou tentando recorrer a vários meios de divulgação, para que possíveis compradores possam ser avisados e entrem em contato comigo, caso se depararem com esses equipamentos.

Fabiana Rodrigues Barbosa
fabismiles@yahoo.com.br
São Paulo

Está dado o recado. Se algum leitor der de cara com o referido iMac, soe o alarme.

Quero minha aceleração

Acho importante alertar os leitores que todos os que possuem os seguintes computadores:

- Power Macintosh G3 (Desktop e torre)
- iMac (233, 266, e 333 MHz)
- PowerBook G3
- PowerBook G3 (Bronze)
- iBook (original)

Não vão mais ter a aceleração gráfica do chip de vídeo ATI suportada no Mac OS X (http://docs.info.apple.com/article.html?artnum=106154). Existe também um abaixo-assinado online: www.PetitionOnline.com/atiapple/petition.html

Também dá para reclamar no OS X Feedback: www.apple.com/macosx/feedback

Andreiev Kalupniek
andreiev@mac.com

Atulhar a Apple de petições é dever de todos. Afinal, este é um sistema operacional democrático ou não é?

Blogmaníacos

Macmania é uma excelente revista. Além de muito divertida, tem informações muito úteis. Graças a ela fiz meu blog (http://imprensa_livre.blogspot.com) com a ótima matéria do Sérgio Miranda no número 83. Abraços e continuem assim.

DOM
imprensa_livre@hotmail.com

Aqui é assim. A gente mata a cobra e mostra o blog!

Menos humor!

Não vim aqui para questionar a capa das revistas, que para mim não faz diferença se é um homem (acredito que minha opção sexual não mudaria se andasse com uma Macmania que tem um homem na capa...), mulheres ou computadores... Bom, vou direto ao assunto. Tenho uma Macmania nº 48 aqui em casa, que não canso de ler nunca.

Comparando a qualidade das matérias que encontro naquela edição com as de hoje, é possível notar o quanto a qualidade da revista caiu. Naquela edição, parece que as matérias eram feitas com muito mais seriedade; o "espaço" da revista era muito melhor aproveitado, pois havia uma boa quantidade de matérias num pequeno texto onde vocês falavam das novidades, dos altos e baixos dos produtos com uma objetividade inquestionável. Parece que as matérias de hoje perderam essas qualidades. Tem mais piadinhas do que matéria (Tá certo, não são todas, mas...). Fora os títulos totalmente (desculpem) toscos, como "Estufando gostoso", da edição 89.

Outra coisa a ser questionada é o nível das respostas da seção de cartas. Além das respostas curtas e grossas, vocês fazem umas piadas que estão passando dos limites! Nas revistas mais antigas, era muito bom ler essa seção, pois você aprendia muito lendo as respostas que vocês davam. Hoje só vemos reclamações da revista (gostaria que essa fosse a última!), e as piadinhas de vocês. Ei pessoal, vamos mudar!!! Vocês são os únicos que fazem revista de Mac no Brasil, não usem esse fato para "fazer o que quiserem" na revista, e sim para não dar motivo para os leitores desta revista precisarem procurar outros meios de ficar por dentro do mundo Mac.

Caio Ferrari
caio_ferrari@mac.com

Criamos a seção Help exatamente para separar o conteúdo didático e informativo da zona e da porralouquice da seção de cartas. Acreditamos que, assim como a separação entre Igreja e Estado, é melhor desse jeito. Quanto às nossas respostas grossas e engraçadinhas, seu único objetivo é intimidar os leitores malas que mandam cartas mongas. Mas, como você pode ver, isso não está funcionando.

O X da questão

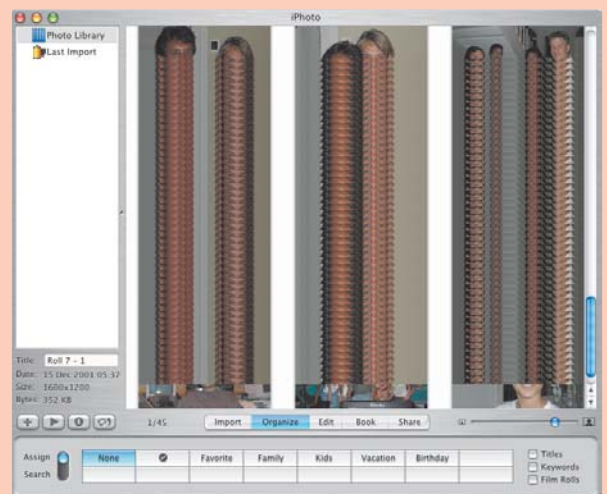
Por que a Apple não está colocando o sistema X nas máquinas que estão em exposição nas lojas de informática por aí??? No começo, achava que era porque ele era muito novo, depois porque não tinha em português, mas agora a Macmania avalia o sistema todo, já temos Office pra ele, a revista diz pra colocarmos nas máquinas,

Índice

Bomba do leitor

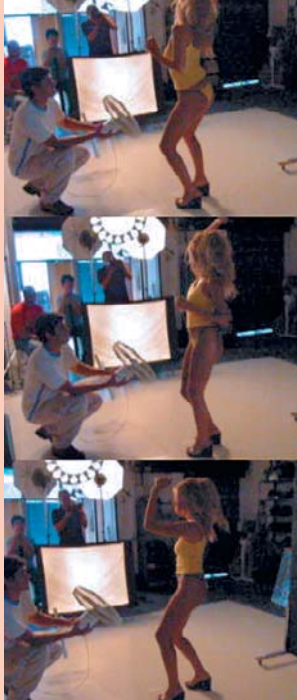
O iPhoto é sensacional; baixei cinco minutos depois do fim do pronunciamento do Steve Jobs, ao qual assisti na televisão (ligada ao Titanium) via QuickTime 5. Apesar disso, bombas acontecem... O melhor é que, depois disso, bastou dar um *scroll* na janela para ela voltar ao normal... e o sistema continuar estável. Mas que ficou interessante, ficou, não?

Victor Pozas
victorpozas@openlink.com.br

Isso não pode ser considerado uma bomba, apenas um probleminha de redesenho de tela. Acontece nos melhores sistemas operacionais.

A Papa é pop

Na edição 87, página 14, há um pequeno box falando do ACDSee. O mais interessante, na realidade, aparentemente não foi comentado até agora pelos leitores. Trata-se do *making of* daquela histórica edição da Ana Paula. Digo "histórica" porque foi a única revista de informática que apareceu exposta lado a lado com a Playboy, numa banca da Av. Paulista (é nessas horas que sinto falta de uma câmera digital...). Deu pra ver também que haviam outros *making ofs* no arquivo. Já dá pra adivinhar minha pergunta: por que é que vocês não disponibilizam essas deliciosas imagens no site da Macmania? Seria o maior sucesso de hits de todos os tempos!

João Pedro
joao.c.pedro@bol.com.br

Fizemos algo ainda melhor. Filmamos a produção da capa da Macmania 91 e colocamos o vídeo no site. Corre lá que ainda deve estar no ar.

mas cadê o exemplo?????? Me expliquem uma razão "viável" para continuarmos vendo as máquinas com o sistema 9, quando o sistema X vem junto quando você compra a máquina (há muito tempo....) Pra que essa demora??? Ainda mais com o Windows XP "todo bonitinho" do lado, e a gente parecendo algo super velho, com nossas janelinhas cinzas.

José Pedro
zezito01@mac.com

Isso acontece muito provavelmente porque o sistema que aparece quando o Mac é ligado pela primeira vez é o 9. Isso está mudando com as máquinas fabricadas a partir de janeiro. Mesmo assim, se você vir um Mac rodando o sistema velho em uma loja, tente dar um discreto restart com Option. *Não custa nada dar uma ajudinha.*

Xarewares xuxu

Simplesmente adorei a reportagem dos Sharewares da Hora para OS X... Eu estou usando o OS X e estava com problemas com algumas coisas que a Apple mudou; uma delas foi o Dock. Tá certo que ele é bonitinho e cheio de efeitos legais... mas simplesmente não é Macintosh. Parece mais Windows você ter que levar o mouse para cá e para lá e ter que minimizar as janelas para depois buscar no Dock... Para quem já está habituado com o OS 8 e o 9, isso vira um pesadelo.
Agora posso dar *collapse* nas janelas, voltar a usar um Apple menu personalizado e o Application Switcher... E o melhor de tudo: o Dock fica escondido, sem roubar espaço na minha tela e sem me incomodar!!!
Agora, para ficar perfeito, tem como colocar a janela de volta no desktop e colocar esquemas de som? Valeu, Macmania. Agora estou usando o X satisfeito (ou quase ... Ehhehe)!

Bruno Rocha Botelho
brunorb@mac.com

Não conseguimos entender essa de colocar a "janela no desktop". Por favor, escreva mais devagar. Quanto aos esquemas de som (há gosto pra tudo..), experimente o Xounds, programa que converte os "sound sets" do Mac OS 9 para o X. Tem no Versiontracker.com.

Pisando no balde

Esta é minha primeira vez, estou tenso, nervoso e de férias, não esculachem! Sou assinante da Macmania e leitor desde 98, quando comprei meu primeiro computador, um iMac. Bom, lendo o último número da revista, na seção Ombudsmac, fiquei surpreso: um macmaníaco como o Tony de Marco chutando o balde da Apple. Mas quem curte Mac é assim mesmo, essa relação de amor e ódio. Sou da mesma opinião; acho que foi um regresso a nova linha de design. Por outro lado, ela também pode ser encarada como o Álbum Branco dos Beatles, uma escapada de toda a psicodelia.
Mas o Tony esqueceu de um imenso detalhe, o logo da maçã, que é na minha opinião o maior vacilo de design e marketing da Apple; imperdoável, sendo corrigido agora com estes novos modelos sem graça. Um absurdo a maçã ficar para baixo quando o portátil é aberto. Até alguém dar o toque! Vai entender! Dá vontade de desgrudar na marra e colar a maçã para cima!!!
Mas em se tratar de Apple, acho que neste novo ano ela ainda vai nos surpreender muito!

Rodrigo de O. Grecchi
grecchi@mac.com

Como é sua primeira vez, não vamos esculachar, apenas corrigir. O logo da maçã invertido já havia sido corrigido há muito mais tempo, mais precisamente nos PowerBooks G3 FireWire, que até já acendiam a maçãzinha quando abertos. Agora, quanto à Apple nos surpreender este ano, você acertou em cheio.

Memória batendo pino

Na última Macmania vocês dizem na seção Bê-A-Bá que Quadras usam memórias de 72 pinos, e não 30. Gostaria que esses erros não acontecessem, principalmente com o Márcio Nigro, alguém que já me salvou de várias com seus artigos.

guersil
guersil@macbbs.com.br

Sim, não, em termos. Os Quadras 605, 610, 630, 650, 660AV, 800 e 840AV tinham, sim, memórias de 72 pinos. Já os 700, 900 e 950, mais antigos, usavam as memórias de 30 pinos. Para eliminar dúvidas sobre configuração de hardware de Macs, é só acessar a base de dados da própria Apple na Internet: www.info.apple.com/applespec. *Nenhum tribunal condenaria o Márcio Nigro.*

Como upgradear?

Sou assinante da revista deste que comprei meu iMac G3 400 DV. Comprei em outubro passado o Mac OS X, versão 10.0, sendo que gostaria de saber como posso fazer o upgrade para a versão 10.1, já que não encontro nas lojas para Mac o CD com o upgrade e não gostaria de pagar outros R$ 300 pelo programa *full*.

Raimundo Paivarai
paiva@uol.com.br

O upgrade para o 10.1 é gratuito, você só paga as despesas de envio. Consulte o AppleLine (11-5503-0090/800-1-27753).

Mac no Ceará

Temos aqui no Ceará um Authorized Training Center da Apple, chamado Mac Ceará Treinamentos. Temos 5 iMacs e um G4. Damos treinamento nas áreas de Vídeo Digital (Final Cut, iMovie, DVD Studio Pro e iDVD), WEB (Flash, Dreamweaver, Fireworks), Criação Gráfica (Photoshop, Illustrator, FreeHand) e Mac OS, entre outros. Estamos em atividade há quase um ano e atendemos todo o Nordeste. Apenas queremos corrigir a informação de que o Centro Salesiano de Recife era o único na região.

Daniel Vitoriano
treinamento@macceara.com.br
Diretor Administrativo da Mac Ceará Treinamentos

Sorte dos macmaníacos cearenses, que podem aprender a mexer no Mac em sua própria terra.

Dica quase legal

Tenho uma dica muito legal, a qual nos ajuda a ter mais paciência com nossos iMacs com "pequenos" probleminhas de projeto! Esta dica é útil principalmente nos iMacs DV, por não possuírem o botãozinho de ejetar o CD e nem sequer o famoso "buraquinho" no qual podemos enfiar um simples clip para forçar a saída da gaveta. Aí vai:
Ejeta CD!
Se você possui um iMac DV e ele não quer liberar seu CD de jeito nenhum, esta dica é infalível (vale pra qualquer Mac G3 ou G4):
1. Reinicie o computador mantendo pressionas as teclas ⌘ Option O F. Isto fará com que ele inicialize o Open Firmware.
2. Agora, basta digitar `eject cd` e perssionar Return. Prontinho, agora digite `bye` para prosseguir com a inicialização normalmente.
Espero que consigam aproveitar esta dica (principalmente publicá-la), pois já passei apuros quando um destes iMacs deu pau geral no HD e coloquei o CD de sistema incompatível. Simplesmente não havia como trocar o CD, e menos ainda inicializar pelo HD!
PS.: Eu quero muito uma camiseta da Macmania...

Robinson Sampaio
robinson_sampaio@mac.com

Seria uma dica muito legal, se não houvesse um jeito bem mais fácil: restartar o Mac segurando o botão do mouse.
Mesmo assim, publicamos pra mostrar que você é um cara esforçado.

Get Info

Editor: *Heinar Maracy*

Editores de Arte: *Tony de Marco e Mario AV*

Patrono: *David Drew Zingg*

Conselho Editorial: *Caio Barra Costa, Carlos Freitas, Jean Boëchat, Luciano Ramalho, Marco Fadiga, Marcos Smirkoff, Muti Randolph, Oswaldo Bueno, Rainer Brockerhoff, Ricardo Tannus*

Gerência de Produção: *Egly Dejulio*

Departamento Comercial: *Artur Caravante, Francisco Zito*

Gerência de Assinaturas: *Fone: 11-3341-5505*

Gerência Administrativa: *Clécia de Paula*

Fotógrafos: *Andréx, Clicio, J.C. França, Marcos Bianchi, Ricardo Teles*

Capa: *Foto: Clicio*
Direção: Tony de Marco
Modelo: Barbara Nogueira (L'Equipe)
Make-up: Giuliana Moretto
Photoshop: Mario AV

Redatores: *Daniel Roncaglia, Márcio Nigro, Sérgio Miranda*

Assistentes de Arte: *Thaís Benite, Valquíria Gottardi*

Revisora: *Julia Cleto*

Colaboradores: *Alexandre Boëchat, Ale Moraes, Carlos Eduardo Witte, Carlos H. Gatto, Carlos Ximenes, Céllus, Daniel de Oliveira, Douglas Fernandes, Fargas, Fido Nesti, Gabriel Bá, Gian Andrea Zelada, Gil Barbara, J.C.França, Jean Galvão, João Velho, Luciana Terceiro, Luiz F. Dias, Marcelo Martinez, Mario Jorge Passos, Maurício L. Sadicoff, Néria Dejulio, Orlando, Pavão, Ricardo Cavallini, Ricardo Serpa, Roberta Zouain, Roberto Conti, Samuel Casal, Silvio AJR, Tom B*

Fotolitos: *Input*

Impressão: *Copy Service*

Distribuição exclusiva para o Brasil: *Fernando Chinaglia Distribuidora S.A. Rua Teodoro da Silva, 577 CEP 20560-000 – Rio de Janeiro/RJ Fone: 21-879-7766*

Opiniões emitidas em artigos assinados não refletem a opinião da revista, podendo até ser contrárias à mesma.

Find...

***Macmania** é uma publicação mensal da Editora Bookmakers Ltda.*
Rua Topázio, 661 – Aclimação
CEP 04105-062 – São Paulo/SP
Fone/fax: 11-3341-5505

Mande suas cartas, sugestões, dicas, dúvidas e reclamações para os nossos emails:
editor@macmania.com.br
arte@macmania.com.br
marketing@macmania.com.br
assinatura@macmania.com.br

Macmania na Web:
www.macmania.com.br

O Mac na Mídia TONY DE MARCO

DEBORAH SECCO APAVORA NO SITE DA GLOBO

Sei que vai ser difícil, mas se você conseguir parar de olhar para a carinha da Deborah, para a mãozinha da Deborah, para a bundinha da Deborah e prestar atenção no cenário, vai notar um iMac dos velhos na foto da esquerda e um iMac dos novos na da direita. Tá bom, esquece essa história de iMac e confere o resto no Paparazzo: www.paparazzo.com.br

CLASSE É CLASSE

O iMac mostra que é do povo e faz bonito num anúncio classificado da loja de móveis Tocco. Tudo em 3 vezes sem juros ou até 8 vezes, menos o computador, é claro.

CLASSE É CLASSE 2

Pelo visto, o mercado de móveis tá dominado. No escritório ou em casa, o negócio é ter um iMac, que é pequeno e cabe em qualquer canto.

JASON OS X

Se até o sagrado sistema operacional da Apple mereceu um upgrade de arrepiar os cabelos, por que não um dos mais demoníacos vilões do cinema? Jason, do famigerado filme Sexta-Feira 13, reformou geral.

OS ÚLTIMOS SERÃO OS ÚLTIMOS

Depois de chegar por último no mercado de Internet grátis, o iBest deve ser o último a fazer um anúncio com o iMac velho, pois é óbvio que o novo iMac vai exercer um poder tantalizante sobre os publicitários devido à sua beleza, arrojo e maleabilidade.

Mande sua colaboração para arte@macmania.com.br ou para a Editora Bookmakers: Rua Topázio, 661 - São Paulo - SP - CEP 04105-062.

www.laerte.com.br

Meninos, eu vi!

Leitor da Macmania visita uma loja da Apple nos EUA e nos conta sua experiência

"Como dezembro é o mês das coisas que não existem ou ninguém nunca viu – de Papai Noel até paz entre todos os povos – resolvi aproveitar uns dias que passei em Washington para checar se pelo menos as tais lojas da Apple existem de verdade.

Isso porque, até agora, não tinha ouvido nenhum comentário a respeito de alguém que tivesse ido até uma delas. E não é para menos. Afinal, nenhuma fica nas famosas avenidas das cidades americanas. São todas afastadas do centro. A de Washington, por exemplo, que foi aberta em 1º de dezembro, fica na verdade em Clarendon – a quase 50 minutos de metrô de onde eu estava. Aliás, ponto para o site da Apple, que indica corretamente como chegar a cada uma das lojas de metrô, de carro ou ônibus. 2700 Clarendon Blvd. Lá estava eu. Mas cadê a loja? Esse número pertence a um pequeno shopping a céu aberto. Quase uma praça rodeada de lojas. Dava para ler facilmente onde ficava a Barnes&Noble e a Pottery Barn. Só não conseguia achar o nome "Apple" em lugar algum. E nem achei. A fachada da loja é extremamente discreta. Não tem letreiro, só duas maçãs laterais. Entrei. Para quem gosta da marca, é um parque de diversões. A variedade de coisas reunidas, todas compatíveis e extremamente bem organizadas, surpreende.

A apresentação da loja, como não poderia deixar de ser, tem o padrão Apple: elegante, *clean* e moderna.

Não sei se a sensação é a mesma para os americanos, mas, para nós brasileiros, acostumados a poucas e caras ofertas de software e hardware, a loja parece um sonho. Os vendedores sabem tudo sobre cada um dos produtos. Só para testar a qualidade do serviço, resolvi colocar mais memória no meu Titanium. A vendedora disse que demoraria 15 minutos para instalar.

Dei o "OK" e fui checar cuidadosamente a loja toda.

Todos os Macs da loja usam AirPort e estão conectados à Internet.

As câmeras digitais – fotográficas e filmadoras – podem ser utilizadas para teste. Scanners e impressoras não estão ligados, mas tão logo me aproximei delas, um vendedor avisou que, se eu quisesse, ele poderia ligar aquela que eu desejasse a um Mac para checar a qualidade de impressão.

No fundo da loja, um telão mostra os gráficos do iTunes da música ambiente da loja. Próximo ao telão, três bancos delimitam um espaço usado para pequenas palestras ou cursos. Segundo me informaram, todas as lojas possuem uma agenda bastante movimentada desse tipo de evento.

Ainda não tinha acabado de ver tudo quando fui informado de que o meu computador estava pronto. OK. Hora de ir. Já de saída, senti falta de uma coisa: aquela seção de camisetas, mouse pads etc. com a marca da Apple. Não há nada desse tipo por ali. E talvez nem precise.

Só para me vingar, perguntei, já na porta, se havia alguma coisa para PC. A vendedora, que fez questão de me levar até a saída, sorriu e disse que "alguns" programas também funcionam em PCs.

Saí. E como agora já vi que existem lojas da Apple, comecei a pensar que Papai Noel talvez exista também. E quem sabe não traga de presente em 2002 uma dessas para nós no Brasil."

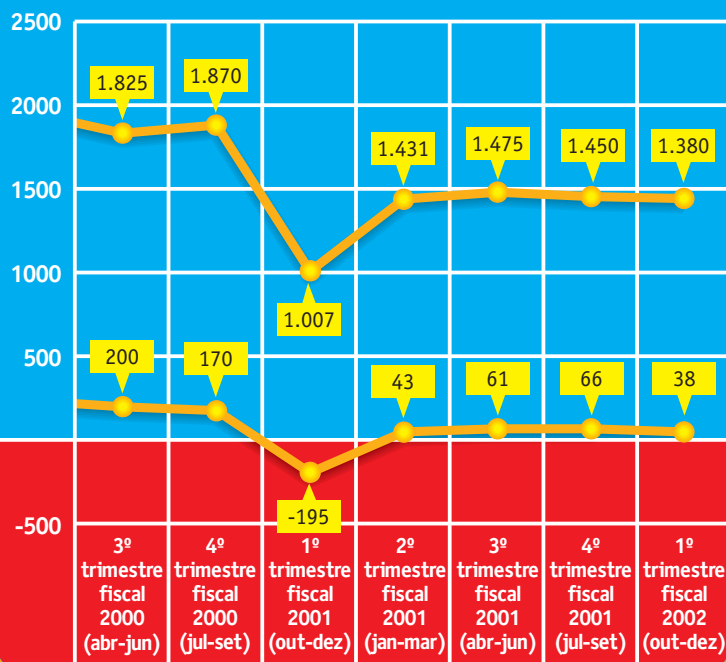
Rui Branquinho
rui@branquinho.com
Publicitário, não resiste a qualquer produto com uma maçã estampada.

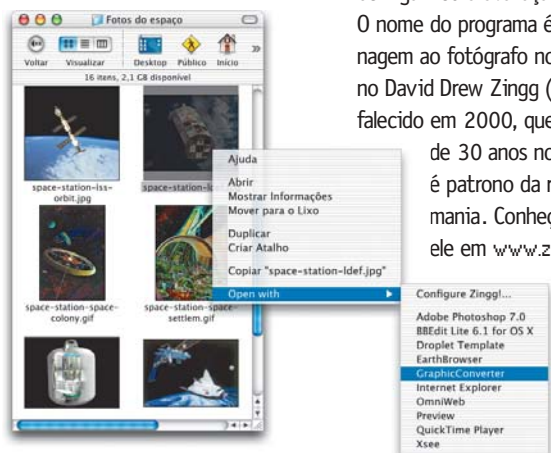
Vai faltar iMac em 2002

Apple diz que não conseguirá suprir toda a demanda nos próximos meses

No mesmo dia em que anunciou lucro de US$ 38 milhões da **Apple**, o vice-presidente de finanças Fred Anderson avisou que a empresa não conseguirá entregar a tempo todos os iMacs encomendados. As vendas estão maiores do que o esperado. Para conseguir fabricar todos os iMacs pedidos, a Apple diz que precisará de pelo menos um trimestre. Desde o velho iMac, que saiu há três anos, nenhum produto da Apple teve tantas encomendas quanto este na primeira semana após lançado. Anderson também está otimista com o próximo trimestre fiscal. Março é um mês em que tradicionalmente há uma transição na produção. A empresa, tem três novos produtos fortes: o novo iMac, o Mac OS X e o iPod. Sem contar os portáteis: só o iBook vendeu 600 mil unidades do modelo branco desde que foi lançado, em maio – o dobro de vendas do modelo original em 20 meses.

Apple segue firme no azul

A **Apple** anunciou os resultados financeiros do primeiro trimestre fiscal de 2001/2002, que compreende os meses de outubro a dezembro. O lucro foi de US$ 38 milhões (US$ 0,11 por ação), bem abaixo dos US$ 66 milhões (US$ 0,19 por ação) do trimestre anterior. No entanto, esses resultados são superiores aos do mesmo período no ano fiscal de 2000/2001, quando a empresa teve um prejuízo de US$ 195 milhões. A Apple faturou US$ 1,38 bilhão – 37% a mais que em 2000. As vendas fora dos EUA representaram 48% do faturamento e 746 mil Macs foram vendidos no período. O principal lançamento do período, o iPod, vendeu mais de 125 mil unidades. A empresa teve um trimestre sólido em comparação ao das outras empresas de informática, que passam por uma péssima fase devido à recessão americana, agravada após os atentados de 11 de setembro. Fred Anderson, vice-presidente financeiro da Apple, anunciou que ela tem US$ 4,4 bilhões em caixa. Com o sucesso inevitável do novo iMac, o segundo trimestre da Apple tem tudo para ser melhor. E as margens brutas de lucro continuam ao redor de 30%, o que é um aparente paradoxo: a Apple investe muito mais em desenvolvimento de produtos que a indústria de PC, e esta (com a única exceção da Dell) vem sofrendo sérias perdas, mesmo com margens de 10% ou menos. Tudo isso motivou uma reportagem extensa intitulada "O Futuro da Apple" na revista *Business Week* – ironicamente, a mesma que tinha "enterrado" a Apple em 1997. O conteúdo da matéria se resume em: "finalmente, a Apple tem tudo que precisa para florescer".

Zingg! abre a coisa certa

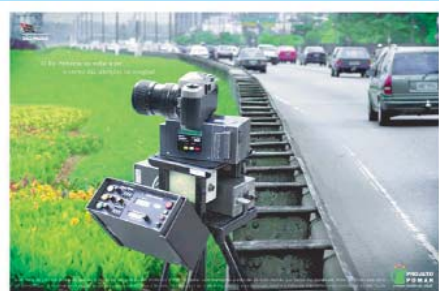
Ele conseguiu de novo. Depois de emplacar o XRay como um dos freewares para OS X mais baixados da temporada, Rainer Brockerhoff – desenvolvedor brasileiro e membro do conselho editorial da Macmania – emplacou mais um. **Zingg!** é um item de menu contextual que dá a opção de abrir um determinado arquivo com qualquer aplicativo compatível, compensando a falta do esquema Type/Creator de associação e "turbinando" o anêmico menu contextual do sistema. Simples e eficaz. O programa, que está na versão 1.1, teve mais de quatro mil downloads em 24 horas no VersionTracker.com. Na avaliação dos usuários que baixaram o programa, ele recebeu cinco estrelas. O xRay também ganhou a avaliação máxima. O nome do programa é uma homenagem ao fotógrafo norte-americano David Drew Zingg ("Tio Dave"), falecido em 2000, que morou mais de 30 anos no Brasil. Zingg é patrono da revista Macmania. Conheça mais sobre ele em www.zingg.com.br.

Macs no Rio

O macmaníaco carioca agora tem um novo lugar para comprar seu Mac e aprender a usá-lo. A **MacInRio** resolveu inovar com um método de "treinamento delivery". Seguindo a filosofia "o melhor modo de um pokaprátika aprender a fuçar no Mac é na sua própria máquina", eles mandam o professor para a casa ou trabalho do cliente. O serviço é disponível apenas na cidade do Rio de Janeiro e custa a partir de R$ 290 para usuário doméstico e R$ 200 (por funcionário) para pacote de empresas. Além das aulas, o cliente ganha um CD com aplicativos para serem usados no curso. Fora o treinamento, a MacInRio também faz assistência técnica, instala softwares, reconfigura o Mac OS e monta redes. O serviço é cobrado por mês. Desde o começo do ano, a loja também está vendendo Macs a juros bem razoáveis. A loja possui taxas que variam de 2,95% a 3,3%, um pouco abaixo dos 3,8% das tradicionais financeiras. Um G4 733 MHz em 36 vezes sai por R$ 356,89 ao mês. Além disso, a revenda distribui brindes, como memória RAM, e dá três meses de assistência técnica gratuita.

Endereço: Rua Arnaldo Quintela, 109, Loja A - Botafogo.
Site: www.macinrio.com Email: macinrio@macinrio.com
Tel.: 021-2295-4545/2295-0888

Aos vencedores, os Macs

Veja o que pensam, o que fazem e quem foram os ganhadores do Prêmio Apple de Criatividade 2001

1º lugar - Jovens Profissionais: "Folha"
Pedro Guerra V. Santos e Mauro Marques C. Santos
Santos/SP
pedroguerra62@hotmail.com
m2papito@bol.com.br

2º lugar - Jovens Profissionais: "Radar"
Jeremias Pereira e Edson Kerber
São Paulo/SP
jeremiaspereira@bol.com.br
edson.kerber@loweworlwide.com

3º lugar - Jovens Profissionais: "Placas"
Eduardo Moliterno e Bruno Eduardo Chaves Godinho
São Paulo/SP
eco@agenciaclick.com.br
brunogodinho@uol.com.br

Eles estão felizes da vida. Tiraram foto ao lado dos manda-chuvas da Apple Brasil, apertaram a mão do secretário do Meio Ambiente de São Paulo, Ricardo Trípoli, e comeram os quitutes da festa de premiação, que aconteceu em dezembro no Sesc Vila Mariana. Os vencedores do **Prêmio Apple de Criatividade 2001** (que contou com o apoio da Macmania) agora são orgulhosos proprietários de Macs (o merecido presente recebido pela vitória) e, mais importante, cacifaram seus nomes no concorrido mercado de publicidade nas áreas de mídia impressa, Web e vídeo. Mas quem são os vencedores que desbancaram 2500 trabalhos inscritos no prêmio?

Aqui estão os 12 trabalhos que venceram nas categorias Estudante, Jovem Profissional, Vídeo e Web design. Houve ainda a categoria Professores e Faculdades. O professor Giovanni Marangoni, da ESPM-RJ, ganhou por ter o maior número de alunos entre os 100 primeiros colocados, e a Faculdade Estácio de Sá por ter mais alunos inscritos.

A dupla que ficou na primeira colocação da categoria Jovem Profissional, Pedro Guerra Vieira e Mauro Marques Carvalho, com a peça "Folha", levou uma viagem para Cannes. O par, que trabalha em uma agência fora do circuito Rio-São Paulo, em Santos, está agora com a esperança de subir a serra com a ajuda do prêmio. "Gostaríamos muito de ir para uma agência na Capital. Quem souber de alguma coisa, por favor entre em contato", diz Pedro. Não são só eles que botam fé de que o prêmio dará um empurrãozinho na carreira. Guilherme Kanso, que faz dupla com Rafael Goulart (primeiros colocados na categoria Estudante com o trabalho "Suporte") disse: "futuramente devo sair em busca do meu objetivo, que é trabalhar em São Paulo. Atualmente trabalho em Campinas, na Matisse Propaganda." Rafael e Guilherme estudam publicidade na Unip.

Aliás, segundo a Apple, houve um grande número de inscritos que moram no interior de São Paulo ou em outros Estados como Minas Gerais, mesmo sendo o tema do prêmio desse ano tipicamente paulistano, o Projeto Pomar. Dos 12 trabalhos premiados, cinco não eram nem de São Paulo nem do Rio. Havia até ganhadores que não trabalham com Macintosh e fizeram parte do trabalho em PC. Como Elisa Rocha Agostinho, terceira colocada na categoria Web design. "Meu parceiro de prêmio, Oscar Christofani Segovia, tem um Macintosh em casa e nosso site foi feito nele, com alguns pequenos ajustes no PC para garantir que todos pudessem ver a peça do mesmo modo".

Rodrigo Burdman, segundo colocado na categoria

1º lugar - Web design:
Emerson Bergamaschi
Bauru/SP
emerson.roberto@lecom.com.br

2º lugar - Web design:
Luiz Dacosta
Niterói/RJ
luiz.dacosta@uol.com.br

3º lugar - Web design:
Oscar Christofani Segovia e Elisa Rocha Agostinho
São Paulo/SP
oxk@meltmen.com.br
elisa@ieg.com.br

1º lugar - Estudante: "Suporte"
Guilherme Kanso e Rafael Goulart
Campinas/SP
guikanso@terra.com.br
rafgoulart@uol.com.br

3º lugar - Estudante: "Lancheira"
Vlademir Rapchan e Felipe Cotta Cardoso
São Paulo/SP
charlie_parker@bol.com.br
felipe.c@uol.com.br

2º lugar - Vídeo: "Puzzle"
Roberto Seba e Hélio Gualberto
Vitória/ES
lhseba@escelsa.com.br
heliogual@uol.com.br

2º lugar - Estudante: "Feijão"
Rodrigo Burdman e Marcelle Villar
Rio de Janeiro/RJ
burdman@bol.com.br
marcelle_villar@mccann.com.br

1º lugar - Vídeo: "Ameba"
Fernando Suzuki
São Paulo/SP
yoshi@onda.com.br

3º lugar Vídeo: "Aula de Cidadania"
João Landi Guimarães
São Paulo/SP
jclguimaraes@hotmail.com

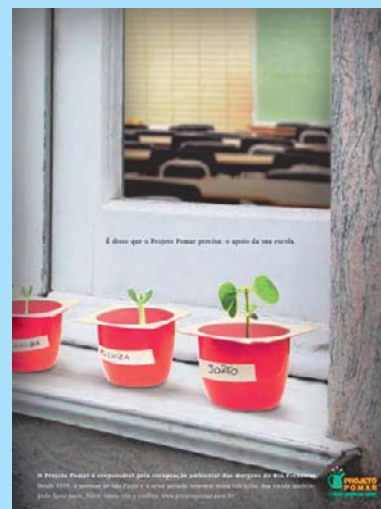
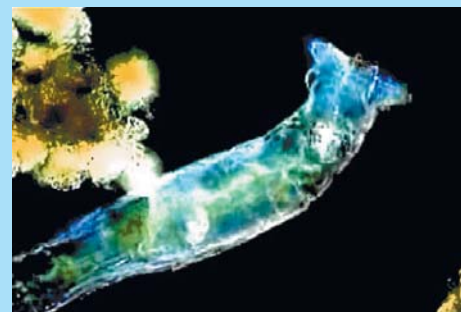
Estudantes, viu pela primeira vez um Mac por influência de um ex-sogro, que era designer de jóias e tinha um Power Mac 7200. "Lembro que fiquei bestificado com o mouse de um botão e a interface. Achei muito maneiro o disquete sair do drive através do Trash," relembra. O primeiro Mac de Rodrigo será o iMac ganho no concurso. Até então ele só tinha um PC na sua casa, agora doado para sua irmã mais nova.

Primeiro colocado na categoria Web, Emerson Bergamaschi só teve contato com Mac na faculdade. Mesmo assim, ele é veterano de Prêmios Apple. Esta é a terceira edição da qual participa. "Considero razoável minha experiência com Mac, apesar de ela ser restrita à universidade, há cerca de três anos. Mas agora com o prêmio em mãos, o iMac, tenho certeza de que isso vai mudar. Afinal, qual o designer que nunca sonhou em ter um Mac?".

Outra característica comum entre os vencedores é aquela atitude de deixar quase tudo para a última hora. Foi o tal de "a pressa é amiga da quase perfeição". "Tive a idéia para o projeto quase que imediatamente, mas fui empurrando com a barriga durante meses antes de executá-la", conta Luiz Dacosta, que não fosse o prazo prorrogado por alguns dias não teria levado o segundo lugar de Web design. "Como todo bom brasileiro, deixei para fazer o projeto na última semana do prazo e tentei enviar o material na véspera do término das inscrições."

Mesmo feliz com o prêmio, a dupla Edson Kerber e Jeremias Pereira (segundo lugar em Jovem Profissional) queria mais – a primeira colocação. Isso porque Edson tinha ficado em segundo lugar no prêmio no ano retrasado. Já para Jeremias, o prêmio pode ser a salvação. Desde o começo do ano, ele engrossa a fila dos publicitários desempregados e acredita que com o Mac pode ser mais fácil encontrar uma nova vaga no mercado.

Todo vapor em 2002

Não foram só os ganhadores que ficaram contentes. A Apple ficou satisfeita com os resultados do Prêmio do ano passado. "Na categoria Estudantes, mais de 100 escolas foram representadas. Esse volume é três vezes maior que o de 2000. Nós não poderíamos estar mais felizes", festeja Celeste González, Gerente de Marketing da Apple Brasil. Sobre o prêmio deste ano, a Apple guarda segredo sobre o tema. "Todas as informações são confidenciais, para que todos os participantes tenham as mesmas oportunidades. Mas posso adiantar algumas coisinhas. Veremos algumas mudanças no programa em 2002. A primeira delas é que seu início e término ocorrerão mais cedo", diz Celeste. Outra novidade é a expansão internacional do prêmio que também acontecerá na Argentina e no México. Segundo Renata Schiavone, Consultora Educacional da Apple, o tema deste ano será surpresa, mas não perderá o enfoque social da proposta como o do ano passado com o Projeto Pomar. **M**

O FUTURO É PLANO

POR HEINAR MARACY · FOTO CLICIO

Segunda-feira
Este vai ser grande. Até para os nossos padrões.
Terça-feira
Conte os dias. Conte os minutos. Conte em ficar bestificado.
Quarta-feira
Além dos sites de boatos. Muito além.
Quinta-feira
É como uma credencial de palco para o futuro.
Sexta-feira
Audaciosamente indo onde nenhum PC jamais esteve.
Sábado
Velocidade máxima à frente. Luxúria fator 10.
Domingo
Só mais uma noite sem dormir.

Nunca um lançamento da Apple foi precedido por tanto *hype*, especulações e boatos quanto o novo iMac, apresentado em 7 de janeiro, na abertura da Macworld de San Francisco. Grande parte do barulho foi criada pela própria Apple, em sua home page. A cada dia, uma frase de efeito deixava os macmaníacos mais ansiosos para saber o que o tio Steve iria tirar da cartola. Depois da má impressão das poucas novidades da Macworld de Nova York, em julho, era natural que todos esperassem produtos estonteantes desta vez.

É bom não esquecer que Jobs, além de gênio dos negócios e do Mal, é antes de tudo um gênio do marketing. Resolveu dar uma pilha no tradicional buxixo que acontece antes de cada Macworld e até adiantou seu keynote speech (discurso de abertura) em um dia para poder ser capa da revista Time no mesmo dia (quase vendo seu feitiço virar contra o feiticeiro).

A grande pergunta é: será que vale a pena atiçar a curiosidade da mídia, cutucar os sites de boatos com vara curta e estimular tanto a imaginação dos usuários antes de lançar um produto? Isso não é correr um risco muito grande de ver um lançamento revolucionário ser recebido com comentários do tipo *"Ah, mas é SÓ um G4 minúsculo com tela plana que grava DVDs e três vezes mais barato do que o modelo do ano passado"*?

Hype *(ráipe):* promoção de um produto, evento ou personalidade através de afirmações exageradas ou desproporcionais.

O fato é que a Apple decidiu correr o risco, e quem não botou muita fé nos boatos que precederam o evento não acreditou no que viu. Sim, um iMac de tela plana não é nada "muito além dos sites de boatos": pelo contrário. Todo mundo já previa que esse era o caminho natural a ser seguido pela Apple. Afinal, há mais de um ano ela vem pregando a morte do monitor de garrafão de vidro. Só que ninguém conhecia a capacidade dos designers da Apple em criar algo tão *diferente*. Ninguém – repito, ninguém – jamais imaginou um computador com a forma e funcionalidade do novo iMac.

Simples e natural

Não, ele não se chama "iMac Flat Screen", "iMac G4" nem "iMac II". Seguindo as diretrizes da Era Jobs, o nome é simplesmente iMac, e o anterior passou a ser "o velho iMac".

Não é preciso chegar perto para perceber que ele é um prodígio do design, da engenharia e da absorção de custos. Reza a lenda (ou melhor, o marketing) que ele foi concebido por Jobs e seu designer-chefe, Jonathan Ive, em um passeio pela horta da mulher de Steve, onde eles cultivam suas refeições vegetarianas. Ive vinha tentando criar um iMac com um monitor LCD gordinho, unindo a CPU à tela plana numa peça só. Steve não ficou contente. O design era óbvio, mas não *suficientemente* óbvio. Eles decidiram que cada componente deveria seguir sua vocação natural. O drive óptico deveria permanecer horizontal, para não comprometer o seu desempenho. A CPU ficaria na base, com seu peso dando equilíbrio ao conjunto. A tela permaneceria livre, fina e flutuante, e ligada à base por um braço móvel articulado para aproveitar toda a sua nova liberdade. Estava criado o "computador-girassol", ou melhor, o "computador-luminária".

A Apple conseguiu radicalizar sua idéia de computador pessoal: economia de espaço, ergonomia, facilidade de uso e cara de objeto de decoração ou eletrodoméstico futurista. *Tudo isso junto.*

Quase sem incidentes

Quando foi apresentar o iPhoto, Steve Jobs pegou uma câmera digital e disse "basta ligar..." Todo mundo começou a rir, lembrando do fracasso da câmera na Macworld de Nova York, em julho. A máquina não falhou desta vez, mas Steve deu uma demoradinha para aumentar o suspense. Pouco depois, o iPod se recusou a sincronizar com o iTunes. "Bem, vocês sabem como ele *deveria* funcionar", disse Jobs, e passou para o próximo assunto rapidinho.

Fotos Rodrigo Pellicciari

os números

Processador (MHz)	RAM (MB) e HD (GB)	Drive óptico*	Preço (US$)	Lançamento (EUA)
G4/800	256/60	SuperDrive (8x8x24x)	1.799	Janeiro
G4/700	256/40	Combo (12x8x32x)	1.499	Fevereiro
G4/700	128/40	CD-RW (24x10x32x)	1.299	Março

Altura: 32,9 cm a 50,9 cm (depende da posição da tela)
Diâmetro da base: 27 cm
Peso: 9,7 kg
Conexões: três portas USB, duas portas FireWire, Ethernet, saída de vídeo VGA, modem interno 56 k V.90, pronto para AirPort.
Vídeo: NVIDIA GeForce2 MX com AGP 2X, 32 MB de memória de vídeo; resolução máxima de 1024x768 a milhões de cores.
*As velocidades listadas são para gravação de CD-R e CD-RW e de leitura de CD. O drive combo lê DVD a 8x. O SuperDrive lê DVD a 6x e grava DVD-R a 2x.
Cor: branco fosco com moldura da tela transparente, pescoço de aço cromado e mouse e teclado brancos

1 Fones
2 Alto-falantes
3 FireWire
4 Ethernet
5 Energia
6 Modem
7 USB
8 Saída de vídeo

bem sacado

Esse iMac pede para ser tocado e usado. Ergonomicamente falando, não há nada mais próximo do natural do que sua tela móvel com um "pescoço" capaz de se movimentar 180 graus para os lados e 90 graus na vertical. Ela pode ser colocada quase acima do teclado, mais perto dos olhos, e acaba com o velho problema da tela muito baixa ou muito alta que causa problemas na coluna. O LCD é de excelente qualidade, permitindo um ângulo de visualização de 120 graus na horizontal.

O hemisfério branco com a maçã cromada na frente (apelidado por aqui de "pão de batata") lembra uma base AirPort e ocupa pouco espaço em cima da mesa: 27 cm de diâmetro de área ocupada, menor até que a de um PowerBook. A fonte de força está embutida na base – um salto de concepção em relação ao Cubo, que precisava de uma fonte-tijolo extra que destruía a magia do design compacto. O teclado e o mouse óptico agora são brancos para combinar.

Rodrigo Pelliciari

Segundo Jobs, foram dois anos de pesquisa para se chegar ao formato do novo iMac. Com ele, a Apple volta a ficar a anos-luz do resto da indústria de informática. De uma hora para outra, todos os PCs do mercado (incluindo o iMac roxinho que tenho aqui na minha frente) viraram, literalmente, coisa do século passado.

Mas não é só no design que o novo iMac é diferente e interessante. Por dentro, um processador G4 de 700 ou 800 MHz (dependendo da configuração escolhida) leva

time "fura" lançamento

O iMac de tela plana teve sua cara mostrada antes do esperado por Steve Jobs, graças a um "furo" da revista Time. Ela foi o único veículo a ter a permissão de conhecer o novo iMac antes da hora e retribuiu com uma generosíssima matéria de capa. Aparentemente, a idéia da Apple era que a revista chegasse às bancas norte-americanas na segunda-feira, mesmo dia do *keynote speech*. Mas o site canadense da Time colocou o artigo no ar no domingo à noite. A notícia do "vazamento" correu pela Internet como fogo em pavio. Em questão de minutos, os sites de rumores (que até então estavam totalmente "perdidos" sobre o que iria de fato ser lançado) colocaram links, espalharam cópias das imagens e repetiram trechos do texto da matéria.

Horas depois, na madrugada de segunda, *o site inteiro* da Time Canada foi desligado, com a sua URL apontando para o site americano da revista. Mas

Os precursores

A maioria das pessoas não precisou ser lembrada da semelhança entre o novo iMac e a mascote da Pixar, Luxo Jr. (acima, em cena do filme homônimo de 1985).
A luminária Luxo, criada entre 1932 e 37 e fabricada até hoje com poucas mudanças, foi a primeira a usar um braço articulado com molas de compensação da gravidade.
Por sua vez, a tela móvel e destacada do resto da eletrônica definia a clássica TV Philco Predicta, fabricada entre 1958 e 60.

enquete

Perguntamos no nosso site, em dezembro:
"Qual vai ser o próximo lançamento não-Mac da Apple, depois do iPod?"

36,6%
Um PDA com acesso *wireless* à Internet e a outros Macs

22,4%
Um computador-tablet com reconhecimento de escrita

20,1%
O *iBoogle,* um cachorro-robô que busca coisas na Internet, imprime e traz para o dono enroladas na boca como um jornal

11,3%
Um tocador de QuickTime (filmes, música, Flash), com visor de cristal líquido

9,6%
O *iHub,* aparelho que liga todos os seus aparelhos eletrônicos (TV, som, DVD) à Internet

potência para o usuário doméstico, antes preso aos processadores G3. O chip acelerador de vídeo GeForce2 não é a última palavra em tecnologia gráfica, mas coloca o iMac em pé de igualdade com os consoles de jogos do momento. Com essa configuração, o desempenho do iMac ficou bem próximo ao dos modelos profissionais, mas não chega a empatar. Um Power Mac G4 de mesa com o mesmo clock ainda fica 10 a 20% mais rápido, pois o iMac não possui o *backside cache* de 2 MB e o *bus* (barramento) é de 100 MHz em vez de 133 MHz.

Fracos e fortes

O único verdadeiro ponto negativo é o uso da memória RAM padrão SO-DIMM (a mesma do iBook, do PowerBook Titanium e dos primeiros iMacs) em vez da PC-133, muito mais barata, utilizada nos iMacs da geração passada. Ele também tem um slot para a memória PC-133, mas não é facilmente acessível e já vem preenchido por um pente de 128 MB ou 256 MB, dependendo do modelo. Ou seja, se você pretende levar seu iMac ao limite de 1 GB de RAM alardeado por Jobs, vai ter que levá-lo a uma assistência técnica para que troquem o pente de memória original.
Jobs confundiu um pouco a platéia ao afirmar que o novo iMac possuía *cinco* portas USB. Na verdade, isso só acontece se você contar as do teclado. Ou seja, após plugar mouse e teclado, sobram três portas livres (duas na base, uma no teclado). Há também uma saída de vídeo SVGA idêntica à encontrada nos novos iBooks (mas só para espelhamento).
O que realmente liga é o SuperDrive (o gravador e leitor de CDs e DVDs), disponível no modelo topo de linha. Finalmente a autoria de DVD chega ao usuário comum. Agora, mais de um ano depois de seu lançamento, o iDVD começa a fazer sentido. O SuperDrive é o drive dos sonhos de qualquer macmaníaco, não só pela capacidade de criar filminhos que passeam em qualquer DVD player, mas também por gravar becapes em disquinhos de 4,5 gigas. Não é à toa que o modelo com SuperDrive foi o primeiro a chegar ao mercado, no final de janeiro (aportando no Brasil provavelmente em março). Existem duas outras configurações (uma com drive Combo e outra com CD-RW), que serão lançadas respectivamente em fevereiro e março. Até lá, o iMac antigo ainda será vendido.

Mobilidade da tela é o "feature matador"

Não dá para acusar o novo design de ser simplesmente um chamariz. Ele resolve de forma genial o perpétuo problema ergonômico do posicionamento do monitor. E quando a máquina está em uso, o gabinete hemisférico some de vista por trás da tela, dando a sensação de que ela está flutuando no ar. Nota dez em elegância.

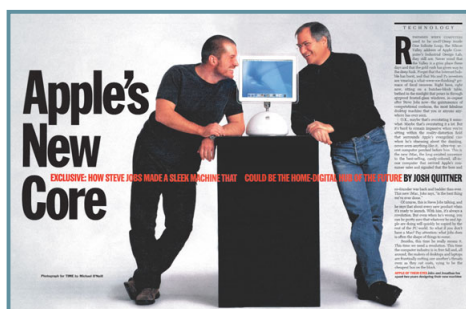
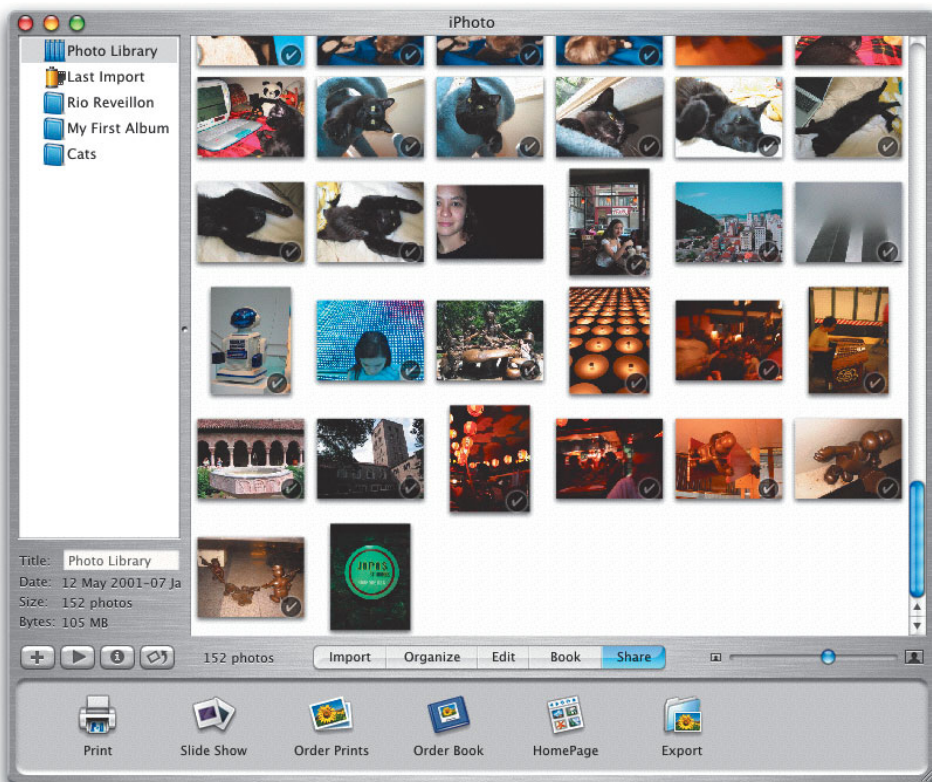
isso não impediu que, na hora da apresentação do iMac, a maioria já soubesse o que iria ver. Steve até fez piada: "alguns de vocês já devem ter visto".
O incidente acabou chamando mais atenção ainda para o lançamento do iMac do que se tudo tivesse corrido sem desencontros. Os mais cínicos juram que o "furo" não passou de mais uma brilhante armação de Steve Jobs.

TECHNOLOGY

Apple's New Core

EXCLUSIVE: HOW STEVE JOBS MADE A SLEEK MACHINE THAT COULD BE THE HOME-DIGITAL HUB OF THE FUTURE BY JOSH QUITTNER

TECHNOLOGY

"Instead of looking like the old iMac, it should look like a sunflower."

Steve Jobs voltou a falar da estratégia do "Hub Digital", apresentada pela primeira vez na Macworld de San Francisco do ano passado (quando foram lançados iTunes, iDVD e iMovie 2). Considerado "o futuro do computador pessoal" pela Apple, o Hub Digital foi explicado como sendo composto de quatro áreas: áudio (iTunes), vídeo (iMovie), DVD (iDVD) e fotografia digital. Essa foi a deixa para apresentar o iPhoto, um programa para importar, editar, catalogar, imprimir e compartilhar fotos digitais. Quem tem uma câmera digital e o Mac OS X deve ir imediatamente ao site da Apple e baixar o iPhoto. É de graça e, de longe, a maneira mais fácil

Bem-vindo ao iPhoto

O iPhoto é o seu "Finder para fotos". Em vez de renomear seus arquivos, ele atribui palavras-chave às imagens e traz várias possibilidades de organização ortogonal

de organizar as centenas de fotos que você provavelmente possui em seu HD.

O iPhoto segue uma metáfora que Steve chamou de "caixa de sapatos digital": cada descarga da câmera vira um "rolo de filme virtual". As fotos são baixadas automaticamente ao plugar a câmera e colocadas em uma biblioteca *(library)*, onde são representadas por ícones cujo tamanho é ajustável em tempo real na janela de visualização. Você associa palavras-chaves às fotos (família, viagens, amigos etc.) para depois poder selecioná-las por assunto. É possível também criar álbuns, semelhantes às *playlists* do iTunes, ou criar livros com várias fotos e textos compostos em páginas para impressão posterior.

Diagrame suas fotos favoritas em um álbum para depois imprimir

O iPhoto traz também ferramentas básicas de correção de imagem, como rotação, *crop* (corte) e redução de olhos vermelhos. Para um tratamento mais sofisticado, você pode escolher um programa de edição de imagens como "auxiliar". Um grande momento da demonstração foi quando Steve comentou que não tinha "Photoshop para OS X" para editar as fotos, fazendo a platéia vir abaixo.

Mas o grande lance do iPhoto é sua capacidade de compartilhar fotos de três maneiras:

• **Slide Show:** com um clique, você mostra um dos seus álbuns na tela do Mac, com suaves transições e a trilha sonora de sua preferência.

• **Álbum na Web:** Mais um clique: *boom!* Suas fotos são carregadas diretamente para uma página pessoal na Web, via iTools (ferramentas de Internet grátis da Apple).

• **Livros e fotos impressas:** Com alguns cliques e algumas tecladas, você cria álbuns que podem ser enviados a um serviço via correio da Kodak que "revela" suas fotos em papel fotográfico, podendo montar um livro de capa dura com elas. Infelizmente, esse serviço só está disponível para entrega nos EUA e Canadá.

O iPhoto também é utilizado pela Apple para demonstrar as capacidades de integração de seus programas com o AppleScript. Na página iPhoto Scripts (www.apple.com/applescript/iphoto) há scripts que acrescentam funções como criar cartões virtuais com fotos e músicas ou colocar fotos como papel de parede (fundo de tela).

Embora seja intuitivo e muito útil, o iPhoto é nitidamente um "produto 1.0". Detectamos algumas limitações em poucos dias de uso:

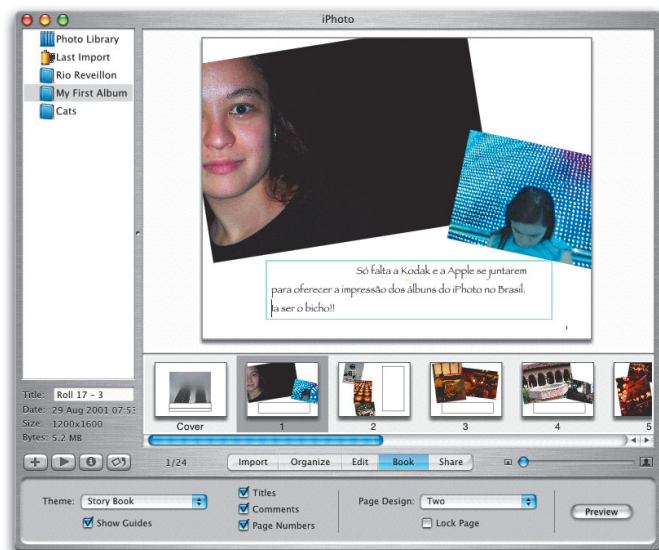
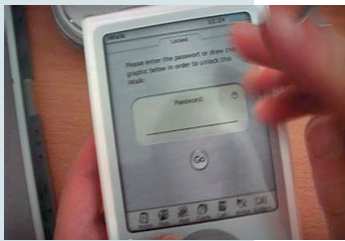
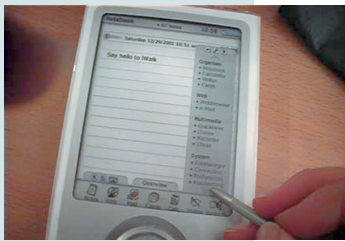
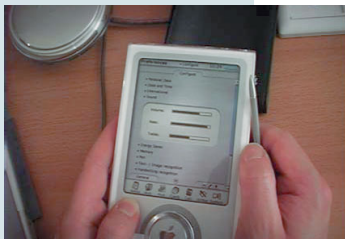
• Falta um ajuste de brilho e contraste para consertar fotos muito escuras ou muito claras.

• O número de imagens na *library* é limitado. Segundo a documentação, cabem alguns milhares de fotos, de acordo com a RAM disponível. Isso é muito pouco em se tratando de fotografia digital e não há como criar uma segunda *library*.

• Não há como escolher onde a *library* vai ser armazenada.

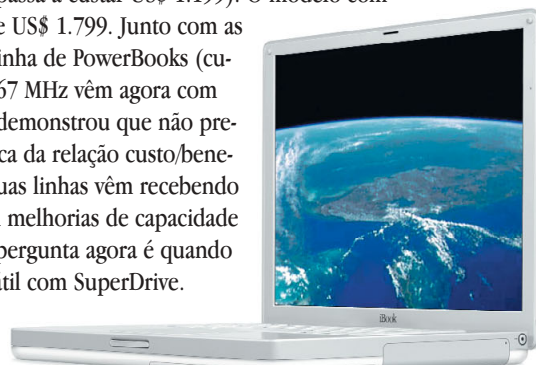
• Não há como mover ou alterar o tamanho das fotos em um livro.

• Diferentemente do iTunes, se você importa fotos já existentes ele faz uma cópia em vez de guardar um alias dela na *library*.

Ou seja, há muito o que melhorar. Mas isso não quer dizer que a versão atual não cumpre seu objetivo de tornar mais agradável o *hobby* da fotografia digital. Muito pelo contrário. Não existe nada parecido com o iPhoto. Ele é uma ótima desculpa para você comprar uma câmera digital, se você tem um Mac, ou comprar um Mac se você tem uma câmera digital.

iWalk virou iWish

Em meio à especulação sobre os lançamentos da Macworld, um *hoax* (pegadinha) se sobressaiu pela qualidade do material e *timing* dramático de seus perpetradores. Uma semana antes da feira, o site Spymac publicou vídeos e fotos de um tal *iWalk,* o PDA que seria o grande lançamento da Apple. As imagens mostravam um aparelho que parecia um cruzamento entre o Palm e o iPod, com uma elaborada interface baseada no visual Aqua e reconhecimento de escrita no estilo do Newton. Girando um botão com o logo da maçã, a tela mudava da orientação vertical para a horizontal.
O boato e os filmes se espalharam imediatamente pela Web, gerando polêmicas sobre sua autenticidade e matérias sobre o "novo produto" na imprensa mundial. Não adiantaram os argumentos de que os filmes foram feitos na Alemanha, que o Spymac é de um escritório de design alemão e que ele já tinha "lançado" o iWalk meses atrás, pouco antes da introdução do iPod.
O povo *quer* acreditar que a Apple ainda vai lançar seu PDA. A pesquisa que fizemos no site da Macmania prova isso. Mas esse sonho parece cada vez mais distante. Jobs tem dado indícios de que acha que o mercado de computadores de mão "é uma fria". O próprio diagrama do "hub digital", que inicialmente trazia um Palm como periférico, agora mostra apenas câmeras digitais, DVDs e tocadores de MP3. Mas quem sabe...

iBook tamanho família

Steve Jobs passou como um rolo compressor sobre o anúncio da nova linha de iBooks, que trouxe uma bela novidade, não prevista por nenhum site de boatos: um modelo maior, com tela de 14 polegadas e drive Combo (que grava CD e lê DVD). Para dar um pouco mais de motivação para as pessoas adquirem o iBook, a Apple abaixou em US$ 100 o preço do modelo básico (que passa a custar US$ 1.199). O modelo com tela de 14" chega com preço de US$ 1.799. Junto com as mudanças recentes na linha de PowerBooks (cujos modelos de 550 e 667 MHz vêm agora com drive Combo), a Apple demonstrou que não pretende deixar cair a peteca da relação custo/benefício dos portáteis. As duas linhas vêm recebendo updates trimestrais com melhorias de capacidade e velocidade. A grande pergunta agora é quando irá sair o primeiro portátil com SuperDrive.

Um bom começo

Nem só de iMac foi feita a Macworld de San Francisco. Steve Jobs começou divulgando várias estatísticas para provar o crescimento da plataforma. O iPod, que não é um Mac mas ajuda a vender Macs, foi um sucesso: vendeu-se 125 mil deles em pouco mais de um mês. A Apple abriu 27 lojas de varejo nos EUA, com uma visitação de 800 mil pessoas somente no mês de dezembro; esta Macworld teve 80 mil pessoas cadastradas para os três dias. 40% das pessoas que compraram nas lojas Apple não eram usuários de Mac. Outro número impressionante foi a venda de 36 mil iBooks para o governo do Estado do Maine, nos EUA – a maior venda até hoje de computadores para o mercado educacional.
A apresentação de Jobs também originou um número mastodôntico: mais de 160 mil pessoas assistiram à sua transmissão pela Internet via QuickTime Streaming – um novo recorde para transmissões ao vivo pela rede.
Sobre o Mac OS X, Jobs não adiantou nada sobre qualquer novo update. Preferiu falar sobre a quantidade de programas lançados para o sistema (são quase 2.500) e chamou para o palco vários desenvolvedores. Shantanu Narayen, vice-presidente executivo da Adobe, falou do lançamento oficial do After Effects e do GoLive e fez uma rápida demonstração do Photoshop 7 para o OS X, mas sem revelar o principal: quando ele chegará ao mercado. Dan Gregoire, da Lucasfilm, precedido por uma aparição-relâmpago de George Lucas com cara de quem não dormiu, mostrou como a Lucas está usando o Maya e o After Effects para criar os mais de 4 mil *animatics* (storyboards animados em computador) do Episódio 2 de "Star Wars".
E para provar que a transição para o Mac OS X está chegando ao final, Jobs anunciou que a partir de agora todo Mac fabricado vai "bootar" diretamente pelo OS X e não mais pelo 9. Isso ainda não quer dizer que o sistema antigo foi abandonado (o Mac OS 9.2 vem instalado também), mas é um aviso: daqui pra frente, só o OS X importa.
Descontado o *hype*, os lançamentos da Macworld foram bem consistentes. A estratégia do hub digital "pegou no breu". O novo iMac traz para o consumidor doméstico grandes vantagens comparativas, que colocam o iMac em uma categoria bem diferente do da concorrência Wintel. E dá sinais de que mais novidades virão logo. Primeiros candidatos: os agora defasados G4 de mesa. Muita gente aguardava que novos Power Macs G4 com velocidades acima de 1 GHz fossem lançados em San Francisco, mas isso não ocorreu. Ao que tudo indica, são a bola da vez.

HEINAR MARACY
Achou o novo iMac lindo, maravilhoso e revolucionário, mesmo com cara de pão de batata.
Colaborou **Sérgio Miranda**

Seu cliente preferencial

Qual é o melhor programa de email?

Quantos endereços de email você tem?

Eu tenho uns quatro, mas conheço gente que tem bem mais, não me pergunte exatamente por quê. À medida que é disseminada a conexão rápida à Internet, os clientes de email ficam cada vez mais presentes em nossas vidas. Há gente que nunca desliga o programa, pois recebe mensagens noite e dia. Em empresas e escritórios isso é ainda mais comum, já que as pessoas acabam preferindo passar um email ao colega em vez de caminhar dez passos e dar o recado pessoalmente. Além disso tudo, temos que enfrentar o grande volume de mensagens que invadem nossas caixas postais diariamente. Elas vêm de diversas fontes: amigos, inimigos, grupos de discussão, newsletters, spam... Some tudo isso e já temos material suficiente para discutir a teoria do caos.

A verdade é que não podemos – ou simplesmente não queremos – dedicar várias horas diárias a triar e organizar o email. Por isso, estamos sempre atrás do programa ideal, que lide com várias contas, classifique as mensagens automaticamente, identifique o que é lixo, gerencie nossos contatos, faça cafezinho e ainda busque as crianças no colégio. É claro que isso é uma grande utopia, mas os programadores estão se esforçando.

Há boas opções, tanto para o Mac OS 9 quanto para o OS X. Então, façamos as honras da casa com uma breve apresentação de cada um deles, e em seguida mostremos como eles se comparam nas funções mais importantes.

por **Márcio Nigro**

Critérios de avaliação

Diferenciais – Confira o que cada programa oferece de especial.

Pontos fracos – Se algum deles fosse perfeito, não estaríamos fazendo este teste comparativo.

Busca – Se você é daqueles que não jogam fora nenhum email recebido, deve ter dificuldades em encontrar mensagens específicas quando precisa delas. Nessa horas, se o programa não oferecer boa ferramenta de busca, talvez você tenha de achar o que quer na unha.

Filtros – Recurso importantíssimo para quem tem que lidar com muitas mensagens diariamente. Automatizam muitas tarefas, como mover mensagens para pastas específicas, redirecioná-las para outrem, jogá-las direto no lixo e uma série de outras que variam entre os programas.

Múltiplas contas – É normal termos mais de uma conta de email. Por isso, é importante que o software que usamos também ofereça acesso e gerenciamento de múltiplas contas simultaneamente e suporte padrões recentes, como o IMAP (que é usado pelo Mac.com).

Composição das mensagens – Como você já deve ter percebido, o pessoal desta revista de modo geral não é a favor de usar HTML para compor mensagens de email. Eis os motivos: as mensagens ficam muito maiores, demoram mais tempo para baixar e carregar e complicam o tráfego de informações na Internet. Não é uma cor de fundo diferente ou um texto em itálico que vai aumentar a efetividade da sua comunicação; chapar o seu texto de código apenas para criar uma mensagem mais bonitinha é o cúmulo da inutilidade. Crie logo uma página na Web e mande o link por email. Além disso, mensagens em HTML podem não ser lidas pelo seu cliente de email, o que oblitera a sua função primária – a de passar uma mensagem.

Scripts – Os clientes de email que oferecem suporte ao AppleScript permitem que você estenda as suas funcionalidades, adicionando scripts que automatizam ou facilitam uma porção de tarefas.

Migração – Quando passamos de um cliente de email para outro, é fundamental saber se a migração será um processo simples e se poderemos manter todas as nossas mensagens, contatos, filtros etc. Conforme veremos, isso nem sempre é possível.

Preço/download – Tenho que desembolsar algum? Se for de graça, onde pego?

Mail

Com o Mac OS X vem o Mail, um programinha ideal para quem só quer usar o Mac OS X e não está procurando um cliente de email em especial. A interface é elegante e funcional, como é de hábito em produtos da Apple. Para economizar espaço, as caixas de entrada e pastas ficam numa conveniente "gaveta" que pode ser recolhida ou expandida. O maior inconveniente do Mail é não gostar de HTML: não compõe mensagens nesse formato nem lê corretamente a maioria delas. E não é possível criar um filtro com dois ou mais parâmetros.

Diferenciais – O ícone do programa no Dock indica o número de mensagens recebidas e não lidas. Vem com o Mac OS X e facilita a configuração de contas de mail no serviço Mac.com. A interface é personalizável de várias maneiras: a gaveta com as caixas de entrada e saída pode ficar do lado esquerdo ou direito, e a ordem de botões nas barras de ferramentas pode ser modificada à vontade. Os endereços de todos os remetentes e destinatários são armazenados automaticamente no Address Book do Mac OS X.

Pontos fracos – O Mail não apresenta corretamente algumas mensagens em HTML e demora para abri-las. Mesmo sendo atualizado a cada update do sistema, ele ainda está razoavelmente bugado: tem o costume de "esquecer" como você deixou a janela principal da última vez que o usou. Só existe para o Mac OS X (o que não é exatamente um defeito).

Busca – Não tem recurso de busca para caixas postais e pastas. Oferece só uma ferramenta básica de filtragem de mensagens dentro da pasta corrente, com as opções de busca no cabeçalho ou corpo da mensagem. Mas a ferramenta dá resultados quase instantâneos, com um índice de relevância para cada resultado. Usa o mecanismo de indexação do Sherlock.

Filtros – Os filtros (chamados de Rules) são bem básicos, oferecendo apenas um critério, sem muitas variáveis, e cinco ações pré-definidas. Deve desagradar aos usuários mais exigentes.

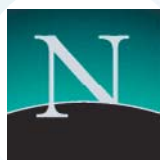
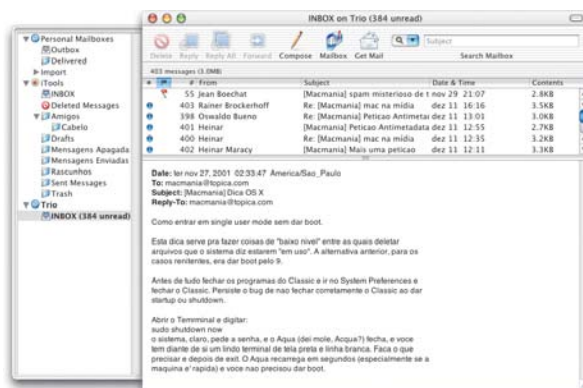
Múltiplas contas – Por ser da Apple, traz opção de conta Mac.com, além de compatibilidade com POP, IMAP e Unix.

Composição das mensagens – Não compõe em HTML, só com Plain Text e Rich Text (desconhecido pelos outros programas de mail).

Scripts – É estranho, mas o programa da Apple não suporta AppleScript. Vai entender.

Migração – Importa caixas de correio *(mailboxes)* do Entourage, Outlook Express, Claris Emailer, Netscape 4.x e Eudora. Usa os contatos do Address Book do OS X, de modo que você terá que importar os contatos para ele.

Preço/download – Só vem pré-instalado com o Mac OS X.

Número de mensagens por ler no ícone do Dock é recurso exclusivo

Netscape

O Netscape Communicator inclui um cliente de email, entre outros programas para Internet. Com a versão 6, ele consegue oferecer – para OS 9 e X – um cliente de email decente, incluindo o recurso de criar várias contas e outros que não existiam nas versões anteriores. Ele é o software preferido de quem gosta de compor mensagens em HTML. Sabe aqueles mails que parecem sites inteiros? Netscape na cabeça.

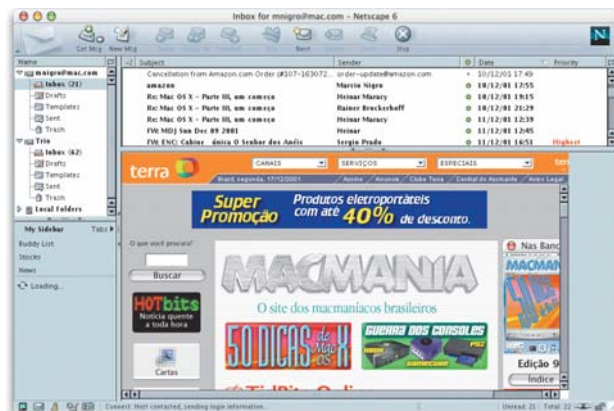
Diferenciais – Se você usa o Netscape 6 para navegar na Web, faz sentido usar o cliente de email embutido nele, para não precisar abrir mais um programa. Ele oferece o maior número de recursos para compor mensagens HTML, o que é também um perigo, já que em 99,9% das vezes o email em texto puro resolve a questão e é mais compatível e leve. Você pode fazer com que uma página de HTML seja carregada automaticamente na área de *preview* de mensagens. A utilidade disso é questionável, já que o Netscape também inclui um browser.

Pontos fracos – Tem muitos bugs esquisitos. Caixas de diálogo podem não aparecer inteiras; às vezes, o conteúdo de mensagens HTML some misteriosamente enquanto elas estão sendo compostas. Fora isso, seu maior problema é justamente o fato de não ser separado do browser, funcionando vagarosamente em Macs G3 de 233 ou 300 MHz com Mac OS X.

Busca – Permite criar vários critérios de busca, combinados ou separados. Mas não faz a pesquisa em todas as caixas de mensagens (o Netscape cria uma caixa para cada conta).

Filtros – É possível determinar vários critérios para cada um dos filtros, mas você tem que se contentar com apenas uma ação, sendo que só existem cinco opções: mover para uma pasta, mudar a prioridade, deletar, marcar como lida ou botar uma bandeirinha *(flag)*. Os filtros são aplicados por conta e não de forma global, o que é, digamos, ligeiramente estúpido.

Múltiplas contas – Cria múltiplas contas POP e IMAP através de um assistente passo-a-passo. Pode usar diferentes servidores de envio (SMTP), mas não deixa associar um usuário específico para cada conta. Além disso, depois de criar a sua conta não dá para editar o nome do servidor POP e o nome do usuário, sabe-se lá porque motivo idiota. Se você quiser corrigir, terá que criar uma nova conta. Pode?

Composição das mensagens – Não existe programa melhor (e mais perigoso) para compor uma mensagem de email. Com ele, você pode criar a mensagem como se fosse uma página HTML, formatando textos, criando links, inserindo imagens em posições específicas etc. Ele conta até com um menu de *emoticons* (carinhas) automáticos em formato gráfico ou de texto, e ainda converte os *emoticons* das mensagens recebidas em gráficos. Também é possível embutir scripts Java. Ou seja: na mão de um Bin Laden digital da vida, o Netscape pode ser uma ameaça. Sem contar que muitas vezes as mensagens criadas em HTML não abrem corretamente, nem mesmo nos programas que suportam o formato.

Scripts – Não suporta AppleScript.

Migração – Importa as configurações do Netscape Communicator e do Eudora.

Preço/download – Freeware. ftp://ftp.netscape.com/pub/netscape6/english/6.2.1/mac/macosx/sea/Netscape6-macosX.smi.bin

Entourage

Com uma versão para OS 9 (a mesma que vem no Office 2001) e outra para o OS X (Office v.X), o Entourage é o herdeiro do Outlook Express e só existe para Mac. Como tudo que a Microsoft faz, o programa oferece muitos recursos, provavelmente bem mais do que você necessita. Além de enviar e receber emails, ele inclui calendário, agenda, lista de tarefas e notas. É certo esse supercliente de email oferece um leque grande de opções e facilidades, mas a compensação é o fato de que só pode ser obtido junto com o Office 2001 ou v.X. Em outras palavras, para tê-lo é preciso pagar, e pagar bem. Tirando esse detalhe...

Diferenciais – Ele certamente pode ser sedutor. Além de ser o único que funciona como um organizador pessoal, promete ser capaz de comunicar-se com seu Palm para sincronizar todas as informações na agenda de endereços, calendário, compromissos, notas e tarefas (um dia, quando lançarem o conduit para fazer HotSync). Outra função interessante são as opções personalizadas de visualização, possibilitando ver todas as mensagens não lidas ou todas as recebidas no dia. Ele ainda oferece a função Reminder, que avisa com minutos, horas ou dias de antecedência se algum compromisso ou evento está para acontecer, e ainda tem a opção Snooze (soneca) para determinar quando o aviso será repetido. É uma bênção para os desmemoriados. Oferece ainda o Junk Mail Filter, um filtro que identifica e separa as mensagens recebidas que podem ser spam.

Pontos fracos – Tem idiossincrasias que podem ser desagradáveis, como o fato de, às vezes, listar seus contatos em ordem alfabética por sobrenome (padrão nos EUA) ou então, passar a ignorar certos filtros de email. No Entourage do OS X, a Microsoft oferece botões grandes acima da lista de caixas postais para facilitar o acesso ao calendário, agenda, notas etc. Para quem usa o programa basicamente para pegar emails e não dá a mínima para o resto, eles só ocupam espaço. Se você é daqueles que cria diversos filtros e pastas para organizar as mensagens que recebe, os botões acabam irritando porque obrigam a usar frequentemente a barra de rolagem para encontrar a pasta desejada – problema não tão comum na versão para OS 9, que traz calendários e afins listados junto com as pastas de email. O que falta é uma opção para fazer esses botões desaparecerem. Mas o pior de tudo mesmo é ter que pagar pelo Office para usá-lo. Ou seja: é, disparado, o cliente de email mais caro que você vai encontrar.

Junk Mail Filter

Enable Junk Mail Filter

The Junk Mail Filter does not affect messages from news accounts.

Sensitivity

Drag left to classify fewer messages as junk, or drag right to classify more messages as junk. To ensure that messages from someone are not classified as junk, add the sender to your Address Book

Low Average High

Do not apply to messages from these domains

Type the domain, the part of an e-mail address that follows "@". For example, type "CompanyName.com" to prevent applying the Junk Mail Filter to messages from that company. Type a comma between domains.

binladen.com
bush.com

Perform additional actions on junk mail

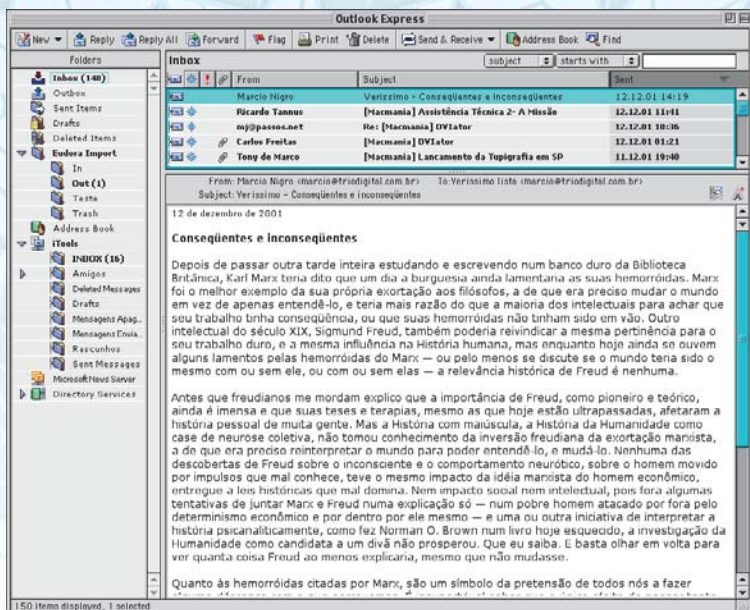
Set color · Mark as read

Run AppleScript <none selected> Change...

Cancel OK

Fora, spam! O filtro não é perfeito, mas dá uma mão

Busca – Oferece ótimos recursos de busca, com a opção de adicionar diversos critérios semelhantes aos dos filtros de email. A pesquisa pode ser feita em pastas específicas ou em todas, como também nos eventos de calendário, contatos, notas e tarefas.

Filtros – As regras (Rules), como a Microsoft batizou seus filtros, são muito versáteis. Há dezenas de critérios e ações possíveis para cada filtro; pode-se

Outlook Express

É o cliente de email gratuito da Microsoft, mas só funciona só no Mac OS 9. E não tenha muitas esperanças de ver uma versão para OS X, porque ela até agora não foi anunciada. Confirmada essa predição, concluímos que não é uma boa se você está decidido a viver só de Aqua. De qualquer modo, ele é bem completo e não decepciona, pois funciona da mesma maneira que o Entourage, só que sem calendário, agenda, lista de tarefas e aquelas outras frescuras.

Diferenciais – A grande vantagem é oferecer a maioria dos recursos de email que existem no Entourage, só que gratuitamente.

Pontos fracos – Roda apenas no Mac OS 9 e não há nenhum indício de que haverá uma versão para OS X. Pode ser uma barca furada se você pretende migrar para o OS X em breve.

até apresentar uma mensagem de tela com o texto que você quiser quando um email atender aos critérios estipulados. Também há uma hierarquia de filtros para que um tenha prioridade sobre outros. Os filtros são aplicados separadamente para contas POP, IMAP e Hotmail e para as mensagens enviadas.

Múltiplas contas – Permite criar contas POP, IMAP e Hotmail. Possui um Wizard (guia) para ajudar a configurar sua conta, o que facilita as coisas para os pokapráticas.

Composição das mensagens – Em texto puro (Plain Text) e em HTML; você pode optar entre um formato e outro clicando num botão. Conta com alguns recursos do Word, como verificação e autocorreção ortográfica, além de menus de formatação de texto bem à mão.

Scripts – Já inclui scripts para, entre outras coisas, criar um evento, nota ou tarefa a partir de uma mensagem.

Migração – Se você quer migrar para o Entourage, o processo provavelmente não será traumático. Ele importa mensagens, contatos, contas, filtros e assinaturas dos principais programas: Outlook Express, Eudora, Netscape Communicator, Claris Emailer e até o Palm Desktop. No entanto, se você quiser trocar o Entourage por outro cliente, poderá ter problemas, pois quase nenhum gosta de conversar com ele. Ou seja, optar pelo software da Microsoft acaba sendo uma decisão definitiva.

Preço/download – Vem junto com o Office 2001, R$ 1.499 (upgrade R$919) ou com o Office v.X (ainda não disponível no Brasil). A Microsoft lançou uma versão de testes do Office v X, que pode ser usada por 30 dias. Download em: www.microsoft.com/mac/office/otdreg.asp

Busca – Sua ferramenta de busca é bem simples e não se compara à do Entourage. Permite digitar uma palavra ou frase, definir se a pesquisa será feita nos cabeçalhos, no corpo da mensagem e em que pastas. É bastante lenta.

Filtros – Igual ao Entourage.

Múltiplas contas – Igual ao Entourage.

Composição das mensagens – Igual ao Entourage.

Scripts – Igual ao Entourage.

Migração – Importa todas as informações do Eudora, Netscape e Claris Emailer.

Preço/download – Freeware. www.microsoft.com/mac/download

Eudora

O cliente de email mais tradicional é o Eudora, da Qualcomm, que está na versão 5.1. Tem uma legião de fãs de longa data, mas há anos não ganha um upgrade significativo, mantendo a interface original. Nem a versão para Mac OS X mudou seu jeito espartano. Mas não se pode julgar o Eudora pela aparência, pois ele é bem completo e tem recursos interessantes. É também o único patrocinado, com uma janela de propaganda permanente. A versão 5.1 traz de volta a sincronização dos endereços com o Palm e suporte a conexões seguras autenticadas via SSL (Secure Sockets Layer).

Diferenciais – Um dos recursos divertidos do Eudora são as estatísticas de uso do email. Quantas mensagens eu mando por dia? Quantos recebo? Quantas horas por dia uso o programa? A resposta está na janela de estatísticas, com gráficos de várias formas. É interessante para ter uma dimensão da quantidade de email com que lidamos no dia-a-dia. Ele só não diz quanto tempo você gasta olhando para esse monte de estatísticas, que no fundo não vão mudar muito a sua vida. O Eudora também tem o MoodWatch, um recurso bem politicamente-correto-americanóide que examina o texto das mensagens que chegam e saem, procurando palavras que podem ser consideradas "ofensivas" ou "apimentadas". Assim, ele mostra um ícone com três pimentas, para indicar que a mensagem pode ser *caliente*. Funciona para textos em inglês, mas botou duas pimentas em algumas mensagens em português, provavelmente por achar nossa língua muito sensual. Inclui ainda o ESP (Eudora Sharing Protocol), um plug-in para permitir que todo mundo num grupo de usuários do Eudora mantenha uma pasta cujo conteúdo é idêntico em cada máquina, recebendo e enviando atualizações automáticas dos membros do grupo. Tudo através de email padrão. Funciona mais ou menos como um grupo de discussão, com pessoas que podem mandar e receber mensagens e outras que só podem receber ou enviar.

Pontos fracos – Além de ter um visual antiquado, a interface do Eudora tem muitas janelas, o que a torna meio confusa. Muitos botões não têm descrição, mesmo quando você pára o cursor do mouse em cima. Para piorar, textos e botões são pequenos demais. A versão para OS X ainda é beta e tem alguns bugs. Por fim, o banner pode atazanar sua vida (para fazê-los desaparecer tem que pagar US$ 39.95).

Busca – É o programa de email que tem a melhor ferramenta de busca, disparado. Traz uma interface intuitiva que apresenta todas as caixas postais e pastas disponíveis. Assim, só é necessário clicar nelas para indicar quais serão incluídas na pesquisa. Para ver os resultados, é só clicar na aba Results. Você ainda pode fazer novas buscas a partir das mensagens resultantes de uma busca.

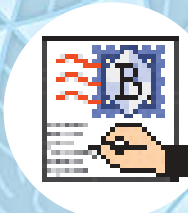
Filtros – Não são tão intuitivos como os do Entourage. Eles podem valer para mensagens que chegam e que partem, somando até dois critérios e criando até cinco ações. Você pode agrupar vários usuários numa mesma ação separando-os com vírgula.

Múltiplas contas – Não é muito intuitivo; para começar, elas são chamadas de Personalities. Traz um conceito esdrúxulo de "personalidade dominante", que não existe em nenhum outro programa de email. É possível criar contas POP e IMAP.

Composição das mensagens – Cria emails em HTML ou em texto puro, oferecendo acesso rápido a recursos de formatação e codificação. O único problema é que o texto sempre parece ficar pequeno, não importando se o tamanho máximo de fonte foi selecionado.

Scripts – Suporta AppleScript, mas inclui apenas três scripts prontos, que criam uma assinatura ou consultam o dicionário e o Thesaurus (lista de palavras) a partir de um texto selecionado.

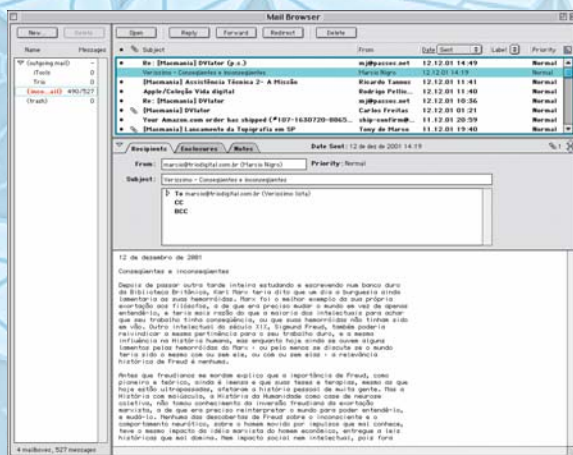
Migração – A menos que você venha do Outlook Express ou do Claris Emailer, migrar para o Eudora pode ser frustrante, pois esses são os dois únicos clientes dos quais ele pode importar informações.

Preço/download – "Sponsorware": você não paga, mas tem que ver propaganda tem ainda uma versão light, com menos recursos, mas de graça e sem banner. A versão paga é US$39,95. www.eudora.com/products/eudora/updater1.html

Mailsmith

O Mailsmith, da Bare Bones (criadora do lendário editor de texto BBEdit), lembra muito o bom, velho e morto Claris Emailer, em termos de aparência e funcionalidade. Isso quer dizer que ele funciona bem e ao mesmo tempo tem visual bem antiquado. Rodando apenas no Mac OS clássico, ele inclui várias ferramentas interessantes de edição de texto herdadas do BBEdit e outros recursos bem geeks.

Diferenciais – Ler uma mensagem numa janela à parte em vez de fazer o mesmo na área de preview é mais cômodo, pois pode-se ter mais área visível, evitando o acesso constante à barra de rolagem. O problema é que é preciso sempre duplo-clicar numa mensagem para abri-la numa janela separada e acessar as vizinhas clicando nas setas de navegação. Um recurso interessante é o POP Monitor, que acessa diretamente sua caixa postal no servidor para checar, deletar, salvar ou baixar o que está armazenado. Bom para se livrar de mensagens com anexos grandes que ficam empacando sua vida. Também tem alguns recursos para agradar usuários mais avançados, como um comando que reconstrói ou compacta a base de dados.

Pontos fracos – A interface é bem "caída". Não há versão para Mac OS X. É preciso pagar para usá-lo. É contra as mensagens em HTML; nem se dá ao trabalho de mostrar no corpo da mensagem recebida as imagens anexas.

Busca – O sistema de busca de mensagens é bem funcional, permitindo acrescentar diversos critérios. Porém, as melhores ferramentas de busca se aplicam apenas ao corpo de mensagens individuais.

Filtros – Bem parecido com a maneira como o Entourage lida com os filtros, oferecendo diversos critérios e ações.

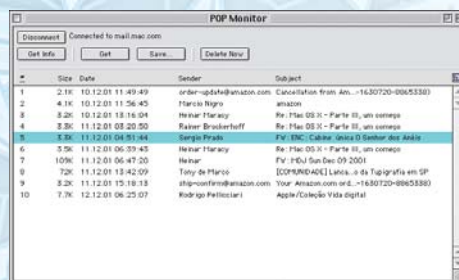
Múltiplas contas – Permite criar múltiplas contas POP. Não suporta IMAP, o que é de se estranhar num programa geek como esse.

Composição das mensagens – Por incluir ferramentas do BBEdit, é ótimo para editar textos, mas não compõe mensagens em HTML.

Scripts – Ótimo suporte a AppleScript, incluindo acesso rápido ao editor de scripts e oferecendo vários deles prontos, incluindo o Dancing Windows, que faz as janelas do programa "dançar" para funcionarem como protetor de tela. Só demorou para a gente descobrir que é necessário teclar ⌘. para fazer o baile parar.

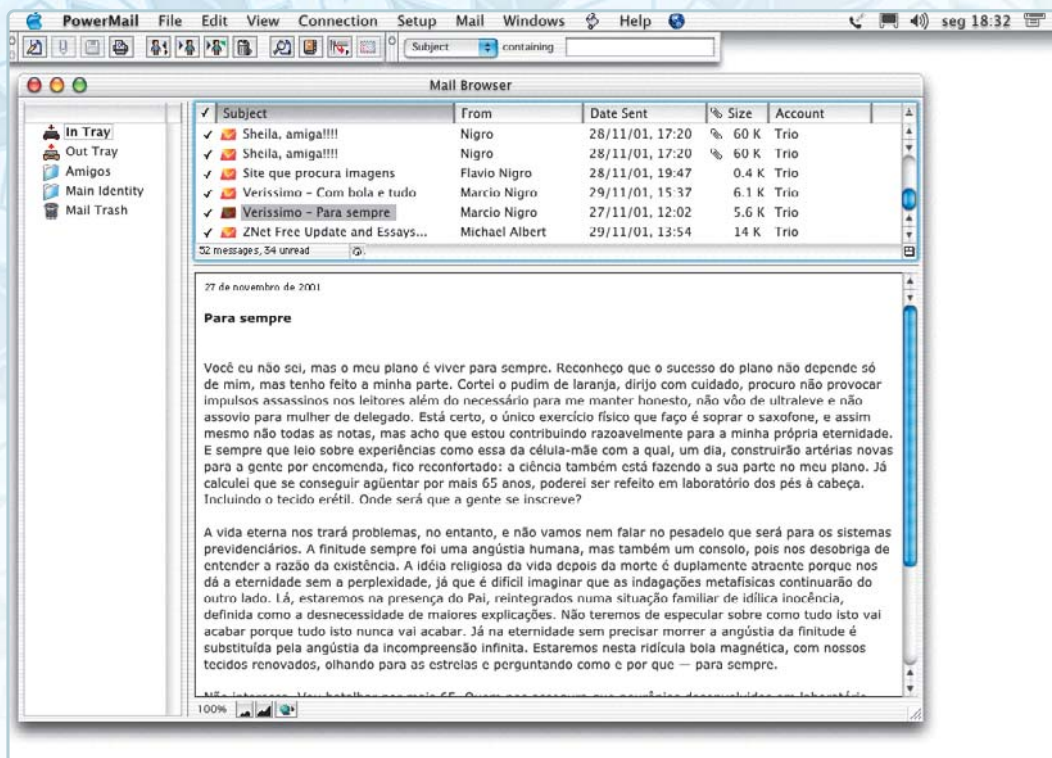
Migração – Não tem nenhum recurso que facilite a importação rápida de outros programas. No entanto, ele é capaz de importar mensagens, filtros e endereços, se você localizar o arquivo que contém essas informações. Em outras palavras, o outro software tem ser capaz de exportar esses dados primeiro.

Preço/download – Software pago; US$ 79. Pegue uma demo gratuita aqui: http://barebones.com/products/mailsmith/mailsmith-demo.html

Delete o spam antes de recebê-lo

PowerMail

Com versões para Mac OS 9 e X, o programa da CTM é uma boa alternativa para quem quer um cliente de email simpático, prático e sem as pirotecnias do Eudora ou Entourage. Talvez seja o ideal para quem sente saudades do Claris Emailer, com as vantagens de uma interface mais moderna, principalmente no OS X, e bons recursos de busca.

Diferenciais – Oferece botões de zoom de texto no pé das janelas de mensagens para aumentar ou diminuir as fontes. Também tem um botão que permite mostrar uma mensagem HTML na forma de texto puro (Plain Text) e vice-versa.

Pontos fracos – A principal falha é não ter a opção de definir o tamanho máximo das mensagens que serão baixadas; se a mensagem exceder o valor predeter-

Nisus Email

A idéia do Nisus Email é escrever e receber suas mensagens em qualquer editor de texto. Ele tem um pequeno ícone flutuante que oferece acesso rápido a todos os seus contatos. Você arrasta e solta um texto diretamente no seu ícone para gerar uma mensagem e lê as mensagens a partir do próprio programa de texto. Por sua concepção, o Nisus Email não tem uma janela principal para organizar as mensagens. Ele usa pastas do Finder para isso. Se você quase nunca mexe com email, até pode ser uma boa. Tem versões para Mac OS 9 e X.

Diferenciais – Antes de baixar as mensagens, o programa mostra o conteúdo da caixa postal no servidor para que você decida quais serão baixadas ou deletadas. A idéia de escrever a mensagem num processador de texto e arrastá-la para um ícone é boa. Mas, a rigor, você pode fazer isso com os outros programas, usando o copiar-e-colar. A janelinha flutuante que mostra seus contatos é interessante, mas não é muito funcional.

Pontos fracos – Concepção meio bizarra. Ao tentar simplificar ao máximo o conceito de cliente de email, acaba dificultando demais o gerenciamento de mensagens. Você acaba se sentindo perdido com a falta dos recursos centralizados dos outros programas.

Busca – Não tem.

Filtros – Pode criar filtros bem simples, definindo a palavra-chave, o cabeçalho onde deve ser procurada e para qual pasta deve ser movida a mensagem. Só isso.

Múltiplas contas – É possível criar várias contas POP.

"Eu sou nuvem passageira..." Os membros da sua lista de contatos são simbolizados por esses ícones

Os filtros são surpreendentemente fraquinhos

Composição das mensagens – Só em Plain Text.

Scripts – AppleScript? Nem sonhando.

Migração – Você consegue importar diretamente os contatos do Eudora. Para importar de outros programas, é preciso exportar a lista primeiro, abri-la num processador de texto, copiar o conteúdo e pedir para o Nisus Email importar os contatos a partir do Clipboard (área de transferência). Quase intuitivo.

Preço/download – Pago; US$ 30. Baixe e use de graça o programa completo, por duas semanas, a título de avaliação. www.nisus.com/free/LoginNisusEmail.asp

minado, só é feito um download parcial. Isso é uma falha grave, porque às vezes pode acontecer de uma mensagem muito grande ficar atravancando sua caixa postal para sempre. Também tem que pagar para usar.

Busca – A função de busca é um dos maiores atrativos, pois é baseada no Sherlock. Mantém indexadas as mensagens guardadas, proporcionado grande rapidez de pesquisa. Digite uma palavra e o resultado aparece em segundos, com índice de relevância, mesmo que haja milhares de mensagens. Infelizmente, como nada é perfeito, não há opções avançadas de busca: você não pode especificar, por exemplo, que o programa procure somente nos emails recebidos em 2000.

Filtros – Cada filtro aceita até 16 variações de critérios e ações, que podem ser aplicadas às mensagens recebidas e enviadas.

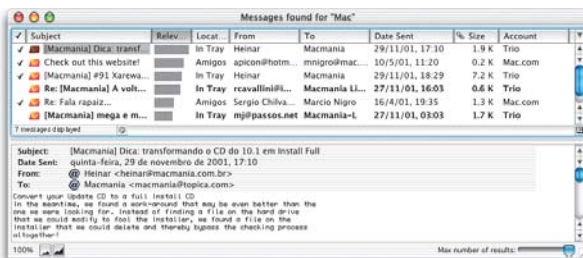
Múltiplas contas – Pode criar diversas contas POP e IMAP.

Composição das mensagens – Lê em HTML, mas só compõe em Plain Text.

Scripts – Não só suporta AppleScript como é o programa que tem os scripts prontos mais úteis, como deletar a mensagem imediatamente, apagar V-cards do Netscape, filtrar conteúdo a partir de uma amostra, remover marcas de citação etc.

Migração – Faz a migração completa do Claris Emailer e importa as mensagens do Outlook Express 4.x, Eudora, Netscape Communicator, Unix Mailbox e Mail do Mac OS X. Em relação ao Entourage, é necessário exportar as caixas de mensagens do programa da Microsoft, arrastando-as para o desktop.

Preço/download – Pago; US$ 49. Há uma versão de teste, limitada por 30 dias. www.ctmdev.com/download.shtml

Mecanismo de busca é show

Qual cliente tem razão?

Com todas essas informações comparativas entre os clientes de email para Mac, você certamente já deve ter uma idéia de qual mais pode agradá-lo. Pessoalmente, depois de chafurdar durante dias em todos esse programas, posso dizer que vou continuar usando o mesmo de sempre – o Entourage – que, tipo assim, tem mais a ver com minha personalidade e meu jeito de ser, tá ligado? Além disso, ele me lembra com antecedência quando o aniversário de alguém está chegando, coisa que sou incapaz de fazer sem ajuda. Mas esse é o meu caso. Talvez com você role um lance mais irado com algum outro software. Firmeza, papito? M

MÁRCIO NIGRO
Tem tido estranhos pesadelos envolvendo programas de email.

Dicionário do

O DTP é a razão de estarmos aqui usando Macs. Foi ele que sustentou a Apple durante seus piores anos e ainda hoje é um de seus maiores mercados. Mesmo que você não trabalhe diretamente com artes gráficas, mais dia, menos dia, vai ter que fazer algum impresso; seja um cartão de visita, um folder de apresentação ou uma revista como esta.

Para não deixar nossos queridos leitores passarem vexame no bureau, publicamos aqui este singelo dicionário. Os verbetes foram baseados no livro **Dominando Desktop Publishing**, de Jairo Willian Pereira (jairo@ahand.unicamp.br), que está saindo agora pela Editora Book-Store, e contaram com a colaboração de **Mario AV** e **Claudio Rocha.** As ilustrações são de **Samuel Casal.**

Aliasing (*jaggies*) Excesso de contraste entre pixels vizinhos de uma imagem; o mesmo que serrilhado.

Altas luzes (*highlights*) Áreas mais claras de uma imagem.

Alto contraste Efeito fotográfico que transforma a imagem em áreas somente de preto e de branco; quando aplicado em imagens coloridas, realça suas cores predominantes.

Anti-aliasing (suavização de serrilhado) Técnica de tornar uma transição de cor em um bitmap menos abrupta, diminuindo o serrilhado. Surgem valores de pixels intermediários na área de contato entre as cores contrastantes, dando a impressão visual de maior resolução. Como isso limitação o contraste entre pixels vizinhos, também há a sensação de ligeira perda de foco nos detalhes. O anti-aliasing de fontes em bitmaps é produzido interpolando para baixo (em geral, para metade do tamanho) o desenho das letras.

ATM (Adobe Type Manager) Software que melhora a representação visual das fontes na tela e tem a função opcional de gerenciar as fontes instaladas. Não é necessário no Mac OS X – o sistema encampou suas funções.

Autotrace Técnica de criar uma ilustração vetorial tendo como referência uma imagem bitmap. O Macromedia FreeHand tem esse recurso embutido. Há programas específicos para isso: CorelTrace e Adobe Streamline.

Baixas luzes (*shadows*) Áreas de sombra (menos brilhantes).

Bézier (curvas Bézier) Método de definição geométrica para vetores (curvas) usados em CAD, ilustração vetorial e tipografia digital. Qualquer curva pode ser descrita como uma sequência de dois ou mais pontos fixos, cada um com um par associado de *pontos de controle* (âncoras) móveis. A posição relativa destes aos respectivos pontos fixos define a curvatura.

Bitmap Imagem composta de uma matriz de pixels. É o padrão dos arquivos digitais de fotos, scans e tudo o mais que pode ser manipulado num editor de imagens, como o Photoshop.

Arte Qualquer original preparado por um artista, fotógrafo ou designer. Livremente falando, qualquer original a ser reproduzido.

Blur (desfoque) Filtro digital que borra (desfoca, embaça) os detalhes.

Bold O mesmo que *negrito;* variação mais espessa ou grossa de um tipo. É uma das variações usuais encontráveis numa família de fontes.

Bounding box (caixa de contorno) Em softwares de ilustração e paginação, é uma caixa retangular que surge sobre um objeto selecionado; é formada por quatro ou oito pontos de controle que são manipulados para distorcer, mover, girar etc. Alguns problemas em arquivos fechados (rotação e corte irregular) podem ser resolvidos alterando-se os valores numéricos associados a esses pontos de controle.

Bullet Caractere (Option 8 no Mac) utilizado para destacar itens em um texto ou uma lista. Na maioria das fontes, é uma bolinha (•).

Bureau Empresa que executa serviços de prepress e, eventualmente, também impressão e produção gráfica.

CA ou CxA Abreviação de "caixa alta" (texto só em maiúsculas). A origem desse termo e dos abaixo está na composição manual, na qual os tipos eram guardados em gavetas; as maiúsculas ficavam na parte *alta* (fundo) da gaveta.

CAB ou CxAb Abreviação de "caixa alta e baixa" (texto normal em maiúsculas e minúsculas).

CB ou Cxb Abreviação de "caixa baixa" (texto somente em minúsculas).

Caderno Subdivisão de uma publicação para a impressão. Esta revista, por exemplo, é composta de um miolo formado de cinco cadernos, mais a capa. Cada caderno corresponde a uma folha de impressão de offset plana com quatro (ou um múltiplo de quatro) páginas de cada lado.

Calço Em CMYK, é o reforço deliberado da tinta preta com alguma das outras tintas, para melhorar sua reprodução. Normalmente o calço do preto é feito com um pouco de ciano.

Calha (*gutter*) Espaço em branco entre duas colunas dentro de uma página, ou o espaço em branco entre as manchas de duas páginas adjacentes numa publicação.

Canal (*channel*) Em bitmaps, é a informação relativa a cada uma das cores primárias. Por exemplo, o espaço de cor RGB tem os canais R, G e B, e o CMYK tem os canais C, M, Y e K.

Canal alfa (*alpha channel*) Em bitmaps, é um canal adicional, invisível na imagem final, que usualmente é empregado para armazenar o recorte de transparência da imagem ou máscaras de seleções. O formato PSD (nativo do Photoshop) aceita canais alfa.

Caractere Símbolo que compõe uma tabela de codificação digital de arquivos (como a ASCII) ou fonte.

CCD (*Charge Coupled Device*, "dispositivo de acoplamento de carga") Componente eletrônico fotossensível, utilizado em câmeras digitais e nos scanners. Ele é uma matriz de elemen-

Blend (mesclagem) Efeito presente nos programas de ilustração de vetores, pelo qual se criam automaticamente objetos de transição entre dois (ou mais) outros objetos vetoriais. Se os objetos-base em um blend forem idênticos, as repetições intermediárias serão cópias exatas. Se forem diferentes, as repetições formarão etapas de transição de cor e forma. O blend é útil principalmente para criar degradês com formas complexas.

tos compostos de sensores ópticos sintonizados nas cores primárias R (vermelha), G (verde) e B (azul). Cada uma dessas tríades corresponde a um pixel da imagem captada.

Cícero Medida tipográfica utilizada para o comprimento de uma linha em relação à altura da página correspondente. Um cícero equivale a 1/4 de polegada (aprox. 6,35 milímetros).

Chapa de impressão Folha de metal gravada com a matriz das páginas do caderno a ser impresso.

Clichê Placa de impressão de metal (zinco, ferro galvanizado), nylon ou plástico, com uma imagem ou texto gravada em relevo. É destinada à impressão em máquina tipográfica. Melhor definição: um carimbo gigante.

Clip art Ilustração previamente preparada para ser empregada, em sua forma original ou modificada, em aplicações diversas (geralmente infografia). Os principais programas de ilustração costumam vir com bibliotecas de clip art gratuitas.

Clipping path (caminho de recorte) Máscara vetorial, em geral utilizada para fazer o recorte de objetos (que podem ser outros vetores ou bitmaps).

CMYK Espaço de cor cujas cores primárias são C (Cyan, ciano), M (Magenta) e Y (Yellow, amarelo), mais o canal adicional K (preto). É o mais usado em impressos de papel.

Colagem Linguagem visual baseada na técnica da fusão de imagens.

Colophon (colofão) Seção de uma publicação contendo os créditos do conteúdo, da gráfica, data de impressão, local e título do livro.

ColorSync Software de gerenciamento de cor, desenvolvido pela Apple, que garante a consistência visual das cores entre os vários dispositivos de imagem: monitores, scanners, impressoras. Para cada dispositivo é gerado um *perfil ICC*, documento que contém uma descrição da maneira como ele faz a representação das cores. Quando o arquivo é transferido entre dispositivos (por exemplo, da tela para a impressora), o ColorSync traduz as cores de acordo com as informações contidas nos respectivos perfis ICC.

Composição Arranjo tipográfico do texto na diagramação.

Composite Arquivo de bitmap colorido em que as informações de cor são contidas em canais vermelho, verde e azul (RGB - Red, Green, Blue) ou ciano, magenta, amarelo e preto (CMYK - Cyan, Magenta, Yellow, Black). Esse termo ocorre em oposição à separação, na qual as imagens são divididas em arquivos correspondentes as essas cores fundamentais, codificadas em níveis de cinza. Algumas imagesetters necessitam que os arquivos fechados sejam em composite (Dolev), enquanto outras obrigatoriamente utilizam separação.

Compressão tonal Técnica utilizada em colorimetria para transformar as cores que estão fora do gamut de um equipamento por cores que poderão ser reproduzidas.

Contato Inversão normal de um filme (positivo x negativo) – ou, no caso de filme direto, a sua duplicação.

Condensado Estilo de tipo em que a sua largura é menor do que o tipo normal. Dependendo da família, pode ser a fonte principal ou uma variação. Pode ser produzido de forma "forçada" na paginação, comprimindo-se a largura da letra normal.

Conta-fio Pequena lente de aumento utilizada para examinar a qualidade dos pontos de uma retícula. O nome vem da sua anterior utilização por tecelões para averiguar a qualidade da malha produzida pelos teares; era *literalmente* usado como contador de fios.

CopyDot Processo de digitalização dos filmes/chapas de um trabalho já impresso, gerando um arquivo que é cópia fiel dos pontos existentes para cada uma das chapas. Normalmente é gerado um arquivo DCS com a quantidade de *plates* (canais) necessários para a reimpressão, e estes são armazenados em formato bitmap de 1 bit de profundidade de cor. Alguns equipamentos permitem a alteração/edição desses arquivos após digitalizados, porém ainda com ferramentas muito rústicas e longe das facilidades disponíveis no tratamento de imagens.

Cores primárias aditivas Cores fundamentais da luz visível pelo olho humano (vermelho, verde e azul). Correspondem às cores básicas que, quando sobrepostas (processo aditivo), formam a luz branca. A mistura dessas cores duas a duas resulta nas cores *secundárias* aditivas (vermelho + verde = amarelo, vermelho + azul = magenta, verde + azul = ciano). São em RGB as imagens mostradas por equipamentos que emitem luz própria, como o CRT (tubo de raios catódicos) ou o LCD (cristal líquido); ou seja, monitores e aparelhos de TV.

Cores primárias subtrativas Cores fundamentais dos sistemas de impressão e métodos de produção de imagem que utilizam tintas. São: ciano (azul turquesa), magenta (cor de rosa) e amarelo. As tintas funcionam como filtros que subtraem da luz branca certas cores e refletem suas cores complementares. As cores que observamos são as restantes desse processo. Prova disso é que, sem a luz, não enxergamos a cor do objeto. A mistura das cores primárias subtrativas, duas a duas, resulta nas cores *secundárias* subtrativas (magenta+ciano=azul, magenta+amarelo=vermelho, amarelo+ciano=verde). As cores primárias subtrativas são as secundárias aditivas, e as cores secundárias subtrativas são as primárias aditivas. O trio ciano+magenta+amarelo deveria sozinho reproduzir todas as cores subtrativas, mas misturas totais das três tintas não produzem o preto, além de sobrecarregarem a impressora. Por isso, existe uma quarta tinta de impressão, a *preta*, que substitui parcialmente as outras três nos tons mais escuros.

Corpo Termo que originalmente descrevia o tipo de chumbo usado na ▶

Cromo Filme fotográfico que guarda a imagem em positivo. É mais utilizado que o negativo na fotografia profissional.

Diagramação Distribuição, organização e *layout* de imagens e textos na página, normalmente seguindo um projeto gráfico.

impressão tradicional. No DTP, corresponde à distância em pontos do topo da letra mais alta até o pé da mais baixa, mais o espaço adicional que pode ser ocupado pelos acentos. Dependendo do estilo do caractere e da programação da fonte, o mesmo corpo pode corresponder a diferentes alturas de letras.

Correção de cores Método manual ou eletrônico para melhorar (ou estragar) a formação de cores em uma imagem digital, na impressão etc. Exemplos: ganho de ponto, máscaras de ajuste e realce, retículas etc.

Cromalin Prova de alta qualidade para materiais em fotolito. Utiliza uma base laminada fotossensível que, após exposição à luz protegida pelo fotolito, mantém áreas de cola (onde não houve exposição) em ação para receber um pó pigmentado conforme a tinta de impressão correspondente. Esse processo repete-se para cada cor e é finalizado com uma camada protetora brilhante.

CRT *(Cathode Ray Tube;* tubo de raios catódicos) Componente da maioria dos monitores de vídeo; é uma garrafa de vácuo feita de vidro, tendo de um lado a tela e do outro um canhão de elétrons ativado por uma combinação de correntes elétricas de baixa e alta tensão. A tecnologia dos monitores CRT é, em essência, a mesma dos aparelhos de televisão.

Cursivo Estilo de tipo imitando um manuscrito, com os caracteres conectados uns aos outros por ligaturas.

DCS *(Desktop Color Separation)* Uma opção para salvar arquivos EPS previamente separados, pela qual são gerados cinco arquivos para cada imagem em CMYK. Cada um dos arquivos adicionais corresponde a uma das cores primárias: ciano (extensão .C), magenta (extensão .M), amarelo (extensão .Y) e preto (extensão .K). O quinto arquivo retém o nome original e leva a extensão .EPS. Esse arquivo é de baixa resolução e é utilizado somente para a prismagem no programa de paginação. Na hora do fechamento do arquivo, o que o programa imprime são os quatro arquivos de separação da imagem.

Densidade Quantidade relativa de luz que atravessa uma área de um filme ou que é refletida por uma área de uma imagem em suporte opaco.

Densitômetro Instrumento de controle usado para medir a densidade óptica em cromos e opacos. O densitômetro de reflexão mede a quantidade de luz refletida; o densitômetro de transmissão analisa a quantidade de luz que atravessa o suporte transparente.

Direct-to-plate (direto para a chapa) Processo de impressão em que uma imagesetter especial grava diretamente a chapa de impressão, dispensando o fotolito.

Diretor de arte Profissional especializado em criação, responsável por desenvolver e coordenar a execução gráfica dos trabalhos. Deve conhecer todos os procedimentos gráficos, desde a concepção até a finalização.

Dithering (simulação ou pontilhado) Algoritmo matemático que simula níveis intermediários em imagens de profundidade de cor de 1 bit (só preto e branco) ou em dispositivos de saída que não geram meios-tons, como as cabeças de impressão de impressoras de jato de tinta. O *dither* é um padrão aparentemente aleatório de pontos que, visto de longe, cria a ilusão de tons intermediários. A impressora mencionada cria o *dither* automaticamente ao imprimir; programas como o Photoshop podem criá-lo diretamente na imagem digital.

DTP *(Desktop Publishing;* editoração eletrônica) Ferramentas digitais para a criação de publicações impressas em computadores pessoais – em contraste à editoração tradicional com equipamentos de fotomecânica, muito mais cara e complexa. O DTP começou oficialmente em 1985, com a confluência de quatro tecnologias: computador Macintosh; impressora laser; fontes e linguagem de impressão Adobe PostScript; e o programa de paginação Aldus (depois Adobe) PageMaker. Juntaram-se à categoria outros programas de paginação, como o QuarkXPress; programas de edição de imagem, cujo sobrevivente único é o Adobe Photoshop; programas de ilustração vetorial, como o Macromedia FreeHand, CorelDRAW, Adobe Illustrator e Canvas; e vários acessórios de hardware – scanners, diversos outros tipos de impressoras, imagesetters etc. Atualmente, a categoria DTP inclui também equipamentos de impressão Direct-to-Plate/Printer (direto para a chapa/impressão).

Emulsão Em um filme fotográfico, é uma suspensão em gelatina de sais de prata sensíveis à luz. O tamanho e a densidade dos cristais desses sais de prata na emulsão são relacionados diretamente com o fator de granulação/sensibilidade do filme.

Entrelinha *(leading)* Distância que vai desde a base de uma linha de texto até a base da linha seguinte. O termo vem dos tempos dos tipos de chumbo e se refere à chapa de chumbo *(lead)* que fazia o espaçamento.

EPS *(Encapsulated PostScript)* Formato de arquivo que contém os comandos de impressão PostScript "capturados" ou "fechados".

Escala cromática Amostra de cores impressa por gradação de tonalidade, normalmente em diversos tipos de suportes, com as cores mais comuns. Serve para comparação em trabalhos policrômicos.

Espaço de cor Na manipulação digital de imagens, é cada um dos vários métodos de codificação de cores. Existem espaços de cor com uma só variável (Grayscale), duas (Duotone), três (RGB, Lab, HSB, HSL, HLV), quatro (CMYK) e outros ainda. O gamut de cada espaço de cor depende da *definição* de suas variáveis: comprimentos de onda fixos no RGB, pigmentos padronizados no CMYK, cores específicas no Duotone, características diversas da luz em HSB, HSL e HLV.

Espaço Eme Espaço correspondente ao comprimento da letra M da fonte utilizada no momento.

Espaço Ene Espaço correspondente à metade do comprimento da letra M da fonte utilizada no momento. Originalmente era o mesmo que a largura da letra N, daí o nome.

Espessura Distância entre as faces do papel. Para papéis da mesma composição, é proporcional à gramatura.

Estêncil Folha recortada de modo que, ao ser aplicada sobre uma superfície lisa e passando-se tinta por cima, reproduz a gravura nela traçada.

Estocástica Retícula de impressão especial na qual cada ponto tem uma dimensão fixa e densidade variável de acordo com o tom. Os algoritmos mais recentes podem variar o tamanho do ponto juntamente com sua quantidade. Produz excelentes resultados, muito próximos à aparência dos grãos de pigmento de uma fotografia, porém exige um cuidado maior e equipamentos específicos.

Faca Estampa com os contornos e dobras de uma peça gráfica, utilizada pela gráfica para fazer o seu recorte. Existem diversos formatos de facas previamente prontos, porém quando se necessita a confecção de um modelo novo, há duas maneiras de produzi-lo. *Manualmente:* após feito o fotolito, um processo eletrônico gera uma prova heliográfica que serve de referência; esta é colada sobre uma superfície de madeira (antes da exposição), a qual é cortada por uma serra tico-tico para a colocação no lugar das lâminas de corte e vinco. Eletronicamente: o processo é similar, mas o corte da madeira é feito diretamente por um raio laser, aumentando a precisão e a rapidez.

Família Em tipografia, é o conjunto completo de fontes de um determinado tipo, incluindo todas as variações de estilo da fonte (regular, itálico, bold, condensado, estendido etc.).

Filme Em DTP, a palavra é usada frequentemente com o mesmo sentido de fotolito.

Filtro Em software, é um módulo de um programa de manipulação de ima-

gem que produz um efeito específico (Sharpen, Blur, Median etc.); em fotografia, é um acessório que altera a captação da imagem pela lente; em eletrônica, é um circuito que bloqueia certas frequências e deixa passar outras.

Filtro passa-alta *(high pass)* Filtro que atenua as frequências espaciais mais baixas de uma imagem e acentua as mais altas. Usado para destacar pequenos detalhes, como bordas e linhas. Utilizado por filtros que atuam nas áreas de sombra (baixas luzes).

Filtro passa-baixa *(low pass)* Filtro contrário ao passa-alta, ou seja, somente deixa passar as frequências mais baixas. Visualmente, esse filtro atua nas áreas mais brilhantes (altas luzes).

Filtro passa-faixa *(band pass)* Atenua toda e qualquer frequência acima ou abaixo de uma faixa determinada.

Fixador Solução, usualmente tiossulfato de sódio, na qual são imersos filmes e cópias depois do processo de revelação para que os haletos de prata não expostos contidos na emulsão sejam convertidos em produtos solúveis que serão removidos pelo processo de lavagem. Isso evita a deterioração da imagem revelada.

Flatness Em programas que trabalham com vetores, é um coeficiente que determina a qualidade relativa das curvas dos objetos. As curvas vetoriais, para serem impressas, são convertidas em sequências de pequenos segmentos de reta. Quanto maior o *flatness*, maiores são esses segmentos de reta; consequentemente, pior é a qualidade do contorno.

Flexografia Sistema de impressão direta com fôrmas flexíveis em alto relevo, feitas de borracha ou fotopolímero. Usa tinta semelhante à utilizada pelo sistema de rotogravura. Iniciou-se nos EUA, em 1853.

Focalização Ajuste da distância focal da lente de uma câmera, ampliador ou scanner para produzir uma imagem nítida do assunto reproduzido.

Fonte de impressão Arquivo de fonte PostScript que contém informação específica para o desenho do tipo na impressora.

Fonte de tela Arquivo auxiliar de fonte PostScript com informação específica para o desenho do tipo na tela do computador. No Mac, é costume vir dentro de uma maleta *(suitcase)* com o nome da fonte. Nos PCs Wintel, é um arquivo com extensão .PFB.

Fotocomposição Sistema de composição eletrônica de textos, desenvolvido nos anos 60, que utiliza matrizes físicas (filmes) ou abstratas (impulsos eletrônicos) para gerar textos em uma emulsão fotográfica (filme ou papel). Caiu em desuso com o desenvolvimento do DTP.

Fotolito Filme transparente contendo em preto a imagem exata a ser impressa para cada uma das tintas. É gravado por processo óptico a laser numa imagesetter, se vier de um arquivo digital, ou por processo fotográfico, se for cópia de um original físico. O processo de impressão direct-to-plate elimina a necessidade de fotolito.

Fotômetro Aparelho usado em fotografia e fotomecânica para medir a intensidade de uma fonte luminosa e determinar o exato tempo de exposição do filme que será necessário para a perfeita reprodução. Quase todas as atuais máquinas fotográficas têm fotômetro embutido; alguns lêem a luz recebida através da lente, outros o fazem diretamente.

Fotopolímero (Letterset) Sistema de impressão indireta em relevo (offset a seco), no qual o elemento impressor é constituído de material fotopolimerizado. Entre as vantagens estão a não necessidade de molhar a chapa, maior gama de tintas, extrema facilidade de transferência de tinta e altíssimas tiragens.

Fusão Justaposição de duas ou mais imagens para a produção de outra.

Frame Nos programas de paginação, é um objeto – normalmente invisível na impressão – que contém em si um texto ou imagem. Uma página contém diversos *frames*, cada um sustentando um dos elementos da diagramação. Nas áreas de vídeo e animação, *frame* é cada um dos quadros sucessivos que formam a imagem em movimento.

Fotogravura Suporte de metal ou plástico, utilizado como matriz em sistemas de fotocomposição. Atualmente substituída pelo fotolito.

Fotolitografia Toda a arte e técnica empregada na produção de fotolitos e filmes. Palavra formada do grego: "escrever" *(grafia)* em "pedra" *(lito)* utilizando "luz" *(foto)*.

Gama *(Gamma)* Relação matemática entre a distribuição do brilho nos tons na entrada e na saída de um dispositivo de imagem. É expressa como um coeficiente numérico ou como um gráfico em curva. Monitores de vídeo trabalham com uma curva de gama que escurece a imagem; o coeficiente exato varia conforme a calibração do monitor. A calibração implica, entre outras coisas, achar o valor exato de gama para cada uma das cores primárias R, G e B.

Gamut Amplitude máxima de reprodução de cores e luminosidade de um meio de reprodução de imagem (filmes, vídeos, fotografias e impressão). Todos esses meios têm *gamuts* consideravelmente menores que o espectro da luz visível; é necessário trabalhar levando em conta essas limitações, especialmente ao converter o material de um meio para o outro, administrando as inevitáveis perdas.

Ganho de ponto *(dot gain)* Efeito que se observa nas impressoras offset e chapas. É a tendência de os pontos da retícula crescerem por ação de agentes externos; quando não controlados, causam variações visíveis de tonalidade. As preferências do Photoshop incluem um ajuste para a compensação prévia automática do ganho de ponto em imagens CMYK.

Gaussian Blur Filtro de Blur com controles de ajuste.

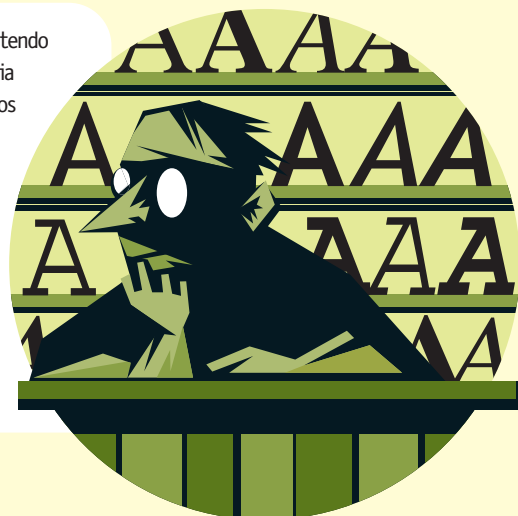
GCR *(Gray Component Replacement)* Método de separação de imagens CMYK que pode transferir o componente cinza das cores para a tinta preta (K) sem distorcer os matizes de cores. A intensidade de ciano, magenta e amarelo nos tons escuros são diminuídos e o preto é reforçado numa razão equivalente. O GCR melhora a nitidez e o contraste dos detalhes nas sombras, produz cores mais consistentes, evita a sobrecarga de tinta na impressora e é econômico (a tinta preta é mais barata). Ele reduz a porcentagem total de ponto impressa, além de prover um controle independente para o preto.

Gerador de fontes Em tipografia digital, é o programa utilizado para a criação, conversão e edição de fontes. O Fontographer, da Macromedia, monopoliza a área desde os anos 80, mas o FontLab da Pyrus vem ganhando espaço entre os profissionais do tipo.

Gerenciamento de cor Sistema de compatibilização entre dispositivos digitais de imagem para criar consistência na representação das cores entre eles. Os gerenciadores de cores mais conhecidos são o ColorSync, da Apple, e o DCS da Kodak.

GIF *(Graphics Interchange Format)* Formato gráfico popular na Web, originalmente criado pelo provedor norte-americano CompuServe. É indicado para imagens que tenham pouca variedade de cores e áreas de cor contínua relativamente grandes. Não serve para aplicações impressas. A profundidade de cor é variável de 1 a 8 bits (2 a 256 cores), usando uma palete de cores específica para cada imagem *(Indexed Color)* que permite grande economia no tamanho final do arquivo. Além disso, o GIF tem embutida a compressão LZW (a mesma do TIFF e dos arquivos ZIP e SIT) para maior economia de tamanho. A versão mais moderna do formato, GIF89a, pode armazenar uma sequência de imagens no mesmo arquivo, formando animações simples, e tem a opção de assinalar pixels transparentes. Adobe Photoshop e ImageReady e o Macromedia Fireworks exportam GIFs otimizados automaticamente.

Gramatura Massa do papel por metro quadrado de superfície, expressa em gramas. Quanto mais alto o valor

Fonte Arquivo contendo a informação necessária para a geração de todos os caracteres correspondentes a um tipo. A denominação completa de uma fonte tradicionalmente inclui sua família (ex. Lucida), variação (Bold) e corpo (24).

da gramatura, mais denso e/ou grosso é o papel. Usa-se baixas gramaturas no miolo de livros ou revistas e altas gramaturas em capas, folhetos, calendários e demais materiais que exijam alta resistência externa.

Granulação Aparência "arenosa" de uma imagem de negativo, slide ou impresso, resultante da distribuição irregular dos grãos de prata que se aglomeram durante a revelação do filme. Ampliações muito grandes podem evidenciar essa tendência mesmo em cromos considerados ótimos. Quanto maior a sensibilidade do filme, maior a facilidade de acontecer a granulação. Pode ser causada também por ajustes da exposição ("puxada"), revelação, características de contraste, superfície do suporte, estrutura da emulsão.

Grão Microdepósito de prata metálica, sensível à luz e formador da imagem fotográfica. O grão individual nunca é visível, mesmo numa ampliação, mas a sua distribuição dentro da emulsão causa superposições ou aglomerações que podem resultar em granulação na imagem final.

Graphics tablet (mesa digitalizadora) Dispositivo utilizado em substituição ao mouse para desenho no computador. É uma superfície sensível na qual é possível "desenhar" com uma caneta especial. Usando-se o software apropriado (Painter ou Photoshop), é possível simular infinitos tipos de pincéis; a sensibilidade à pressão na caneta pode (ou não) alterar as propriedades do traço em tempo real.

Grayscale Imagem bitmap em tons de cinza, geralmente um canal de 8 bits (256 tons).

Greek text (texto grego) Recurso dos programas de paginação, quase em desuso, de substituir na tela os textos com caracteres muito pequenos por uma área uniforme cinza, acelerando a visualização.

Grid (grade) Quadriculado, visível ou não na tela, utilizado para facilitar o alinhamento e posicionamento de objetos em programas de DTP.

Heliográfica Cópia fotossensível azulada, revelada por processo térmico ou por exposição a vapores de amônia. Serve como prova para revisão. Também chamada de *cianográfica*.

Histograma Gráfico que mostra a distribuição da quantidade de pixels da imagem em cada nível de tom desde o preto até o branco. Útil para determinar a distribuição precisa das tintas pela imagem e forçar os pontos de branco e de preto da imagem a coincidir com os extremos da escala de brilho (ajuste de níveis ou Levels).

HPGL *(Hewlett-Packard Graphics Language)* Formato de arquivo vetorial utilizado por *plotters* padrão HP.

HSL Espaço de cor cujas variáveis são a porcentagem da transmissão de luz (L = Lightness), saturação (S = Saturation) e matiz (H = Hue). É útil para selecionar cores ao criar um trabalho artístico, mas é impreciso demais para usar como sistema de coordenadas absolutas.

Imagesetter Nome genérico dos equipamentos usados para produção de fotolitos a partir da rasterização de arquivos eletrônicos.

Imposição Recurso para justaposição de páginas que permite a geração de fotolitos de acordo com o traçado estabelecido pela gráfica, eliminando o trabalho de montagem manual e reduzindo o tempo de gráfica. Para utilizar o serviço de imposição eletrônica, o usuário deve fechar o arquivo com os parâmetros estabelecidos pelo bureau e fornecer o traçado para a montagem do material de acordo com as especificações fornecidas pela gráfica.

Impressora Pode ter o sentido de "máquina que produz o impresso na gráfica" ou de "aparelho de pequeno porte para produzir provas na redação".

Interpolação Mudança – ampliação ou redução – na dimensão de pixels de uma imagem. Na ampliação, são criados pixels extras entre os originalmente existentes; na redução, pixels são eliminados. Existem vários algoritmos (métodos matemáticos) para interpolar uma imagem. O método mais simples, Nearest Neighbor (vizinho mais próximo), simplesmente redistribui e multiplica os pixels da imagem original sem alterar seus valores de cor. É o mais rápido, mas aumenta o aliasing. Os métodos mais complexos – bilinear e bicúbico – recalculam os valores de cor de todos os pixels, usando como base os valores existentes na imagem original. Uma imagem interpolada dessa forma mantém as transições suaves de cor (anti-aliasing) entre os detalhes. Como isso não acrescenta nenhum detalhe ao previamente existente, a interpolação para cima (ampliação) resulta em sensação de perda de foco.

Info-gráfico Ilustração de uso jornalístico ou didático que combina textos com mapas, gráficos, tabelas e diagramas pictográficos.

Invasão de cor Deturpação de cor do impresso ou predominância de uma cor sobre um determinado material ou área específica.

Italic (itálico) O mesmo que grifo ou aldino. Variação de uma fonte em que a letra é inclinada para a direita; foi desenvolvida por tipógrafos italianos no século 15.

JPEG (Joint Photographic Experts Group) Comissão formada pelas entidades ISO, ITU-T e IEC, que originou o padrão universal de mídia digital com o mesmo nome. Estabelecido em 1991, ele foi projetado para comprimir imagens naturais coloridas e monocromáticas. Dependendo do fator de qualidade adotado, as compressões deterioram visivelmente a imagem, mas a degradação em fatores de compressão mais altos são imperceptíveis. Essa compressão só não é recomendada para imagens com fundos em degradês puros.

Keyness Descrição dos valores tonais em uma imagem. É a distribuição de densidades entre as altas luzes e as baixas luzes. Se a imagem é constituída predominantemente por altas luzes, ela é chamada de *high key*. Se a predominância for de áreas escuras, é chamada de *low key*. Se é formada por quantidades mistas de altas luzes, meias-tintas e sombras, é descrita como *normal key*.

Knockout Efeito oposto ao overprint (sobreposição). Consiste em "vazar" as áreas em que objetos se interceptam, criando uma reserva. Um texto em branco sobre qualquer outro fundo produzirá um efeito característico de *knockout*.

Lab Espaço de cor cujas variáveis são a luminância (L), o eixo de matizes complementares vermelho-verde (a) e o eixo azul-amarelo (b). Imitando as características físicas da visão humana, o Lab também tem o gamut mais extenso dentre todos os espaços de cor usados para descrever imagens digitalmente, e por isso é usado internamente pelo Photoshop para converter imagens entre todos os demais. Pode-se trabalhar em Lab, mas como a representação de imagens na tela (sempre em RGB) é incapaz de mostrar todas as cores possíveis no modo Lab, os resultados não são confiáveis. Não confunda Lab com L*a*b, que é a abstração matemática do espaço de cor.

Landscape (paisagem) Orientação de página que tem a altura menor que a largura, em oposição a Portrait. Conhecida também por *wide* ou "página deitada".

Layer Em bitmaps, é uma "camada" de imagem, à maneira de folhas de acetato pintadas. Cada camada pode ser, em relação ao que está debaixo dela, opaca ou transparente, e pode alterar suas cores como um efeito especial dinâmico. A manipulação de imagens no Photoshop quase sempre envolve trabalho com layers.

LCD (Liquid Crystal Display; tela de cristal líquido) Tecnologia de monitor usada nos laptops e, mais recentemente, também em computadores de mesa. É baseada numa matriz de "pixels" fixos, acionados individualmente por sinais elétricos e iluminados por trás. Essa tecnologia existe há muito tempo, mas somente agora a qualidade de

reprodução de cores do LCD se equiparou à dos tubos de imagem (CRT).

Ligatura Em uma fonte, é a parte de um tipo que se encaixa no seguinte. Muitas fontes incluem caracteres especiais com grupos de letras frequentemente ligadas, como fi e fl. Algumas famílias de fontes contêm versões "Expert" com ligaturas adicionais.

Lineatura Número de linhas de pontos de retícula por unidade de medida. Usado para especificar resolução de equipamentos eletrônicos no processamento de imagens. Pode ser LPI (linhas por polegadas) ou LPC (linhas por centímetro). Varia conforme a qualidade pretendida do trabalho, características da tinta e do papel etc. Normalmente, a divisão da resolução de saída pela lineatura deve resultar em um número que, elevado ao quadrado, produzirá a quantidade de etapas *(steps)* de gradientes máxima que o dispositivo pode gerar.

Linha-Base Uma linha imaginária sobre a qual se posicionam os caracteres de uma determinada fonte.

Linotipo Sistema de composição tipográfica criado no final do século 19. Os textos são digitados linha a linha em um teclado, e os tipos correspondentes são fundidos em uma liga de chumbo, antimônio e estanho, a partir de moldes permanentes da fonte.

Litografia Técnica de impressão *planográfica*, isto é, que não se baseia no relevo da superfície de impressão para transmitir a tinta ao papel, e sim nas propriedades mutuamente repulsivas da tinta à base de óleo e da água, usada para isolar as áreas a não serem entintadas. Foi inventada na Alemanha por Alois Senefelder, em 1798.

Logotipo Conjunto de letras especiais que caracterizam uma marca comercial. Quando acompanhado por um símbolo identificador, é denominado *logomarca*.

Lombada Dorso da publicação, onde se encontram os grampos, colagens ou costuras. A lombada quadrada e a canoa constituem exemplos.

Luminância Atributo que diz respeito à quantidade de branco/cinza/preto percebido em um objeto.

LZW (Lempel-Ziv-Welsh) Algoritmo (método matemático) de codificação e compressão de dados. É semelhante à codificação de Huffman, no qual as repetidas sequências de zeros e uns são substituídas em um dicionário por um símbolo correspondente. O LZW é utilizado na compressão sem perda de qualidade em imagens TIFF e nos formatos de compressão ZIP e SIT.

Mancha Espaço padrão ocupado pelas colunas de texto numa publicação.

Marca ou linha d'água Relevo de superfície estampado no papel usado em impressos de segurança (papel-moeda, documentos etc.), para dificultar a falsificação.

Meio-tom Em uma retícula, é a redução da imagem original de tom contínuo aos micropontos, que variam proporcionalmente em tamanho, forma e número por área. Quando impressos, esses pontos são "reunidos" pelos nossos olhos e restauram a visão dos tons originais. Em termos de tons contínuos, meio-tom pode ser considerado como o intervalo de valores tonais de cores entre os 25% das altas luzes até os 75% do início da área de sombra.

Miolo Interior de uma publicação impressa, em oposição à capa.

Mock-up ("boneco") Maquete de um produto, utilizado exclusivamente para produção fotográfica. Pode ser em escala ampliada ou reduzida; produtos muito pequenos, por exemplo, são "recriados" em tamanho maior.

Kerning Ajuste de espaçamento entre pares específicos de letras que normalmente teriam espaçamentos incoerentes com o restante da fonte. Exemplo de par de letras que necessita *kerning* positivo (distanciando): RA. Exemplo de par de letras que necessita *kerning* negativo (aproximando): To. A informação de quais pares de letras precisam de *kerning* e em que intensidade pode ser programada dentro da fonte, mas nem todos os softwares a utilizam, obrigando a fazer correções manuais.

Moiré (pronuncia-se *moarrê* ou *moarê)* Padrão de interferência criado pela justaposição de duas ou mais estruturas geometricamente regulares e repetitivas. Quando ocorre entre retículas de impressão, causa um efeito visual de "ondas" ou "ilhas" onde se esperaria uma cor chapada. Um efeito similar pode ocorrer na reprodução policromática de meio-tom, devido a ângulos incorretos da retícula ou deficiência nas tintas. Nas tintas CMYK, por vezes troca-se a angulação do preto (45°) com a do magenta (75°), em função de o filme do preto usualmente conter menos informação visual que o magenta, e com isso também aproximar o ângulo do preto do ângulo do amarelo (15°), que é a tinta que contém menos informação de detalhe e por tal é a que menos tende a gerar *moiré*.

Monitor Dispositivo de saída visual do computador. Pode ser CRT ou LCD.

MM (Multiple Master) Tecnologia de fontes da Adobe que é capaz de criar infinitas variações de peso (somente em fontes especialmente desenvolvidas para esse fim).

Negativo imagem reversa de outra. Geralmente refere-se ao tipo mais popular de filme fotográfico.

OCR *(optical character recognition;* reconhecimento óptico de caracteres) Conversão automática, via software, de um texto escaneado em um arquivo de texto correspondente.

Offset Sistema de impressão litográfica indireta; o papel não entra em contato com matriz, mas com uma superfície intermediária de transferência de tinta. A matriz (chapa de zinco gravada fotograficamente a partir do fotolito) é presa em volta de um cilindro e entintada. A imagem é capturada por um cilindro de borracha que, por sua vez, a transfere ao papel. Utiliza tinta gordurosa e pastosa, com fôrmas metálicas e planográficas. É o sistema de impressão em larga escala mais versátil, permitindo a impressão em plásticos, metais, papelão e até mesmo pano. O sistema foi criado em 1900, por Rubel Ira.

Olho Área vazada dentro de um tipo, conforme ocorre nas letras a, o, e.

OpenType Padrão de fontes universal da Adobe e Microsoft, que funde as características dos padrões PostScript e TrueType nas plataformas Mac e Windows. Utiliza um código híbrido compacto, permitindo que os mesmos arquivos sejam usados em Macs ou PCs sem nenhum tipo de conversão. É baseado em Unicode (tabela universal com uma identificação global e fixa para cada caractere) e Glyph (extensão para símbolos, expressões e caracteres especiais), e armazena 16 bits de informação (máximo de 65535 caracteres) em lugar dos 8 bits (256 caracteres) dos outros formatos. As fontes são totalmente portáveis, mas possuem uma assinatura digital do proprietário; ele controla a sua utilização por outras pessoas (apenas visualização, impressão ou instalação).

OPI *(Open Prepress Interface;* Interface Aberta de Pré-Impressão) Recurso desenvolvido pela Aldus (empresa incorporada pela Adobe e Macromedia). O bureau arquiva em seu servidor as imagens de alta resolução e envia ao cliente versões correspondentes em baixa resolução. No processo de geração de filmes, as imagens de baixa resolução são automaticamente trocadas pelas de alta resolução no servidor de OPI. Foi superado pelo aumento do poder de processamento e armazenamento dos computadores e com a crescente prática de tratar as imagens em paralelo com a diagramação.

Órfã Última linha de um parágrafo que vai parar em outra coluna. É um defeito estético que deve ser evitado.

Overprint Sobreposição de tintas correspondentes a objetos diferentes. O contrário de knockout.

Paginação Em DTP, o mesmo que diagramação.

Página-mestra (master page) Em um documento de paginação, é um layout de página que serve como "gabarito" para a criação das demais páginas da publicação. Útil para o posicionamento de elementos fixos ou repetitivos como logos, vinhetas, definição das colunas, fios-guias, margens etc.

Paica (do inglês *pica)* Unidade de medida tipográfica, equivalente a 1/6 de polegada ou 12 pontos.

PCL *(Printer Control Language;* linguagem de controle de impressora) Linguagem de comando desenvolvida para impressoras da linha HP LaserJet e impressoras de jato de tinta.

PCX Antigo formato gráfico de PC desenvolvido pela Zsoft, usado para armazenar imagens monocromáticas ou coloridas em até 24 bits (milhões de cores). Possui compressão RLE, que garante fator de compressão de até 1,5:1. É um predecessor do atual TIFF.

PDF *(Portable Document Format;* formato de documento portável) Formato de arquivo do Adobe Acrobat. É exportado pelo Distiller e pelos aplicativos do Mac OS X em geral. É multiplataforma e pode conter todos os elementos componentes, incluindo as fontes. Alguns RIPs PostScript Nível 3 já o aceitam, e é possivel gerar fotolitos com altíssima qualidade (inclusive compostos por imagens) usando PDFs no lugar dos EPS fechados.

Peso Em tipografia, é uma variação de um tipo em relação ao "normal" ou principal da família. Os pesos usualmente incluem Light, Medium e Bold. Famílias complexas como, por exemplo, Univers e Helvetica Neue, contêm outros pesos, como Ultra Light, Thin, Book, Heavy, Extra Bold e Black. Essas fontes podem usar números como meio auxiliar de identificação relativa: 45 Light, 55 Normal, 65 Bold etc.

Ponto (pt) Unidade padrão de medida tipográfica.

1 mm = 2,83 pt

12 pt = 1 paica (p) = 4,23 mm

72 pt = 1 polegada (in) = 25,4 mm

Ponto branco Em relação ao monitor, é o nível máximo dos três feixes de elétrons do CRT (R=G=B=255). Em fotografia digital, é o ponto do histograma que corresponde ao máximo brilho registrado na imagem.

Ponto preto Em relação ao monitor, é o nível mínimo ("de fundo") dos três feixes de elétrons do CRT (R=G=B=0). Em fotografia digital, é o ponto do histograma que corresponde ao mínimo brilho registrado na imagem.

Portrait (retrato) Orientação de página com a largura menor que a altura, em oposição a Landscape. Conhecida também por *tall* ou "página em pé".

PostScript Linguagem de descrição de página para impressoras, criada pela Adobe. Tornou-se padrão quase absoluto no mercado de DTP. A página é descrita por comandos e expressões matemáticas legíveis. O arquivo salvo contendo essas instruções (chamado EPS ou "PostScript encapsulado") é totalmente legível e manipulável. PostScript também é o padrão de fontes proprietário da Adobe. Cada fonte compreende um par de arquivos: a fonte de impressão e a fonte de tela.

Prelo Impressora manual com a qual se produzem provas para o sistema de impressão offset em um processo quase artesanal. Utiliza chapas, rolos e tintas semelhantes aos de uma impressora normal. É considerada a prova mais fiel, quando bem executada.

Projeto gráfico Normas de paginação e tipografia que definem visual e funcionalmente a publicação.

Prova Impressão experimental para checar o aspecto do trabalho enquanto ele está sendo executado.

PPD *(PostScript Printer Description;* descrição de impressora PostScript) Arquivo que contém configurações específicas para uma determinada impressora PostScript. Normalmente as principais informações são a combinação páginas/resolução/lineatura *default* (padrão). Esse arquivos podem ser editados para melhor adaptação ao dispositivo; na maioria das vezes, as opções são mantidas em *default* e especificadas/forçadas pelo RIP.

Prepress (pré-impressão) Nome genérico para as atividades executadas entre o final da produção de originais e a gravação de matrizes. Sugere processos eletrônicos de foto-reprodução anteriores à fase de impressão.

Preto Em impressão no espaço de cor CMYK, é a tinta suplementar usada juntamente com as três primárias para dar profundidade e definição às sombras. É simbolizado pela letra K (blacK) e não por B, para não se confundir com o B (Blue) do espaço de cor RGB.

Prismagem Indicação de referência da posição e escala de uma foto ou ilustração na página.

Processadora Equipamento para revelação automática de filmes, composta por três *racks:* um com o revelador, seguido do fixador e um último com água corrente para a limpeza e retirada de excessos. Finalmente, o filme processado é seco.

Produção gráfica Processo de materialização das peças geradas no departamento de arte. Envolve um relacionamento indireto com a parte gráfica (produtores, fornecedores etc).

Profundidade de cor Em uma imagem digital, corresponde ao comprimento em bits do código digital que dá o valor de cor de cada pixel. Quanto mais longo esse código, maior a quantidade de valores numéricos que podem ser registrados e maior a precisão de cor no caso de fotos digitalizadas. A progressão é geométrica de base 2: 1 bit = duas cores, 2 bits = 4 cores, 4 bits = 16 cores, 8 bits = 256 cores, 16 bits = 65,5 mil cores, 24 bits = 16,7 milhões de cores.

PSD Formato nativo do Adobe Photoshop. É o formato gráfico mais completo (e complexo) de todos, com suporte a diversos espaços de cor, imagem indexada, layers, canais alfa, efeitos de layers, clipping paths, objetos vetoriais, objetos de texto e muitos outros recursos. Alguns programas abrem PSD diretamente, mas a maioria requer que a imagem seja exportada como TIFF ou outro formato comum.

QWERTY Configuração padrão dos teclados de computadores. Foi "herdada" das máquinas de escrever, para as quais foi inventada no fim do século 19 como meio de evitar problemas mecânicos. (O nome QWERTY vem das seis primeiras letras da fileira superior.) Devido à sua concepção, é ergonomicamente sofrível. O padrão *Dvorak* resolve isso com uma disposição de letras muito mais eficiente para digitar, mas nunca "pegou" para valer, mesmo sendo os teclados de computador muito fáceis de reconfigurar.

Rasterização Conversão de um arquivo de página ou ilustração digital em um bitmap, chamado *raster image* (ou, numa tradução porca, "imagem de rastreamento"), que é o material reproduzido de fato na impressão. Por exemplo, as páginas em EPS recebidas pelo bureau são convertidas pela imagesetter em um *raster* de resolução muito alta, que é gravado a laser no fotolito.

Refile Corte das margens de um material impresso, feito numa guilhotina especial de acionamento elétrico ou com uma faca.

Registro Marcas em cruz usadas para permitir a sobreposição exata das cores de impressão, nos filmes, nas montagens e na impressão. São impressas em todas as tintas.

Resolução Em imagens digitais, é a quantidade de pixels por unidade de medida; é expressa em PPI *(pixels per inch)* e, mais raramente, PPC (pixels por centímetro). DPI *(dots per inch)* é um termo análogo a PPI para a resolução de saída (de impressoras e monitores), mas não para a imagem em si.

Retícula Decomposição dos tons contínuos da imagem em micropontos de meio-tom para a impressão pelos processos litográficos (offset, rotogravura). Para evitar o aparecimento do moiré, as retículas para as tintas de impressão devem ter ângulos diferentes.

Revelador Solução que torna visível a imagem produzida pela luz incidente sobre o material sensível do filme fotográfico. O constituinte básico é um agente que reduz em prata metálica os haletos de prata atingidos pela luz.

RGB (Red, Green, Blue) Espaço de cor cujas primárias são R (vermelho), G (verde) e B (azul). Utilizado em moni-

Marcas de corte Linhas espalhadas ao redor do trabalho que indicam onde serão feitos os cortes (linhas contínuas) e dobras/vincos (linhas tracejadas). Em alguns casos, são impressas em todas as cores para marcar também o registro, mas podem ser feitas apenas no preto, pois o trabalho só será refilado/vincado/microserrilhado após sua total impressão.

tores de computador, em TV e vídeo.

Rios Faixas brancas na coluna que são produzidos quando espaços em linhas consecutivas de texto coincidem. São facilmente visualizados quanto o texto se encontra a uma distância considerável do observador.

RIP *(Raster Image Processor)* Hardware (HardRip) ou software (SoftRip) usado para rasterização.

Rodapé *(footer)* Conjunto de linhas de texto que aparecem no pé das páginas de uma publicação, indicando capítulo, númeração de página ou informações de referência.

Roseta Efeito visual formado pelas retículas quando o resultado final de todas as inclinações está correto. Quanto maior a lineatura, mais difícil será de observar a roseta.

Rotativa Máquina de impressão que é alimentada por papel em bobinas, a altas velocidades. A máquina inclui um mecanismo para cortar e dobrar em cadernos a folha contínua imediatamente após a impressão, mais um aparelho para trocar as bobinas em pleno movimento.

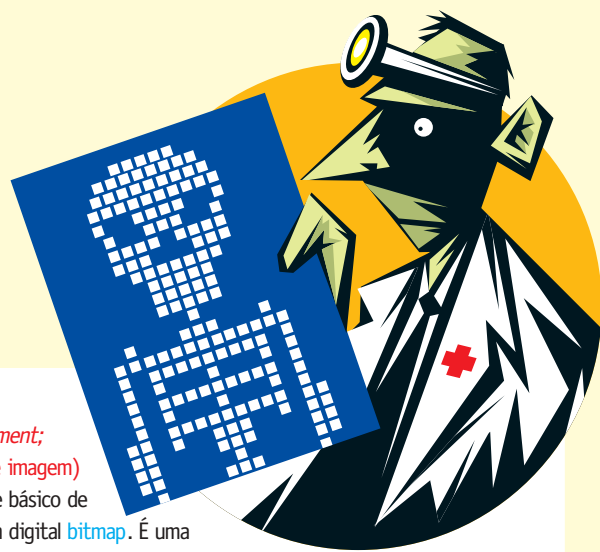
Rotogravura Sistema de impressão cujo nome deriva das fôrmas cilíndricas e do princípio rotativo de suas impressoras. Utiliza tintas líquidas à base de solventes voláteis (xileno, álcool ou thinner, que é o mais usado); o grafismo fica em baixo relevo. Foi inventada por volta de 1784 por Thomas Bell. Muito utilizada em revistas de grandes tiragens e na indústria de embalagens flexíveis.

Sangria *(bleed)* Um excesso proposital de área impressa que ultrapassa o limite da área de corte. Sua função é garantir que, após o refile do trabalho na gráfica, ele não apresente filetes.

Sensibilidade Em fotografia, é a medida da reação à luz de uma emulsão fotográfica. Pode ser espectral ou cromática. Diz o quanto o material é vulnerável à presença da luz.

Separação Transformação de uma imagem em canais componentes que correspondem às chapas de impressão. Pode usar os métodos UCR ou GCR.

Serifa Detalhe que complementa opticamente o desenho de um tipo; usualmente é um "pé" ou "nariz" nas extremidades de cada letra. Tipos que contêm esses elementos são chamados *"serifados"* e são os mais comuns na composição de livros e textos longos. As letras sem serifa, de construção despojada e aplicação versátil, só foram inventadas a partir da segunda metade do século 19.

Serigrafia ou silk screen ("tela de seda") Sistema de impressão direta. Utiliza uma matriz vazada, constituída de uma tela de tecido plástico ou metálico tensionada sobre uma moldura, na qual as áreas de contra-grafismo são vedadas. Com um racle (espátula) de borracha, a tinta líquida é forçada a passar pelos vãos livres entre os fios da trama, transferindo-se para o suporte de impressão. A tinta é semi-líquida, de acordo com o suporte. Usado na impressão de tecidos, vidro, couro, cerâmica etc. Embora praticada pelos chineses há séculos, foi patenteada por Samuel Simon em 1907. Em *silk screen* não pode haver overprint de cores.

Serrilhado O mesmo que aliasing.

Setscreen Comando da linguagem PostScript responsável pela definição dos pontos de retícula. Alguns parâmetros passados juntamente com o *setscreen* possibilitam a alteração dos parâmetros de frequência, tipo de ponto, ângulo e fundo, ou simplesmente desconsiderá-los.

Sharpen (nitidez) Filtro de imagem que aumenta o contraste entre os pixels próximos, aumentando a nitidez e (até certo ponto) cancelando perdas de foco. Em imagens digitais, é usual dar um Sharpen um pouco mais forte que o necessário, para compensar previamente a atenuação de detalhes finos na impressão.

Slide Cromo de 35 mm encaixado em uma moldura.

Small Caps Texto composto exclusivamente em caixa alta. O mesmo que versalete.

Snap Em programas de paginação, é um efeito que faz os objetos se encaixarem automaticamente quando estão bem próximos a guias *(snap to guides)*, a outros objetos *(snap to objects)* ou à grade *(snap to grid)*.

Spool ("carretel") Recurso dos sistemas operacionais modernos que permite a impressão enquanto se executa outras tarefas no computador. O material enviado para imprimir é gravado no HD e libera o programa rapidamente. A transmissão à impressora ocorre no *background* (segundo plano).

Spot Color (cor especial) Separação produzida para imprimir com tintas especiais. Uma *spot color* é separada como uma cor pura, produzindo uma nova chapa. Geralmente utilizada para impressão de cores extras, que não são geradas pelo sistema CMYK – prata, ouro ou qualquer outra pertencente a uma escala diferente (Pantone, Hexachrome e outras).

Stripping Filme especial que possui uma camada que se destaca, usado para fazer emendas no filme pronto. Também chamado de *strip*.

Tampografia Sistema de impressão indireto, no qual a imagem é transmitida da matriz para o suporte através de uma peça de silicone chamada "tampão"; devido à sua flexibilidade, ela pode imprimir sobre objetos curvos. A tinta, semi-líquida, varia de formulação de acordo com o suporte. Utiliza clichê em baixo relevo e um sistema de racle análogo à rotogravura, onde se retira a tinta do contra-grafismo. Muito utilizado para imprimir em pratos, teclas de computador, canetas, painéis de equipamentos etc. A primeira máquina foi construída por volta de 1970.

Texto corrido Texto composto em colunas regulares com nenhuma ou poucas variações tipográficas.

Texto irregular Linhas de texto compostas em diferentes medidas, alinhadas *(justified)* por um lado

Pixel
(Picture Element; elemento de imagem)
Componente básico de uma imagem digital bitmap. É uma pequena área retangular (quase sempre quadrada) à qual é atribuído um valor numérico descritivo da sua cor, conforme o espaço de cor usado.

Scanner
Digitalizador.
O original pode ser opaco, transparente ou translúcido. Utiliza (na maioria das vezes) um sistema óptico-eletrônico similar ao de câmeras digitais, fazendo uma varredura (o nome *scanner* significa "varredor") na superfície do original e convertendo a leitura em sinais eletrônicos correspondentes a pixels de imagem. Pode ser cilíndrico ou de mesa plana *(flatbed)*. O arquivo digitalizado é o *scan*.

Vetor Desenho geométrico, obtido através de uma fórmula matemática. Existem diversos modelos matemáticos; o mais comum é o de Bézier. A resolução de um desenho vetorial é limitada unicamente pelo dispositivo de saida, permitindo ampliação ilimitada sem perda de qualidade. Os arquivos vetoriais são relativamente pequenos em tamanho. É possível combinar os vetores com bitmaps; a tecnologia de animação Flash é baseada nos dois.

(esquerdo ou direito) e irregulares *(ragged)* do lado oposto.

Threshold (limiar) Cálculo usado como técnica de separação dos tons da imagem em dois valores uniformes. Assinala-se algum tom na escala como limiar (normalmente 50%, mas pode ser qualquer outro) e todos os valores dos pixels menores ou igual a esse valor são transformados em preto, enquanto os valores superiores são mapeados para branco. O efeito é utilizado para conversão de imagens grayscale em alto contraste.

TIFF (Tagged Image File Format) Formato de arquivo de imagens bitmap. Muito usado por scanners e programas de manipulação de imagens e paginação. Desenvolvido nos anos 80 em parceria por Aldus, Microsoft e fabricantes de scanners. Suporta RGB, *grayscale* e CMYK, aceita clipping paths, canais alfa e tem como opcional a compressão LZW (sem perda de qualidade da imagem).

Tinta É formada pela combinação de resinas, solventes, pigmentos e aditivos. O pigmento dá a cor, o solvente a viscosidade, os aditivos o brilho, opacidade e consistência, e as resinas são responsáveis pelo transporte físico.

Tipo Desenho de um caractere tipográfico. O sentido original era "matriz de metal para um caractere dentro de uma fonte". O metal usado é composto de chumbo para volume (85%), antimônio para dureza (11%) e estanho para liga (4%).

Tipografia No sentido atual, é simplesmente a ciência e arte da criação e composição de tipos. No sentido original, é um sistema de impressão direta. Usa tinta gordurosa e pastosa; os tipos são fôrmas relevográficas de metal. Originou-se da xilogravura (impressão com blocos de madeira em relevo), originalmente inventada pelos chineses; a prensa de tipos metálicos foi criada em 1440 por Gutenberg. Foi o principal sistema de impressão durante 400 anos. Ainda é usado na impressão de livros, folhetos, cartões de visita, convites e outros produtos de natureza semi-artesanal. Nas demais aplicações, foi substituída por outras tecnologias.

Tom contínuo Imagem com extensa gama de tons do branco para o preto, de forma que as tonalidades do branco ao preto absolutos misturam-se sem interrupção perceptível. Fotografias, pinturas, desenhos a lápis ou a carvão são todos originais de tom contínuo. Como uma máquina de impressão só imprime a traço (presença total ou ausência total de tinta em cada ponto do papel), é preciso transformar esse tom contínuo em meio-tom de retícula.

Toner Tinta sólida, composta de partículas finas de pó que possuem características eletrostáticas e são atraídas eletromagneticamente. Utilizado pelas copiadoras e impressoras a laser, que fundem essas partículas à superfície do papel e as fixam via aplicação de alta temperatura. O toner é uma substância tóxica.

Trapping Recurso presente nos programas de paginação e ilustração, que expande automaticamente os contornos das cores chapadas de planos sucessivos, causando uma pequena sobreimpressão na aresta de contato entre as cores. Sua função é evitar que, devido a um eventual erro de registro, surja um filete na transição das duas cores. O mesmo efeito pode ser feito do primeiro plano para o segundo ou do segundo plano para o primeiro; o segundo caso é o usual em textos compostos com corpos muito pequenos, evitando que as letras pareçam muito espessas e próximas.

Tratamento de imagem Manipulação digital envolvendo ajustes de cor e correção de defeitos.

TrueType Padrão de fontes conjunto da Apple e Microsoft, com versões (incompatíveis entre si) para Mac OS e Windows, no qual cada fonte é codificada em um arquivo único (podendo ou não as fontes da mesma família serem reunidas em maletas – *suitcases* – no Mac). Para sua visualização, não é necessário um software auxiliar como o ATM.

UCR (Undercolor Removal) Método de separação que remove em maior ou menor grau as cores primárias (CMY) das áreas neutras escuras, compensando a diferença com a adição de tinta preta (K). Reduz os tamanhos dos pontos de retícula das três cores de escala das áreas neutras e compensa o aumento dos tamanhos dos pontos pretos. O mesmo tom escuro é reproduzido com muito menos problemas de *trapping* e registro.

UCA (Undercolor Addition) Método de separação que reforça as cores primárias (CMY) nas áreas neutras escuras, que são impressas pela tinta preta (K). Isso compensa o fenômeno de quando os tamanhos dos pontos de retícula amarelo, magenta e ciano são muito reduzidos pelo processo GCR. Sem UCA, as áreas escuras podem ficar mais claras do que o desejado.

Unsharp Mask Sharpen com controles de ajuste.

Versalete *(small caps)* Letra que tem a forma da maiúscula e a altura aproximada da minúscula. Pode-se escrever com os caracteres iniciais em caixa alta "normal" e os demais menores.

Viúva Primeira linha de um parágrafo que fica sozinha no fim de uma coluna. É um defeito estético de paginação que deve ser evitado.

Xerografia Processo de impressão na qual o papel da tinta é feito por um pó seco (toner) que é atraído eletrostaticamente para as áreas de interesse. É a mesma tecnologia usada em copiadoras e impressoras laser.

Zoom Existem dois tipos. Zoom *óptico* é o zoom mecânico feito pela lente da câmera, que aproxima o objeto a ser fotografado. O *"zoom digital"* interpola os pixels provenientes do CCD da câmera; não é um zoom real, causando degradação por perda de detalhes ou serrilhamento.

WYSIWYG *(What You See Is What You Get;* "O que você vê é o que obtém") Slogan dos programas de DTP modernos, que exibem na tela o material de forma a imitar a sua aparência quando impresso.

O Jogo do Upgrade

Instalar ou não o Mac OS X? Essa pergunta já deve ter passado pela sua cabeça várias vezes nestes últimos meses, não é mesmo? Se você é ainda um dos indecisos que não sabe para que lado vai, deixe que nosso tabuleiro decida por você. Junte os amigos macmaníacos, baixe e monte seu modelo de Mac do Apple Collection (www.theapplecollection.com/collection/papermac). Não precisa de dados nem de roleta. É só andar no nosso tabuleiro, uma casa por vez.

Limpando MP3

Uma forma simples de apagar músicas do seu HD é colocar os arquivos em /Documents/iTunes/iTunes Music. Dessa forma, quando você deleta as músicas do Library, o iTunes automaticamente envia o arquivo correspondente para o lixo. Mas antes ele pergunta educadamente se você sabe mesmo o que está fazendo.

Cyleno Guimarães
Belo Horizonte/MG
chibasan@vento.com.br

Easter Egg do StuffIt

O StuffIt Deluxe 6.5 tem um Easter Egg inútil (como todos), mas simpático. No Mac OS X ou no Mac OS 9, abra o programa, segure as teclas ⌘ Option Control e selecione o "About StuffIt Deluxe" no menu da maçã. Saber um pouco de inglês ajuda.

Sem pânico

Se o Mac OS X travar com um *kernel panic* durante a partida, a Apple sugere:

1 Ter certeza de que você tem a última versão do firmware.

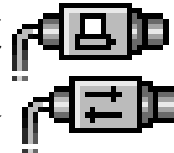
2 Desconectar todos os periféricos, com exceção do mouse e do teclado. Se o sistema não entrar mais em pânico sem esses dispositivos, adicione um de cada vez até que o problema reapareça. Uma vez identificado o dispositivo problemático, veja no site do fabricante se há algum driver novo compatível com o OS X.

3 Remova todos os upgrades de terceiros, como RAM, aceleradores de vídeo e placas PCI. De novo, adicione um por vez, na tentativa de isolar o causador de pânico.

4 Se o problema aparentar ser causado pela RAM, verifique se o módulo está de acordo com os padrões da Apple. O freeware DIMM First Aid (www.mactcp.org.nz/dimmfirstaid.html) faz essa verificação e até compatibiliza algumas memórias "fora de padrão".

5 Inicie a partir do CD do OS X e rode o programa Disk Utility.

Feitiço do tempo

Sempre que você tenta imprimir algo, é necessário ir ao Seletor (Chooser) e redefinir a impressora? Eis aqui algumas soluções possíveis:

1 Normalmente, o culpado é a extensão LocalTalk PCI. Abra o painel Gerenciador de Extensões e desabilite-a.

2 No Finder, vá ao menu Arquivo ▸ Configurar Página (File ▸ Page Setup) e configure a impressora desejada, se você já não tiver feito isso antes.

3 Tente reinstalar o driver da impressora. Talvez seja necessário atualizá-lo. Para isso, entre no site do fabricante e confira se há uma versão mais recente para baixar.

4 Tente "zapear" a PRAM. Para isso, mantenha pressionado ⌘ Option P R enquanto o Mac inicia. Deixe o acorde inicial soar duas vezes e largue a mão do teclado. (Será necessário refazer a configuração ds painéis Memory e Date & Time.)

Fontes de PC no Mac

Você achou uma fonte TrueType superlegal na Internet, mas ela só existe "para PC"? No Mac OS X isso não é problema: arraste o arquivo para a pasta Fonts desejada.

- Para acesso exclusivo seu, em ~/library/fonts
- Para acesso geral de todos os usuários, em /library/fonts

Ao abrir um programa nativo do OS X, a fonte já estará lá no seletor, pronta para uso. Simples assim.

Classic light

Quer abrir o ambiente Classic do Mac OS X mais rapidamente, economizando memória? Desligue as extensões desnecessárias do Mac OS 9.1, que só atrasam sua vida no OS X. Para isso, siga os seguintes passos:

1 Restarte pelo Mac OS 9.1 e abra o painel de controle Gerenciador de Extensões (Extensions Manager).

2 No menu Definição Selecionada (Select Set), escolha a opção Mac OS 9.1 Básico (Base) e clique no botão Reiniciar (Restart).

3 Teste todos os aplicativos que você costuma usar no Classic. Se algum pedir alguma das extensões desabilitadas, repita o passo 1, selecione o menu Arquivo ▸ Criar Definição (File ▸ New Set) e dê o nome que quiser à configuração. Agora, é só habilitar as extensões desejadas e reiniciar pelo OS X.

Mande sua dica para a seção **Simpatips**. Se ela for aprovada e publicada, você receberá uma exclusiva camiseta da Macmania.

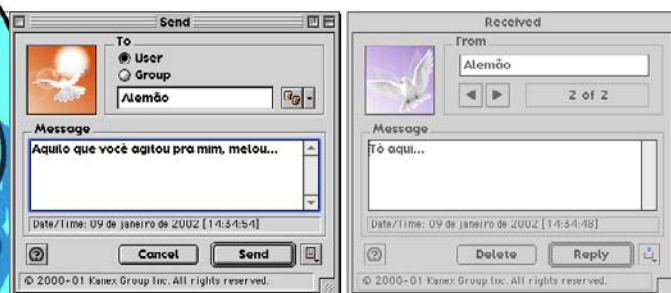
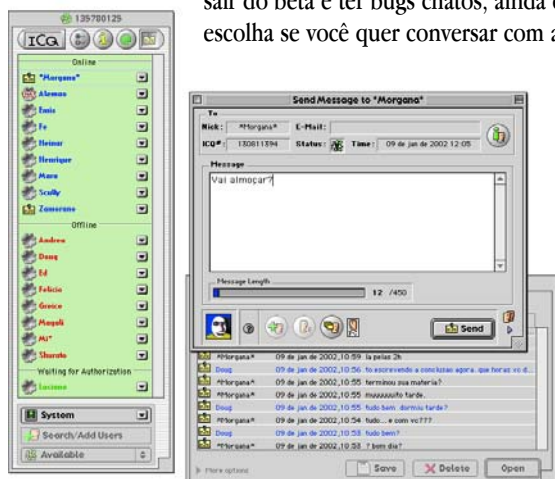
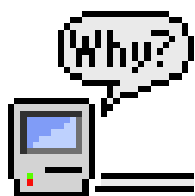
Quem não se comunica...

Programa de comunicação em tempo real é o que não falta

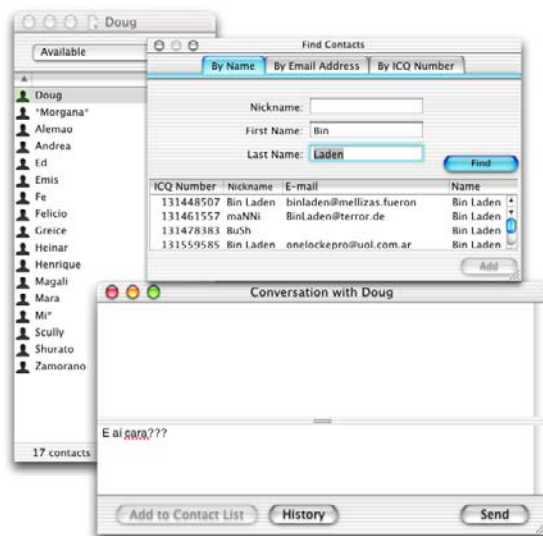
Depois de assistirmos à ascenção e queda da Web, podemos ver claramente que certas coisas deram certo e outras nem tanto. Da lista de coisas que deram certo, duas se destacam fortemente e têm grandes semelhanças. Servem para a comunicação entre pessoas, funcionam independentemente do tipo de computador que você usa e podem ser utilizadas gratuitamente. Uma é o email e a outra é o conjunto de programas que usamos para a comunicação *"peer-to-peer"*, ou seja, bate-papo em tempo real – uma febre que se popularizou com um software chamado ICQ, hoje obrigatório para quem gosta de conversar e vive conectado à Internet. E, é claro, hoje existe um punhado de programas que nasceram embalados no sucesso do ICQ... Vamos a eles.

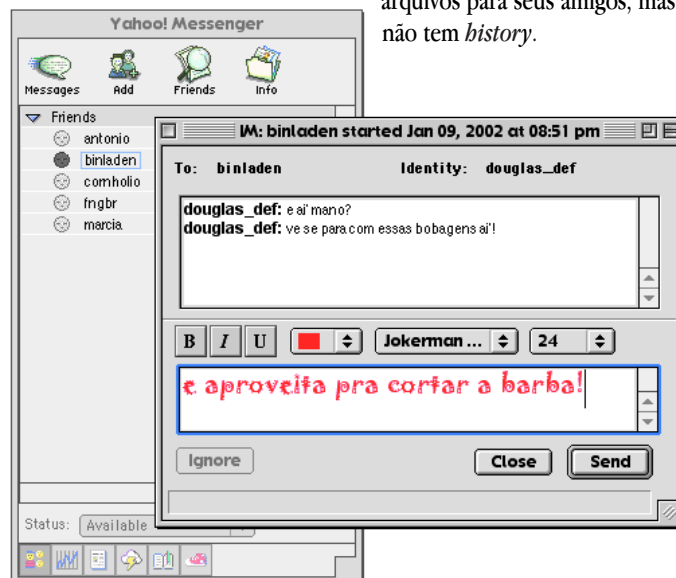
QuickPopup X

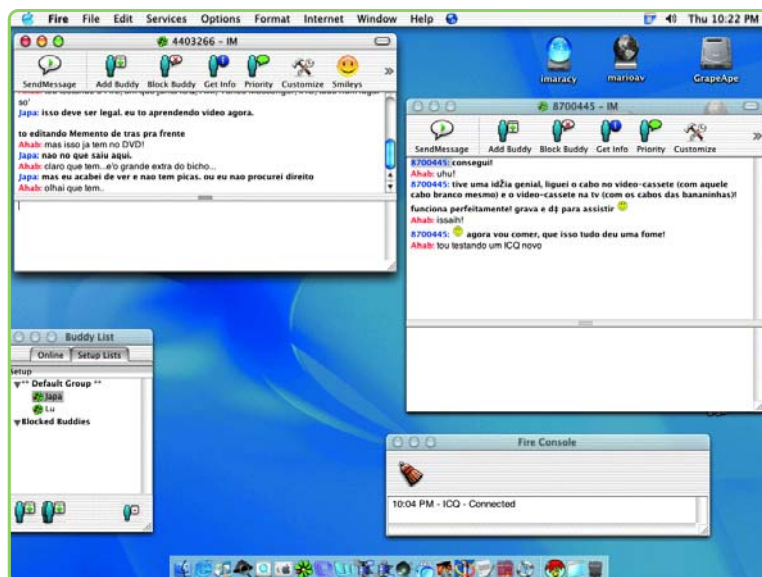
Shareware que serve para mandar e receber mensagens através de sua rede local. As boas notícias são que as mensagens podem ser trocadas entre usuários de Mac OS clássico, Mac OS X e Windows – basta estarem na mesma rede. Sua utilização é simples e não requer nenhuma instalação: é só deixar o programa ligado nas máquinas que ele recebe e manda mensagens. A má notícia é que ele é pago. Bastante útil se você quer se comunicar com PCs na sua rede e quer fugir dos ICQs da vida.

X ICQ

O principal programa de bate-papo chegou a uma qualidade de funcionamento aceitável no Mac. Sempre "esquecido" na lista de prioridades dos desenvolvedores, ficou muito para trás em relação ao monte de inovações do seu equivalente para Windows. Mas aparentemente o pessoal deu uma acordada e agora chegamos a uma versão mais estável, com *history* (guarda tudo o que você escreveu e recebeu), opção de "traduzir" caracteres vindos do seu amigo que usa PC, compatibilidade com o *firewall* da sua empresa, busca de pessoas com mais opções e o mais legal de tudo: guarda sua lista de contatos no servidor central. Assim, você pode conversar pelo ICQ de qualquer computador, bastando fazer o *login*. Apesar de nunca sair do beta e ter bugs chatos, ainda é uma grande escolha se você quer conversar com alguém que também usa ICQ. Existe uma versão nativa para Mac OS X.

BroadCast

Mesmo antes de existir a Internet na forma que a conhecemos, uns malucos alemães escreveram um programa muito simples que serve para você se comunicar com seus amigos em uma rede local. Na verdade, ele é um item do Chooser e tudo que você tem a fazer é clicar no seu ícone e escolher a pessoa com quem quer falar (tem que ser um Mac e tem que ter o programa instalado também). Fora isso, ele é superespartano: não tem history, a interface é "estilo Systems 6", não aceita muito texto e nem sempre funciona a contento. Mesmo assim, é muito legal de usar e quase obrigatório se você está numa rede com outros Macs.

X IcyJuice

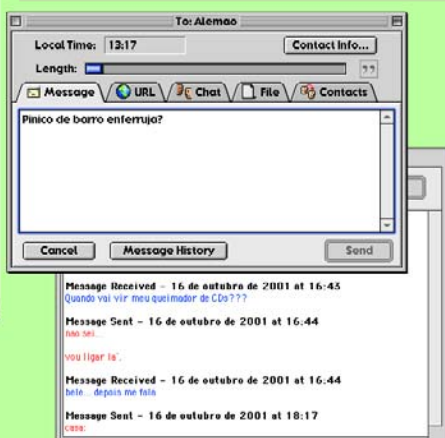
Tentativa de se fazer um equivalente melhorado do ICQ para o Mac OS X, mas acabou não sendo equivalente nem melhorado. A tentativa até que é boa, com um visual mais "clean" e ícones mais bonitinhos, mas o seu funcionamento é extremamente bugado e superinstável. Quem sabe em uma próxima versão.

Yahoo! Messenger

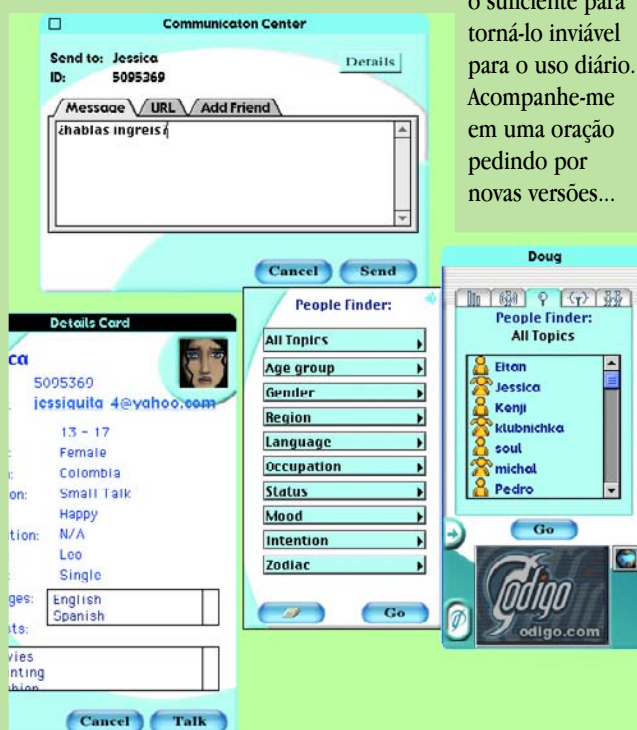
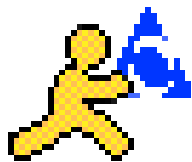
O Yahoo! também tem seu próprio comunicador. E ele funciona bem no estilo dos outros comunicadores atrelados a sites: você precisa ter uma conta de email no site deles, e a partir daí é possível convesar com outras pessoas cadastradas no mesmo site. Também não é muito popular aqui pelas nossas terras e as opções de busca por amigos não são grande coisa. Portanto, você só vai sentir necessidade de usá-lo se conhecer alguém que também o use e não tenha um programa de comunicação mais popular (o que pode ser raro). Pode enviar arquivos para seus amigos, mas não tem *history*.

X Fire

Um dos primeiros programas de comunicação feitos para o Mac OS X. As primeiras versões eram meio bugadas, mas a última, compatível com o Mac OS X 10.1.2, está bem feitinha. Funciona com ICQ, AIM, Yahoo Messenger , MSN Messenger, Jabber e até IRC. Se você tem uma variedade de amigos que usam tudo quanto é programa de comunicação, o Fire é para você. Obviamente, não inclui todas as opções específicas de cada um dos programas individuais, mas seu ecumenismo compensa.

Seleção natural

A guerra dos programas de comunicação em tempo real provocou várias baixas, com vítimas bem legais entre elas. Aqui vai um obituário para provar que não esquecemos dos que se foram.

X Gerry's ICQ

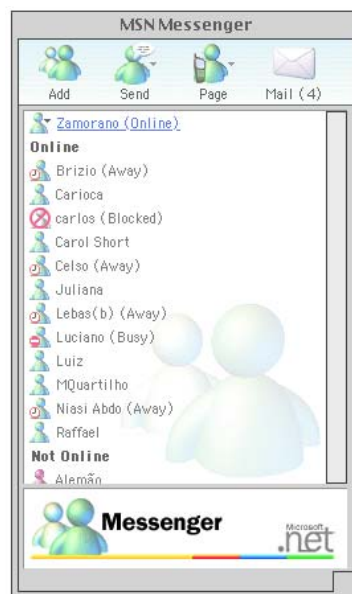
Certa vez, alguém chamado Gerry ficou louco da vida porque o ICQ para Mac era um lixo e resolveu fazer uma versão mais legal, com várias coisas que a versão de PC tinha. O Gerry's ICQ teve aceitação imediata no mundo Mac e todos começaram a utilizá-lo. Mas o tempo passou, apareceram ICQs melhores e o Gerry se encheu de ficar escrevendo novas versões. Uma pena. Era um programa que funcionava bem e que trouxe várias inovações quando o ICQ original era uma droga. Ainda funciona (com alguns problemas), mas deve-se usar sabendo que não existirão novas versões. Antes de sua "morte", foi lançada uma versão para Mac OS X.

Odigo

Seria perfeito se não tivesse tantos problemas. O Odigo veio com a intenção de ser o melhor comunicador possível, mas algo aconteceu e e ele não foi mais desenvolvido para Mac (além da versão alfa ainda disponível para ser baixada). Mesmo assim, é possível usá-lo e ficar com água na boca por causa de algumas idéias matadoras dele: poder ver quantos e quais usuários de Odigo estão acessando a mesma página de Internet que você, falar ao mesmo tempo com usuários de ICQ e ainda escolher um ícone que se pareça com você. Infelizmente ele dá muito pau, o suficiente para torná-lo inviável para o uso diário. Acompanhe-me em uma oração pedindo por novas versões...

X AOL Instant Messenger (AIM)

Comunicador próprio do provedor America Online, distribuído gratuitamente com o Netscape. Você só pode se comunicar com quem usa esse programa, o que talvez não seja muito eficiente se você quer falar com alguém no Brasil, uma vez que ele não foi muito adotado por aqui (mas faz muito sucesso lá nos EUA). Ele também só deixa você adotar um nome se ele nunca tiver sido usado e tem algumas opções de procura um pouco capengas (algumas não incluem o Brasil nas procuras por país). No entanto, ele pode avisar quando chega um email (se você for associado da AOL), pode agrupar contatos por categorias e tem uma janela que mostra notícias. Tem algumas gracinhas também no chat, como colocar "emoticons". Existe uma versão paralela além da oficial, para o Mac OS X, chamada "Adium", mas que ainda não funciona muito bem (o original da AOL roda bem no OS X).

Onde encontrar

Programa	Tamanho
AOL Instant Messenger (AIM) www.aim.com/index.adp	3,4MB
BroadCast www.umich.edu/~archive/mac/system.extensions/chooser	31K
Fire www.epicware.com	1,9 MB
Gerry's ICQ http://homepage.mac.com/gerrysicq	697K
ICQ 3.0X www.icq.com/download/ftp-macppc.html	2,7MB
IcyJuice www.mitzpettel.com/software/icyjuice.html	532K
MSN Messenger http://messenger.msn.com	2MB
Odigo www.odigo.com/mac	2,8MB
QuickPopup www.quickpopup.com	1,5MB
Yahoo! Messenger http://messenger.yahoo.com	1,0MB

X MSN Messenger

Comunicador da Microsoft e um dos mais populares hoje em dia, depois do ICQ. A grande sacada é que você pode se comunicar com todo mundo que usa os serviços do Hotmail, e o programa ainda checa se você tem novos emails e tem um link para acessar a página do Hotmail. Seu ponto negativo é não ter history, ou seja, ele não guarda as mensagens que você trocou com outras pessoas. No entanto, mostra uma janela no estilo "chat"

(que ocupa bastante espaço na tela) onde você pode ver as últimas mensagens e se a pessoa com quem está conversando está escrevendo uma mensagem para você. Ao contrário do seu equivalente no PC e do ICQ para o Mac, não deixa trocar arquivos. Seu melhor atrativo é estar se popularizando rapidamente, o que pode significar que você consiga achar amigos que não usam necessariamente o ICQ.

O que importa em um programa desse tipo é quantos amigos você tem que usam o mesmo serviço, para poder se comunicar com eles. Se você não conhece ninguém que use um programa desses, pegue pelo menos um serviço mais popular para encontrar novas pessoas facilmente. Não esqueça de colocar poucos dados sobre você (não ponha telefones nem endereços) e lembre-se de que esse tipo de programa é altamente viciante; daqui a pouco, boa parte do seu tempo será gasto respondendo e escrevendo mensagens.

DOUGLAS FERNANDES
douglasf@mac.com
Usa seu ICQ apenas para trabalho. Sério.

Tudo sobre o Mac OS X

O Mac OS X chegou às lojas há menos de um ano. Em tão pouco tempo, os sites sobre o novo sistema se multiplicaram como peixe e pão em filme bíblico. Existem dezenas de páginas profissionais sobre o assunto (sem contar as feitas pelos amadores). E não é para menos: a quantidade de informações e notícias criadas diariamente sobre o Mac OS X é enorme. Todo dia lançam algum programa "carbonizado" ou alguém descobre uma dica nova. Veja algumas das melhores páginas que escolhemos para os sedentos por informações ou "perdidos" que acabaram de instalar o sistema.

Mac OS X Hints

www.macosxhints.com

O site é feio de doer, em nada lembra o Aqua. Mas para o macmaníaco que procura dicas e informações sobre o Mac OS X, não tem para ninguém. Aliás, dicas são a especialidade da página. Tem dica para OS X de todo tipo. Desde scripts Unix até como melhorar a navegabilidade na Internet. Em média, aparecem cinco novas dicas por dia. Sua lista de links para outras páginas sobre o assunto, se não é a melhor, chegou perto. A assinatura (na verdade, uma "ajuda beneficente") da página custa US$ 10. No entanto, a área pública é mais do que suficiente para a maioria dos normais. Enfim: esse site é passagem obrigatória dos usuários de Mac OS X.

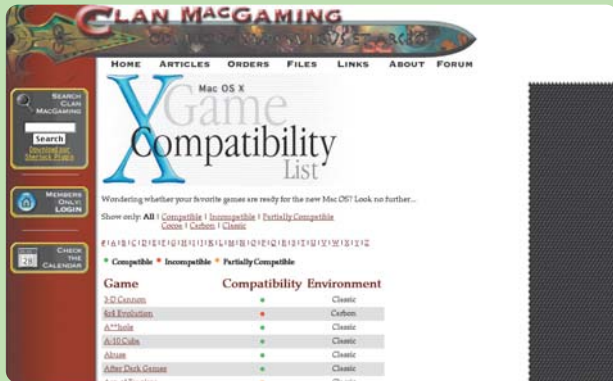
Apple

www.apple.com/macosx

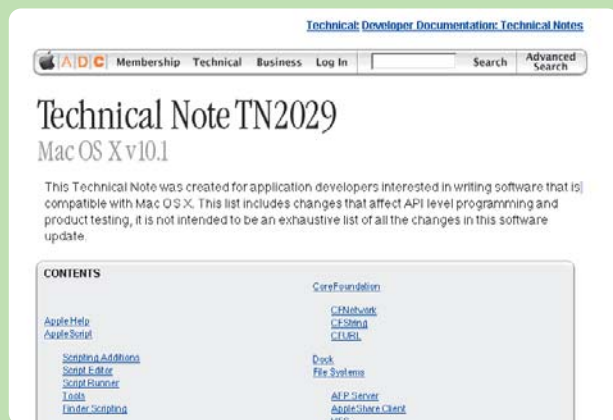
www.apple.com.br/produtos/macosx

O melhor lugar para saber o que rola no mundo do Mac OS X é o próprio site oficial da Apple. A página americana e a brasileira são bem feitas e atualizadas frequentemente. Pelo site é possível baixar sharewares e freewares nativos para o OS X e informar-se sobre aplicativos mais "feras" que estão sendo "carbonizados". Além disso, há tutoriais para os iniciantes e o código fonte aberto do Darwin, que é o núcleo Open Source do sistema. Você também pode dar palpites ou reclamar do sistema diretamente para a Apple (se eles vão ouvir é outra história). De um site oficial poderia-se esperar mais, mas já dá para o gasto.

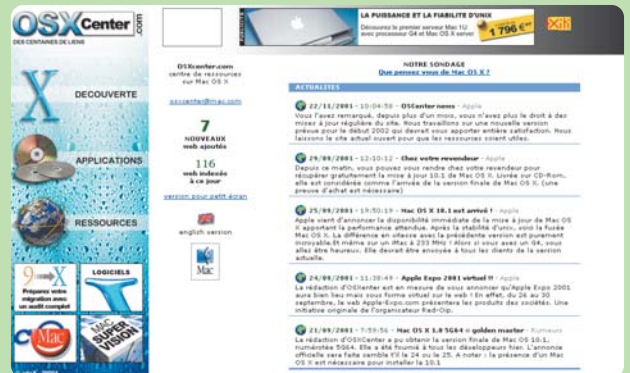
Mac OS X Game Compatibility

www.clanmacgaming.com/macosx.php

Assim que você instalou o Mac OS X em sua máquina, a primeira pergunta que lhe veio à cabeça deve ter sido: “será que o <insira aqui seu game favorito> roda neste sistema?” A resposta a essa pergunta está neste site. Ele tem a lista completa de todos os jogos compatíveis com o Mac OS X. Há também a lista dos jogos mais importantes ainda incompatíveis com o sistema. O site não possui a maioria dos jogos para baixar diretamente, mas tem links de download ou para a página do fabricante. Além disso, o site conta com artigos, resenhas e um fórum sobre esse assunto de suma importância. Passagem obrigatória para os adeptos da filosofia “nem só de trabalho vive o Mac”.

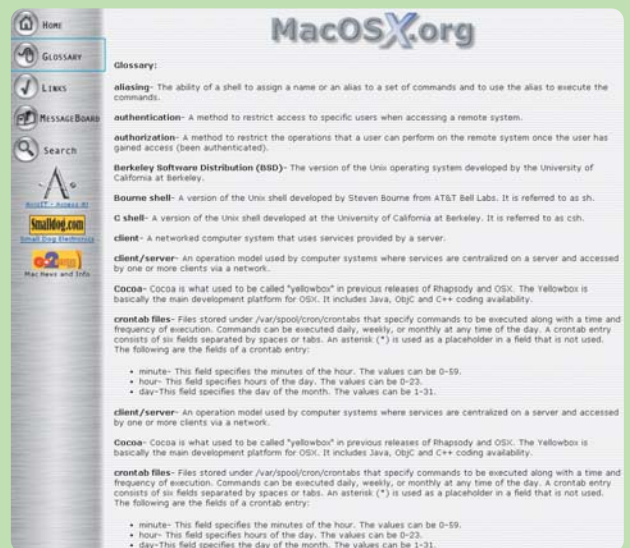
Tech Note 2029

http://developer.apple.com/technotes/tn/tn2029.html

Não é exatamente um site, mas uma TechNote da Apple. No entanto, não é qualquer uma, e sim a 2029. Ela foi criada para os desenvolvedores interessados em programar aplicativos para o Mac OS X versão 10.1. Ou seja, não é para “populares”; só para aqueles que sabem quase tudo e querem fuçar nas entranhas do sistema. Possui informações técnicas preciosas e as principais mudanças do upgrade em relação à versão antiga.

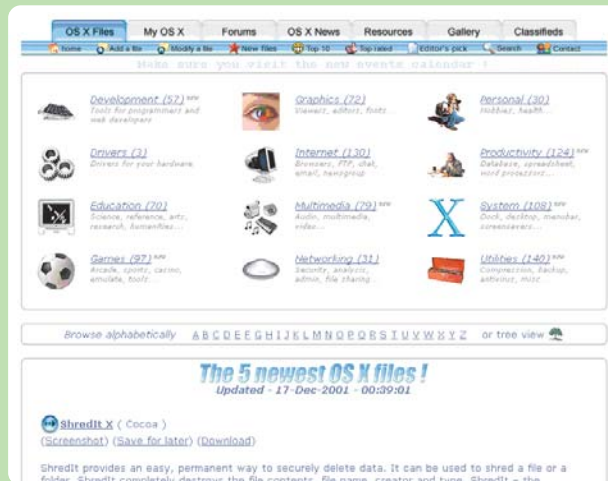
OS X Center

www.osxcenter.com

Apesar de ter um “center” no nome e só o “.com” no final da URL, o site é francês. Mas é bilíngue, com um espelho em inglês. Além das notícias, o forte da página são os tutoriais, que formam uma espécie de manual não-oficial de Mac OS X. Também possui dicas, ícones, artigos, fóruns etc.

Mac OS X User’s Guide

www.macosx.org

Mesmo com um uso do visual Aqua bem resolvido, a página não é das melhores. Tem notícias sobre Mac OS X atualizadas esporadicamente e pouca quantidade de informações. No entanto, possui um belo diferencial: um glossário sucinto com os termos mais espinhudos para os recém-chegados ao mundo do Mac OS X. A página de links sobre o assunto é pequena, mas muito precisa. Todos os sites linkados são profissionais, e dos melhores. Além disso, há um mecanismo de busca dedicado ao Mac OS X, criado pelo próprio site.

Aqua Files

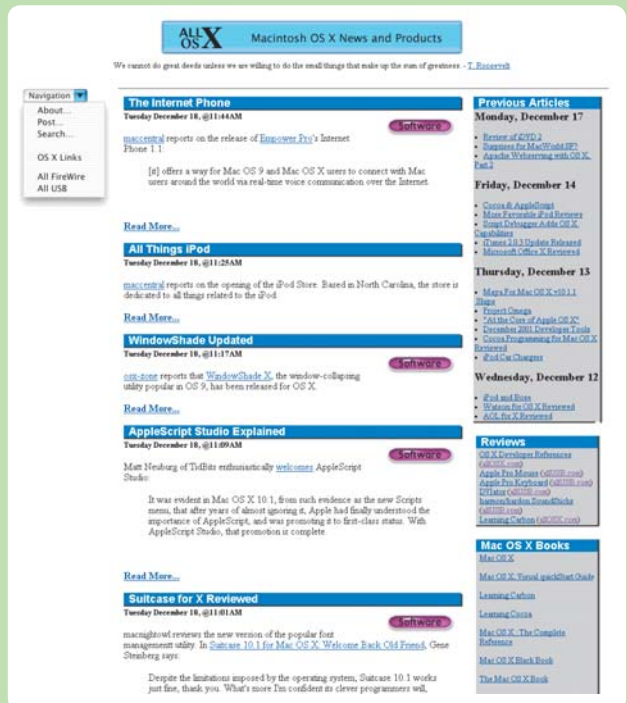
www.aquafiles.com

Diretório repleto de programas para download. Os aplicativos estão bem organizados. Dá para procurar por ordem alfabética, pela lista dos mais requisitados, pelos mais recentes ou por categoria. Os temas dos softwares também são os mais variados: tem aplicativos de educação, jogos, ferramentas para o sistema, para desenvolvedores etc. Se você criou um shareware para Mac OS X ou conhece um bom, dá para incluí-lo na lista do site. Uma boa alternativa ao popular VersionTracker.com.

MacFixIt

www.macfixit.com/macosx.shtml

Esta página faz parte do conhecido portal MacFixIt, que é o santo remédio dos macmaníacos quando o Mac dá pau. A página tem o mesmo intuito: ajudar a solucionar as inevitáveis bombas e conflitos de hardware no Mac OS X. Seu conteúdo é alimentado pelos próprios usuários que já passaram por um algum sufoco do tipo. Por isso, na hora do desespero, é bom consultá-lo: é muito provável que alguém já tenha passado pela mesma situação que a sua. O único problema desse site é o fato de ser muito pesado. Demora um bocado para carregar, até para quem possui conexão de banda larga.

All OS X

www.allosx.com

Notícias sobre Mac OS X divididas em tópicos. Além de lançamentos de programas, fala sobre as novidades para Java, Darwin, áudio etc. O site é irmão do All USB e do All FireWire, especializados nas respectivas tecnologias. Toque inusitado: cada vez que você entra na página, aparece uma frase de um presidente americano.

MacNN

http://osx.macnn.com

Página sobre Mac OS X do site de notícias MacNN. Atualizada diariamente, sempre apresenta bons e novos aplicativos nativos para o sistema. Boa fonte de consulta para os ávidos por novidades. Além disso, conta com um catálogo respeitável de ícones para o Mac OS X. É para você que já enjoou daqueles que vêm instalados no sistema.

Ano 5 - Nº39
Parte integrante da revista Macmania
Não pode ser vendido separadamente

MacPRO

o suplemento dos power users

Parte 3: Direct to Java

Quem tem medo do WebObjects?

Na segunda parte deste artigo, você viu como criar uma aplicação WebObjects cliente/servidor que roda num browser de Web sem a necessidade de incluir uma única linha de código. Vamos começar esta matéria criando uma aplicação bem similar, mas agora usando uma outra interface.

por Tiago Ribeiro e Fabio Ribeiro

Poucas pessoas sabem, mas o WebObjects também é capaz de criar aplicações desktop – ou seja, programas que não rodam em um browser, mas ainda assim se beneficiam das vantagens de serem aplicações *three tiered (ver a parte 1, na Macmania 90)*. Essas aplicações são 100% "Pure Java", o que quer dizer que podem rodar virtualmente em qualquer plataforma que suporte a especificação Java 2, Standard Edition (J2SE) – incluindo aí os sistemas Linux, Solaris e Windows 2000, entre outros. O maior benefício em relação a aplicações Web está no fato de que aplicações desktop fornecem melhor interatividade e uma interface mais próxima da oferecida por programas tradicionais, usados no dia-a-dia. A maior desvantagem está no fato de que as atualizações da aplicação devem ser enviadas e instaladas para todos os usuários, o que pode tornar seu uso inadequado em algumas situações.

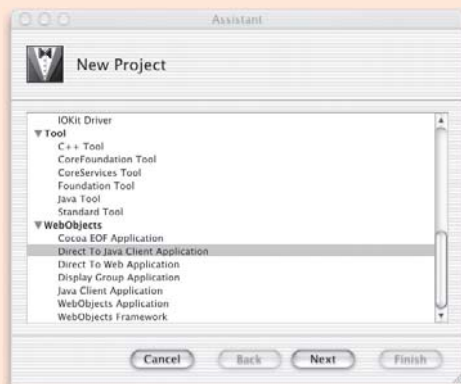
Na parte 2 desta matéria, nós tínhamos criado uma interface Web para um banco de dados de contatos. Nesta parte, iremos um passo além e criaremos uma segunda interface para esse banco de dados – uma aplicação Java carregável a partir do Desktop. Da mesma forma que no exemplo anterior, criaremos essa aplicação sem adicionarmos código algum; para isso, utilizaremos uma tecnologia presente no pacote do WebObjects, denominada **Direct to Java Client.**

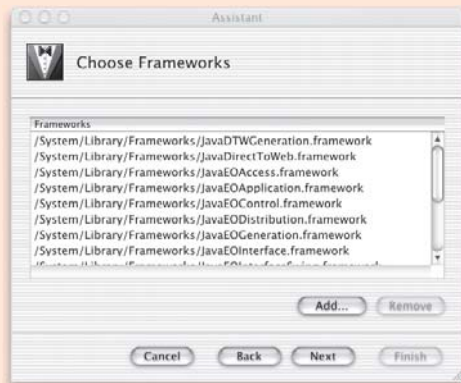
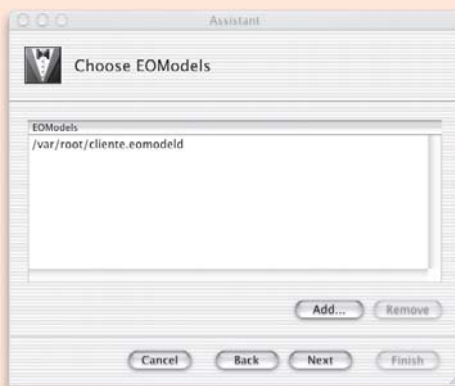
Uma aplicação Direct to Java Client é composta por duas partes: uma delas roda dentro do servidor de aplicações e não possui nenhuma interface gráfica – a sua responsabilidade é gerenciar o acesso ao banco de dados e a lógica de negócios da aplicação em si; a outra é o cliente Java propriamente dito, que roda na máquina do cliente e se comunica com o servidor de aplicações através de uma tecnologia Java denominada RMI (Remote Method Invocation). Uma das vantagens de se utilizar esse método é que, estando a lógica da aplicação sempre centralizada em um único local, pode-se criar diferentes tipos de interface para ela sem a necessidade de se repetir código. Ou seja, o mesmo software que pode ser acessado internamente em uma empresa por aplicações-cliente nativas (por exemplo, uma aplicação Cocoa usando EOF) também pode ser disponibilizado para clientes externos, através de uma interface Web ou clientes Java multiplataforma. É possível até mesmo integrar uma aplicação WebObjects a telefones móveis com acesso à Internet – compatíveis com tecnologia WAP – através de produtos de terceiros.

Vamos, agora, deixar a teoria de lado e começar a criar nosso cliente Java. Usaremos alguns recursos e idéias das partes 1 e 2 deste artigo, publicadas nas Macmanias 90 e 91. Por isso, se você não possui uma destas revistas, não perca tempo: compre já a sua!

Iniciando o Direct to Java Client

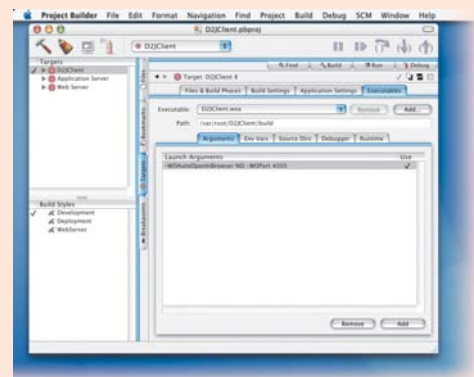
1 Abra o aplicativo Project Builder, que fica em '/Developer/Applications/Project Builder.app'

2 Selecione no menu File ▶ New Project para criar um novo projeto. Na lista que surge, selecione a opção WebObjects ▶ Direct To Java Client Application e então clique no botão Next.

3 Na janela seguinte, dê um nome para a aplicação (não digite espaços!). Usarei D2JClient. Depois disso, clique em Next.

4 Na próxima tela ("Choose Frameworks"), você não precisará adicionar nenhum framework. Clique em Next.

5 Como nós criaremos uma interface Java para a mesma aplicação que desenvolvemos na edição anterior, iremos aproveitar o mesmo modelo que criamos no EOModeler. Na janela "Choose EOModels" será pedido para que você adicione o modelo que descreve o banco de dados com o qual sua aplicação trabalha. Na parte anterior desta matéria, o banco de dados que usamos chamava-se cadastro. Clique em Add e navegue pelo disco rígido até encontrar o modelo correspondente. Encontrando-o, selecione-o e clique no botão Choose. Tendo selecionado o modelo, clique no botão Next.

6 Na última janela do assistente ("Build and Launch Project"), desmarque a opção "Build and launch application now" e então clique em Finish.

Configurando, compilando e executando

Quando você construir e rodar este projeto que acabamos de configurar pelo Assistente, você estará executando apenas uma das partes de nossa aplicação: aquela que é executada pelo servidor de aplicações e que é responsável pela integração com o banco de dados e pela sua lógica de negócios. Ou seja, estamos executando a parte *não-visível* da aplicação.
O Project Builder é configurado para abrir automaticamente um navegador da Web no momento em que roda o projeto. Como nós não iremos utilizar uma interface Web para essa aplicação, convém mudar a configuração para que ela não o faça. Além disso, iremos também configurar a partir de qual porta TCP/IP a aplicação estará disponível quando for executada.

7 Para configurar a aplicação, tendo o projeto aberto, clique em Targets; selecione D2JClient na lista que aparece na lista de Targets (canto superior esquerdo) e então clique na aba Executables. Mais cinco abas serão exibidas.

Clique na primeira: Launch Arguments. Clique no botão Add (canto inferior direito). Isso adicionará parâmetros que serão usados na abertura da aplicação. Digite:

```
-WOAutoOpenInBrowser NO -WOPort 4000
```

Esses parâmetros indicam que o navegador não será carregado ao se rodar a aplicação (WOAutoOpenInBrowser NO) e que a porta onde a aplicação estará disponível para nosso cliente Java será a 4000 (-WOPort 4000).

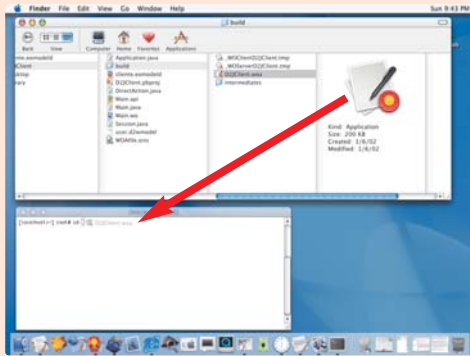
8 Pressione ⌘R para compilar e rodar sua aplicação. Nada de excepcional aparecerá.

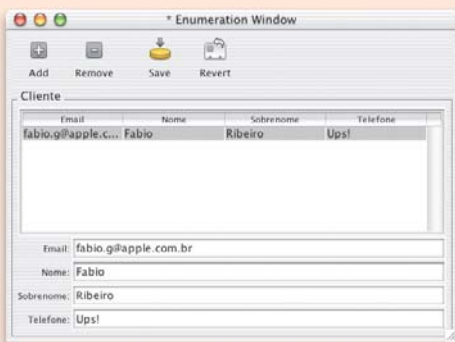
Executando o cliente Java

Vamos agora executar a *aplicação-cliente* – a aplicação Java que o WebObjects criou para nós e iremos distribuir para nossos clientes.

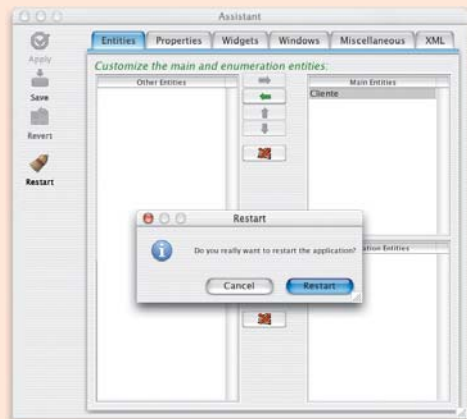
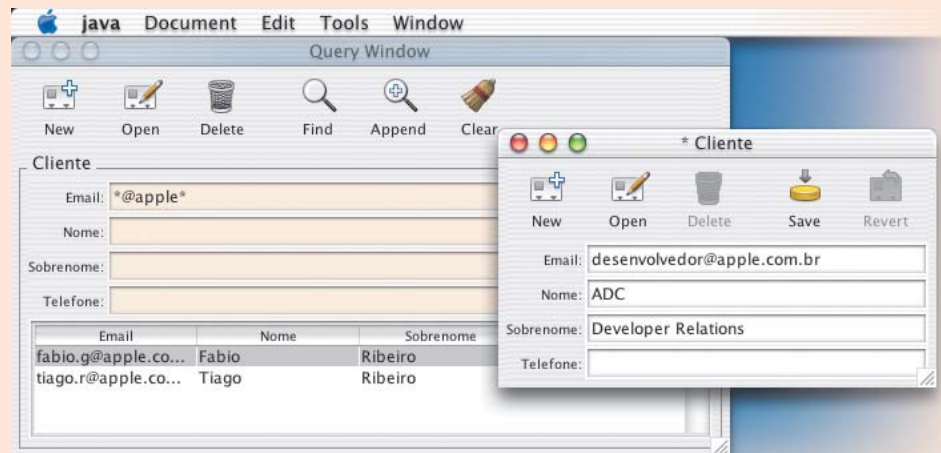
9 Abra o Terminal. Ele está dentro de /Applications/Utilities/Terminal.app

10 Através do Finder, encontre o lugar onde você salvou o seu projeto. A sua terminação é .pbproj. Na pasta build criada ao lado do seu projeto (no meu caso, é D2JClient.pbproj), existe um arquivo chamado D2JClient.woa, que é o seu aplicativo completo (inclui o software que roda no servidor de aplicações e o cliente Java).

11 No Terminal, digite cd seguido de um espaço e arraste o arquivo D2JClient.woa para a janela do Terminal. Isso irá fazer com que o nome de caminho completo para o seu aplicativo seja adicionado à linha de comando.
No nosso caso, o comando vai ficar assim:
cd /private/var/root/D2JClient/build/D2JClient.woa
Pressione Return para ir ao diretório do D2JClient.woa.

12 Digite `cd Contents/MacOS` para navegar até a pasta onde se encontra o executável do nosso cliente Java. Pressione Return.

13 Finalmente, digite:
`./D2JClient_Client "http://127.0.0.1:4000"`
Em alguns segundos, sua aplicação Direct To Java Client se abrirá (veja a figura abaixo para ter uma idéia do *look and feel*).

Customizando a aplicação

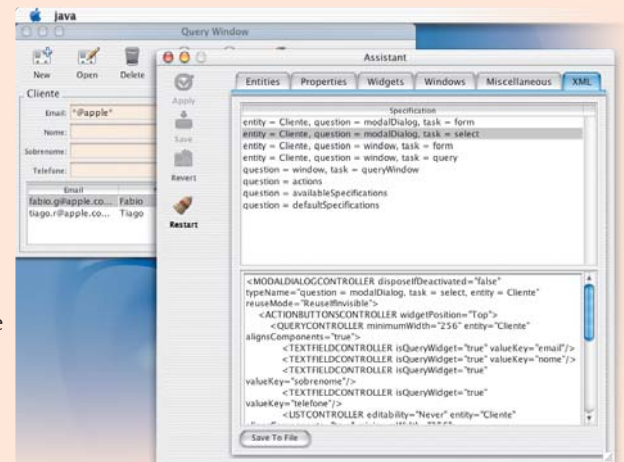
Essa aplicação está programada para obter todos os dados da tabela Clientes. É possível customizá-la, definindo quais tabelas aparecerão para nossos clientes, quais itens poderão ser modificados, como serão feitas as buscas etc. Vamos fazer isso agora:

1 Selecione o menu Tools ▶ Assistant.
2 Na janela do assistente que aparece, clique na aba Entities. A tabela Cliente deve estar aparecendo na lista Enumerations Entities (no canto inferior direito da janela). Selecione-a e clique uma vez na seta que indica o sentido à esquerda (essa seta está posicionada no grupo de botões inferiores dessa janela) para que ela seja movida para a lista Other Entities. Selecione-a nessa nova lista e clique na seta apontando para a direita (nos botões superiores), movendo-a para a lista Main Entities (no canto superior esquerdo).

3 Clique no botão Apply para aplicar as modificações e depois clique em Save.

4 Finalmente, clique no botão Restart e confirme sua intenção de reiniciar a aplicação. Note *(acima)* que outros botões aparecem e a sua aplicação agora suporta buscas.
O formato usado para a criação dessa interface é o XML. As aplicações mais modernas (e aí incluímos nossa aplicação Direct to Java) estão começando a usar esse formato para descrever os mais diferentes tipos de informação – sejam essas informações páginas Web, documentos a serem impressos, ou mesmo a interface de um programa. A aba XML do Assistant *(ao lado)* permite que você veja o código XML que o WebObjects usa para descrever a interface dessa aplicação em particular.

Empacotando e distribuindo

Neste exercício, nós executamos nossa aplicação Java a partir de um terminal Unix. Na prática, é esperado que você crie uma interface mais "humana" (ou seja, um executável duplo-clicável).
Existem várias maneiras de fazer isso; sugerimos aos interessados que leiam o texto "Wrapping Unix Commands" no endereço `www.cocoadevcentral.com/tutorials.showpage.php?=00000017.php`

A vida não é feita apenas de templates...

OK. Até agora, estivemos trabalhando com templates que facilitam nossa vida e ajudam bastante na criação de aplicações. Usamos eles até agora porque queríamos mostrar quais tipos de aplicação o WebObjects é capaz de criar e as diferentes ferramentas envolvidas no processo.
Na prática você irá perceber que, embora facilitem sua vida, esses templates apresentam um limite em relação ao que pode ser customizado. Em um determinado momento, você precisará escrever mais código manualmente para que a sua aplicação seja exatamente do jeito que você quer. Mas, mesmo nesses casos, o WebObjects possui um conjunto grande de frameworks que tornam tarefas complexas bem simples. Veremos como criar essas aplicações na próxima edição.
Nos vemos lá! **M**

TIAGO RIBEIRO
tiago.r@apple.com.br
FABIO RIBEIRO
fabio.g@apple.com.br
Trabalham na ADC da Apple Brasil.

Help

Respondemos aqui a dúvidas técnicas sobre Mac, dando soluções para problemas de funcionamento, com o auxílio do AppleLine (5503-0090/0800-1-27753). Envie suas questões para editor@macmania.com.br, informando a cidade de onde está escrevendo.

Abrindo certo

"Como faço para alterar a associação de arquivos de música?"

Pergunta **Estou com uma dúvida cruel, que acredito ser boba, mas não encontrei resposta nem fazendo a vaca tossir. Gostaria de saber como faço para alterar a associação de arquivos no Mac. Um MP3 está associado ao SoundJam, só que eu troquei o programa e queria associar todos os MP3 já existentes para o iTunes. Tem como fazer isso com todos os arquivos de uma só vez?**
Cássio Augusto (São José dos Campos/SP), publicidade@uol.com.br

Resposta Tem, usando um programinha chamado FileTyper, que altera o Type (tipo) e o Creator (criador) de qualquer arquivo. Você pode encontrá-lo no VersionTracker.com. Para entender melhor como funciona a relação entre arquivos e programas no Mac OS, leia o Bê-A-Bá da Macmania 90.

Com que câmera eu vou?

"Qual a melhor câmera DV para um usuário semiprofissional?"

Pergunta **Estou atrás de uma câmera DV de boa qualidade, mas com um preço mais acessível que a Sony VX2000 e a Canon XL1. Atualmente estou entre a Sony TRV30, a Sony TRV900 e a Canon GL1. Qual das três é a melhor? A Sony dá garantia no Brasil para câmeras trazidas do exterior?**
Vitor Paolozzi, vpsc@runbox.com

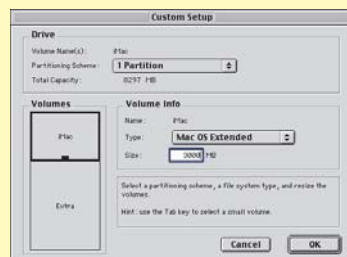
Resposta Recomendo a TRV900, a câmera DV da Sony mais barata com três CCDs e controle de nível de áudio manual (características essenciais para trabalhos profissionais). A GL1 é uma boa câmera, com uma boa lente, mas não tem controle de áudio manual, além de ser mais cara que a TRV900. A Sony só dá garantia quando a câmera é comprada em loja (modelos domésticos) ou com ela própria (modelos profissionais, tipo Beta digital). – *João Velho*

Mandrake no Mac

"Não consigo instalar o Linux no meu 8500"

Pergunta **Li na Macmania 89 que eu poderia instalar um sistema operacional Linux Mandrake 8.0 em meu Mac. Comprei o software diretamente do fornecedor na França. Tenho um PowerPC 8500 e não consigo instalar. Alguma sugestão?**
Luiz Alberto luizalberto777@uol.com.br

Resposta Da próxima vez, tente ser mais descritivo. Do jeito que você falou, seu problema pode ser qualquer coisa, desde não dar *boot* pelo CD até alguma incompatiblidade com a fase da Lua. Vamos por partes.
Primeiro item: pode ser (temos que pensar em todas as possibilidades) que você tenha comprado o CD para x86, em vez de Power Mac. A versão para Power Mac é o Mandrake 8.0 PPC.
Segundo item: hardware. O Mandrake PPC não é oficialmente suportado em Macs "pré-G3", mas devido ao grande interesse de proprietários de Macs mais antigos, ele recebeu adaptações que tornam possível rodá-lo em um 8500, desde que ele tenha um minimo de 96 MB de RAM (se quiser usar os ambientes gráficos, como o KDE ou Gnome) e 2 GB de disco disponíveis para a partição do Mandrake. Adicione à conta o espaço da partição do Mac OS.
Terceiro item: particionamento. O esquema de partições que a Mandrake recomenda para OS 8.x/9.x é o seguinte:
1) Mac OS
2) Linux

Formate o HD com o Drive Setup, em duas partições. A partição Linux tem que ser a última (senão o instalador do Mandrake não irá enxergá-la e não conseguirá criar a partição de boot) e formatado com HFS (nao HFS+). Deixe Linux como "Unallocated" (o Mac OS pode ser HFS+ mesmo). Os tamanhos ficam a gosto do freguês. Se quiser, pode colocar uma terceira partição ali no meio, formatada como HFS, para "troca" de dados entre o Mac OS e o Linux. O Linux não consegue montar partições HFS+, daí a partição de troca, para passar arquivos de um lado pro outro...

Quarto item: instalando o Linux. Siga os passos descritos em: www.linux-mandrake.com/en/demos/PPC/Install. As explicacões são bem detalhadas e ilustradas, incluindo uma secão só para máquinas "OldWorld", como o 8500. Como aparentemente você está iniciando no mundo Linux, o recomendado é escolher a instalação em "modo iniciante", que possui detecção automática de hardware, autoparticionamento e tudo o mais. É mais do que suficiente. Se você for um linuxeiro experiente, parta direto para o "modo expert":
www.linux-mandrake.com/en/demos/PPC/Install/Expert.
Escolha o esquema de partição simples (com / , /home e /swap), que deve ser mais do que o suficiente. A vantagem de ter um /home separado é que, caso você queira reinstalar o OS, basta formatar o / e manter seus dados intactos no /home. O tamanho que ele vai dar à partição de swap é importante. O instalador coloca o dobro da memória física, com um mínimo de 128 MB.
Bootloader: www.linux-mandrake.com/en/demos/PPC/Install/Reco/pages/reco56.php3.
Se após instalar o Mandrake o bootloader não aparecer, faça o seguinte:

- Abra o firmware do Mac (com ⌘ Control O F apertadas durante o restart).
- Se não funcionar, use o botão do programador (aquele com um círculo com um V no meio).
- Digite: setenv boot-device hd:numerodoHD,\\:tbxi

O número depois de hd: é o número da partição em que está o /boot do Linux. Isso é só para o caso de algo dar errado. Se você fizer a partição de boot no final do HD, formatada com HFS, dificilmente vai ter problemas pra inicializar a máquina.
Rafael Rigues rigues@terra.com.br e *Marcio Barbosa* macosx@mpg.com.br

Sony FW900

Tá bom ou quer maior?

Minha memória é famosa pela sua ruindade, mas acho que já comentei aqui que, apesar de toda a pressão, para muitos a era da tela LCD ainda não chegou. E não é uma questão de preço, mas de qualidade visual.

Abram alas para o Multiscan GDM-FW900 da Sony, o mais ridiculamente gigantesco monitor de CRT que já conseguiu passar pelas portas desta redação. O bicho pesa 42 quilos. Nem pense em instalá-lo sozinho. Para carregá-lo são precisos dois homens (ou um só e uma cadeira com rodinhas). Confira a resistência da sua mesa, garanta um espaço livre para trás dela e cheque a sua instalação elétrica. Você não vai querer causar um apagão ao ligar tudo junto... OK, exagerei, a coisa não é tão crítica assim: o consumo máximo do monitor é de 170 watts. Um G4 Quicksilver atinge 360 watts.

Seja para coisas ridículas como um Finder do OS X com 13 colunas de largura ou para comodidades como diagramar duas páginas de revista totalmente legíveis numa vista só, ele tem a proporção perfeita. Imagine isso, então, tocando um DVD

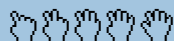
Tela larga *rules!*

É natural pensar nesse monitor basicamente como uma "tela de cinema". Afinal, ele tem uma proporção larga *(widescreen)* de 16:10, igual à do Apple Cinema Display – seu único concorrente cá na Sambalândia. A área visível do Sony é maior (24" de diagonal) e a resolução máxima, um recorde: 2304x1440 pixels a 85 Hz. Ele oferece uma variedade de resoluções impressionante (nada menos que 26 no total), desde que haja uma placa de vídeo capaz de abastecê-lo com a quantidade de pixels adequada. Os monitores LCD, em contraste, só são capazes de mostrar com perfeição a resolução que corresponde à dimensão exata em pixels da tela. As demais são interpoladas, com aspecto tosco.

As resoluções "normais" do FW900 que não seguem a proporção larga deixam espaços vazios pretos nas laterais. A dimensão de tela de trabalho mais conveniente não é a maior possível, mas sim a que tem a proporção certa e resolução similar à dos monitores "normais" – 1600 por 1024 pixels. O manual recomenda 1920x1200, que é o usado nas telas ao lado.

Uma possibilidade instigante do FW900 é integrá-lo a um *home theater* doméstico. Embora

não tenhamos testado esse recurso, ele possui as entradas de vídeo para isso.
As resoluções são a real grande vantagem do Leviatã Prateado. Você já deve ter feito as contas e notado que é mais em conta adquirir uma placa de vídeo extra e botar dois monitores de 19" lado a lado. Ou, se você se incomoda verdadeiramente com o volume e aparência do CRT, pode optar pelo também caro Apple Cinema Display. Mas o Sony é o único monitor multiresolução que é adequado para passar filmes DVD (e editar vídeo DV) em um tamanho decente. Pintam na cabeça outras aplicações que se beneficiam de uma tela única bem grande: Logic Audio, Final Cut Pro, Photoshop...
A tela é 100% plana na frente e a qualidade de imagem não chega a ser tão espetacular quanto a do topo de linha de 21" *(Macmania 88),* mas os controles de imagem são completos. A interface do menu é acionada por um mini-joystick.

SONY MULTISCAN GDM-FW900

Sony: www.sonybrasil.com.br
(11) 3613-9138
Preço: US$ 7.499

Pró: Tela larga; suporta as maiores resoluções; imagem impecável

Contra: Estupidamente caro; volumoso

Interface de menu tem até um "joystick", mas é difícil de usar do mesmo jeito

Tocando DVDs de filmes, não existem duas desvantagens claras de todos os monitores LCD da Apple até agora: a incapacidade de acomodar várias pessoas lado a lado e o baixo contraste nos tons mais escuros. Por outro lado, nem tudo é perfeito. Não é por culpa do monitor, porém: grande parte dos filmes tem a proporção ainda mais larga do que 16:10; dessa forma, é inescapável que surjam as tarjas pretas em cima e embaixo. Elas apenas não são tão grandes no Sony.
Lembraram ainda, como é tradição nos monitores *high-end* da marca, de incluir um hub USB de quatro portas na base, que pode ficar com os conectores virados em qualquer direção. São coisas assim que me mantêm firmemente como um fã da Sony, mesmo não podendo comprar produtos como esse para ter em casa. **M**

MARIO AV www.marioav.com
Different Thinker.

Cambridge DeskTop Theater 5.1

Som de cinema para o seu Mac, TV ou console

Talvez você não saiba: o mundo é um grande sistema surround e a Terra é um gigantesco subwoofer. Porém, durante décadas, nos forçaram a acreditar que o mundo dos sons podia ser reproduzido em estéreo. Alguns barulhinhos ficam pra direita, outros pra esquerda e os demais no centro. Bobagem. A experiência auditiva vem de todas as direções, e é exatamente isso que o sistema de som batizado de "surround" tenta reproduzir. Até pouco tempo, essa tecnologia era exclusividade das salas de cinema, mas, com o advento do DVD, hoje é possível ter som surround em qualquer lugar com o auxílio de um produto como o DeskTop Theater 5.1 DTT3500, da Cambridge Soundworks, subsidiária da Creative Labs.

O DTT3500 é um sistema de amplificação digital 5.1 – compatível com o padrão Dolby –, isto é, composto de quatro alto-falantes laterais, um central e um subwoofer. Além disso, conta também com um versátil amplificador que inclui volume independente para subwoofer e para as caixas traseiras. Oferece ainda entradas digitais (óptica ou coaxial) e análogas, permitindo plugar todo tipo de equipamento nele e alterar a fonte de monitoração manualmente ou a partir do controle remoto. Para as duas caixas traseiras, acompanha um suporte montável funcional, mas muito trabalhoso para desmontar. Obviamente, foi feito para ser montado apenas uma vez.

O sistema não é desenhado para ser usado especificamente num Mac, mas pode funcionar com placas de áudio que tenham saídas digitais ou análogas (Four Point/5.1 DIN) compatíveis com o padrão Dolby Surround. A Creative Labs tem a SoundBlaster Live!, compatível com Power Macs G3 ou G4, que traz quatro saídas análogas, mas a empresa infelizmente não distribui o produto no Brasil.

Sem uma interface apropriada, o DTT3500 pode ser ligado à saída de som padrão do Mac (plug "bananinha") e funcionar apenas como um belo sistema de amplificação externo. Além disso, o produto pode ser perfeitamente integrado a outros equipamentos, como DVD, PlayStation 2 e aparelhos de som em geral.

Subwoofer rules

A magia do DTT3500 está no subwoofer. Depois de experimentá-lo, fica difícil imaginar a vida sem um, seja para ver filmes ou para ouvir música. Só assim para ouvir as baixas frequências que os sistemas de amplificação tradicionais não conseguem reproduzir.

No entanto, todo o sistema é muito dependente do subwoofer, que é bom o suficiente para fazer as janelas tremerem, mas não chega a fazer o mesmo com a cadeira. Os outros cinco alto-falantes são pequenos e não têm um som muito refinado, reproduzindo em excesso as frequências médias (o falante central é melhor). Abaixe o volume do subwoofer e não será possível elogiar muito. Porém, tudo soa bem no conjunto e, apesar do aspecto diminuto do caixas laterais e central (essa um pouco maior), o DTT3500, com seu amplificador de 30 W, consegue falar alto o suficiente para deixar a vizinhança maluca. No entanto, a qualidade sonora fica deteriorada quando jogamos potência total na máquina, sendo melhor abaixar um pouco o volume para garantir um melhor resultado – inclusive porque dá para ficar surdo mesmo sem colocar todo o gás.

De madrugada

Filmes em Dolby Digital costumam ter uma grande faixa dinâmica entre os sons mais altos e os mais baixos. Quando o som está alto, a experiência é bem realista. Mas quando temos de baixar o som para não incomodar os moradores da casa ou os vizinhos (à noite, por exemplo) é preciso maneirar no volume e pode ser difícil ouvir determinados diálogos, que ficam mais baixos dos que os efeitos especiais. Para solucionar isso, o DTT3500 inclui o Dynamic Mode (mais conhecido por "nightmode"), um sistema que comprime a faixa dinâmica, equiparando melhor as diferenças de volume.

Tendo em vista a dimensão dos cabos incluídos, fica claro que o DTT3500 foi pensado mais para ser usado no computador e com as caixas distribuídas a uma distância do usuário não maior do que do que dois metros. Mas nada impede você de aumentar esses cabos ou use outros alto-falantes de melhor qualidade. Mas tome cuidado, pois colocar caixas muito potentes poderá danificar o amplificador, que foi obviamente dimensionado para usar as caixas incluídas no conjunto.

Apesar de depender de uma placa dedicada para ser integrado ao Mac, o DTT3500 é um produto atraente pelo preço sugerido de R$ 1.500. Dificilmente você encontrará um amplificador com decodificação Dolby Digital e os cinco altofalantes que compõem o sistema por esse preço. Isso é um atrativo para qualquer entusiasta do DVD e games que não seja audiófilo muito exigente. M

CAMBRIDGE SOUNDWORKS DESKTOP THEATER 5.1 DTT3500

Cambridge Soundworks: csw.creative.com
trend Shop: (11) 283-4999
www.trendshop.com.br
Preço sugerido: R$ 1.500

Pró: Versátil; preço justo
Contra: Compatibilidade limitada com Macintosh

Suitcase 10.1

Finalmente um verdadeiro gerenciador de fontes para o OS X

Quem trabalha com muitas fontes estava sentindo falta de um bom gerenciador de fontes para o Mac OS X. Os poucos sharewares que apareceram não dão conta. Aquela sensação agradável de ligar as fontes apenas quando necessário no sistema clássico parecia algo do século passado.
Pois bem: a Extensis conseguiu portar o seu famoso Suitcase para o Mac OS X. A versão 10.1 é "carbonizada"e tem praticamente as mesmas funções de sua contraparte para o OS 9, com algumas novidades. Uma delas é aceitar fontes TrueType de Windows sem a necessidade de conversão (mérito que na verdade é do próprio Mac OS X) e o novo sistema de fontes do OS X (arquivos .dfont). Fazem parte das novidades um comando para o menu contextual e um dockling para ativar fontes.
Uma função bem interessante se chama Bridge. Com ela, você pode ativar fontes nativas do Mac OS X para os programas que rodam no ambiente Classic. Ao instalar o software no Mac OS X, ele automaticamente também é instalado no OS 9. Os sets de fontes específicos por aplicativo que forem criados no outro sistema serão abertos automaticamente. As fontes nativas do OS X podem ser usadas nos programas não-carbonizados e são ativadas na hora, sem sequer a necessidade de restartar o aplicativo.
Mas nem tudo são flores. No Mac OS X não é possível ativar fontes permanentes (só temporárias) e é preciso manter o Suitcase ligado o tempo todo para poder utilizar as fontes ativadas por ele. No OS 9 isso não acontece: você pode fechar a janela ou desligar a interface do Suitcase, que ele continua mantendo as fontes ativadas. E ele continua consumindo muita memória do sistema.
Outro problema é uma ligeira instabilidade no OS X. Se você, para poupar tempo, resolver ligá-lo diretamente no startup (usando a lista Login Items), o tempo de inicialização fica estupidamente lento e até pode causar sérios travamentos. Contudo, o programa como está já é um passo importante na direção correta.

O Suitcase traz muito mais opções que o gerenciador do Mac OS X

Ativou no OS X, disponível no OS 9

EXTENSIS SUITCASE 10.1

Extensis: www.extensis.com
Woodlands: www.woodlands.com.br
Preço: US$ 99,95 (EUA)

Pró: Funciona simultaneamente no Mac OS X e no Mac OS 9; ativa fontes do OS X no 9
Contra: Consome muita memória; ainda bastante instável

PageMaker 7.0

Era uma vez um programa legal de editoração eletrônica

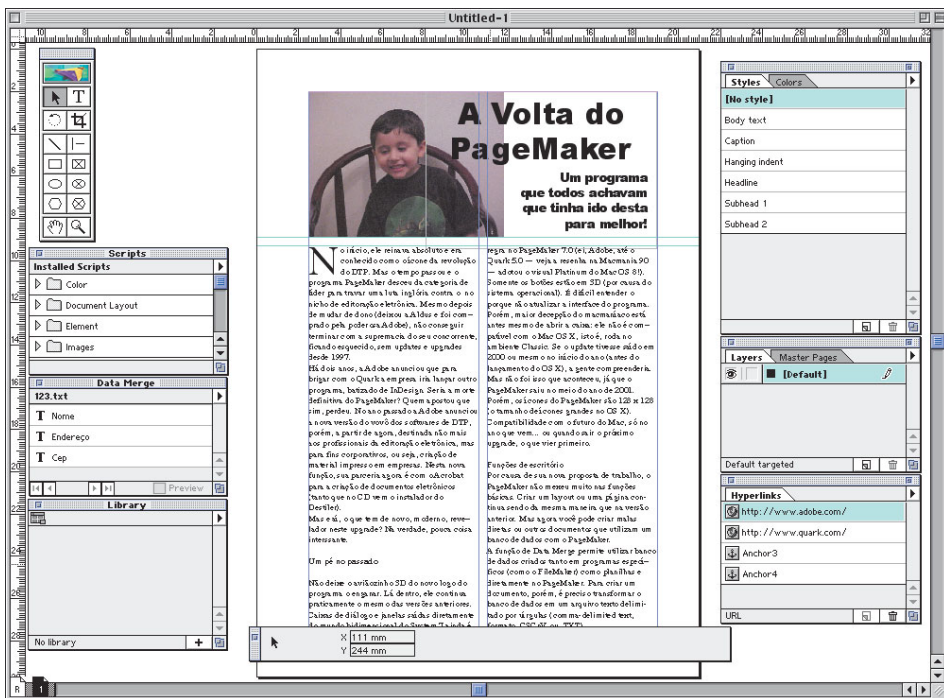
No início, ele reinava absoluto e representava a vanguarda da revolução do DTP. Mas o tempo passou e o PageMaker desceu da categoria de líder ao travar uma luta inglória contra o QuarkXPress. Mesmo depois de mudar de dono (deixou a Aldus e foi comprado pela poderosa Adobe), não conseguiu recuperar o seu posto, ficando esquecido, sem updates importantes desde 1997.

Há dois anos, a Adobe anunciou que para brigar com o Quark surgiria outro programa, batizado de InDesign. Seria a morte definitiva do PageMaker? Quem apostou que sim, perdeu. No ano passado a Adobe anunciou a nova versão do vovô dos softwares de DTP, destinado não mais à editoração eletrônica profissional, mas para fins corporativos: criação de material impresso em empresas. Nesta nova função, ele faz parceria com o Acrobat para a criação de documentos eletrônicos no formato PDF. Prova disso é que no CD do PageMaker 7 vem o instalador do Acrobat Distiller 5.
Mas e aí? O que tem de novo, moderno ou revelador neste upgrade?
Na verdade, pouca coisa...

Um pé no passado

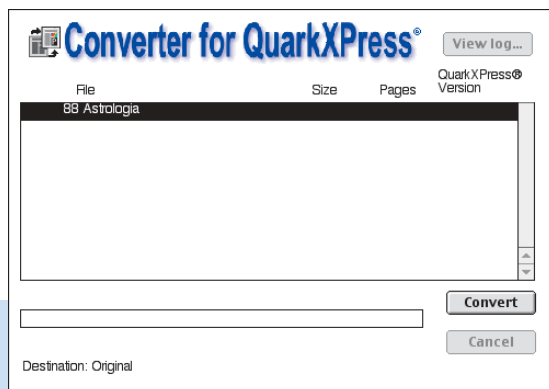
Não deixe o aviãozinho 3D do novo logo do programa enganar você. Lá dentro, ele continua praticamente o mesmo das versões anteriores. Caixas de diálogo e janelas saídas diretamente do mundo bidimensional do System 7 ainda são regra no PageMaker 7.0. Ei, Adobe, até mesmo o Quark 5.0 (Macmania 91) está adotando o visual do Mac OS 8! Somente os botões estão em 3D, e isso por causa do sistema operacional. É difícil entender o porquê de não se atualizar a interface do programa.
Porém, a maior decepção do macmaníaco se dá antes mesmo de abrir a caixa. Você adivinhou: ele não é compatível com o Mac OS X; só roda no ambiente Classic. Se o update tivesse saído em 2000, ou mesmo no início de 2001 (antes do Mac OS X), a gente compreenderia. Mas não foi isso que aconteceu, já que o PageMaker saiu no meio do ano. Porém, os ícones do PageMaker são no tamanho grande do OS X. Compatibilidade com o futuro do Mac? Nada a comentar.

PAGEMAKER 7.0

Adobe: www.adobe.com.br
0800-161009
brasil@adobesupport.com
Preço: US$ 564 (US$ 103 pelo upgrade)

Parece um PageMaker antigo; mas é a versão 7.0

Funções de escritório

Devido à sua nova proposta, o PageMaker não recebeu muitas alterações nas funções básicas. Criar um layout ou uma página continua sendo da mesma maneira que nas versões anteriores. Mas agora você pode criar malas diretas ou outros documentos que utilizam um banco de dados.
A função de mesclagem de dados (Data Merge) utiliza bancos de dados montados tanto em programas específicos, como o FileMaker, como planilhas eletrônicas ou dados inseridos diretamente no PageMaker ou num processador de texto qualquer. O PageMaker trabalha com um formato de arquivo de texto em que os dados são delimitados por vírgulas (comma-delimited text, formato .CSV ou .TXT). Depois de ter o texto pronto, basta criar o documento, colocar os campos utilizando a palete Data Merge e mandar o resultado para os seus amigos.
Mas... não seria melhor, então, utilizar um programa como o Word, que possui recursos embutidos para fazer mala direta? Pois é...
O PageMaker 7.0, seguindo a tendência geral, exporta documentos em HTML, mas não é um processo intuitivo. Não espere nenhum recurso sofisticado nem qualidade no material exportado. O melhor é utilizar mesmo um programa profissional para fazer suas páginas para a Internet. O resultado deverá ficar mais do seu agrado.

Quando funciona, o conversor é uma mão na roda

Tem para Mac?

Já há algum tempo, a Adobe é criticada pelos macmaníacos por colocar certas funções bacanas nas versões para Windows de alguns de seus programas que não aparecem nas versões para Mac (exemplo clássico: Acrobat). A desculpa da empresa é que o núcleo do Mac OS clássico não permite maior "integração do software com o sistema operacional", seja lá o que isso signifique na prática.

O PageMaker 7 também sofre desse mal. Algumas dessas funções "exclusivas para Windows" são uma palete nova para manipular diversos tipos de imagens e melhor interação com os programas de banco de dados, um navegador para gerenciar templates (modelos) e a função de converter arquivos de Publisher 97, 98 e 2000, que de qualquer forma nenhum macmaníaco vai poder usar.

Por falar em conversão, a versão para Mac (assim como a de PC) vem com o famoso programa para transformar arquivos de Quark em documentos de PageMaker. Seria muito interessante, se funcionasse direito. Num dos testes, usando uma página bem simples, o conversor se comportou bem. Mas, ao aplicar estilos e deixar o documento um pouco mais complicado, a única coisa que se viu foi uma página sem a maior parte do texto e faltando várias imagens. Que feio!

Ah… Adobe, nós temos um problema…

Pró: Importa bancos de dados; exporta PDF com hipertexto, arquivos AI (Illustrator) e PSD (Photoshop)

Contra: Várias funções só existem no Windows; nenhuma mudança mais substancial

Conclusão

Fazer o upgrade do PageMaker é uma decisão sua. Se você gosta do programa e está disposto a pagar por uma atualização que traz poucas novidades, vá fundo: não vamos impedir. Mas pense bem na razão custo/benefício que você terá com essa atualização. Talvez seja o caso de partir direto para o InDesign.

Se você trabalha numa empresa e acha que as funções colocadas na nova versão do PageMaker vão melhorar a sua produtividade, tudo bem. Mas se o seu negócio é editoração eletrônica, deixe o PageMaker de lado. Ele não está mais nessa praia. M

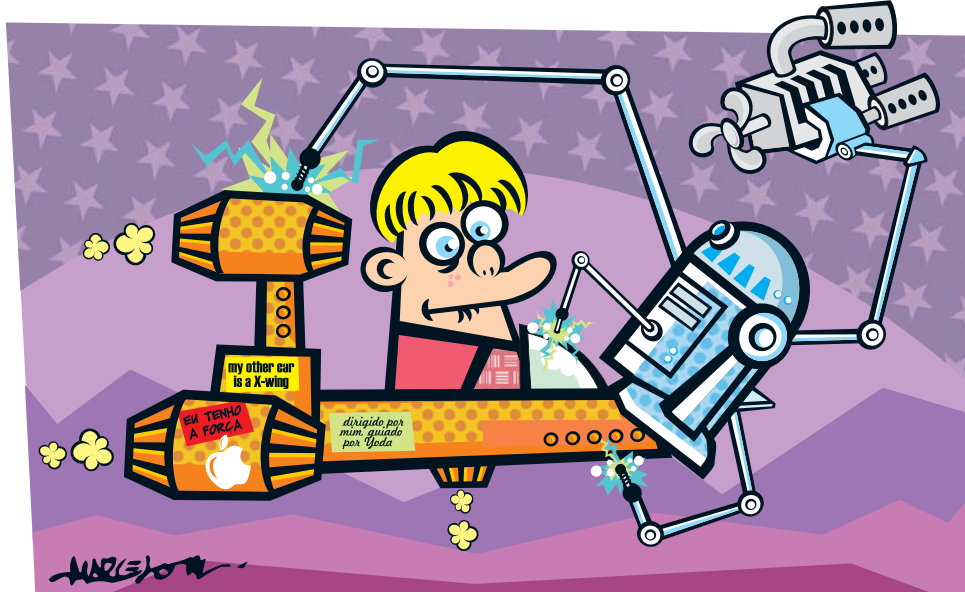
Episódio II - A batalha do metadata

Com o Mac OS X, os macmaníacos estão tendo uma experiência singular na história da informática: a de andar no carro enquanto ele está sendo construído. Se por um lado isso pode ser motivo para alguns acidentes de percurso (quem nunca xingou o OS X pela falta de um driver de impressora?), por outro, traz uma grande vantagem: a Apple está ouvindo os usuários e modificando o sistema para atender suas mais frequentes reclamações. Isso é muito bom.

Pelo menos quando eles sabem o que querem. Atualmente, uma grande questão divide os usuários de Mac em relação à maneira como o OS X identifica seus arquivos. De um lado estão os defensores do sistema tradicional do Mac OS, baseado na definição do tipo e do criador (Type/Creator) do arquivo. O esquema Tipo/Criador é um tipo de metadado (metadata, em inglês), ou seja, dados embutidos no sistema de arquivos que se referem a atributos do próprio arquivo, tal como os dados sobre o tamanho e as datas de criação e modificação. Ele é considerado um meio mais avançado para identificar arquivos, pois permite que um arquivo do mesmo tipo seja identificado pelo programa que o criou. Você pode ter uma imagem JPEG de Photoshop, outra de Graphic Converter etc. Só que esse sistema de metadata só existe no Mac. Quando você passa um arquivo de Mac para um computador com Windows ou Linux, ele perde o Tipo/Criador e o sistema não sabe que tipo de arquivo ele é. A não ser que tenha uma extensão de três letras, tipo .jpg.

Em prol da compatibilidade multiplataforma, a Apple decidiu privilegiar as extensões em detrimento do Tipo/Criador no Mac OS X. Pra quê... imediatamente, hordas de macmaníacos revoltados se levantaram contra "o nivelamento por baixo" do sistema. Teve até uma petição online (www.PetitionOnline.com/osxmd/petition.html) pedindo a volta do tipo/criador à sua posição de destaque, seguida por uma antipetição (www.PetitionOnline.com/osxnomd/petition.html) defendendo as extensões. O caso até gerou uma discussão entre os colaboradores da Macmania, da qual reproduzimos aqui alguns trechos:

Carlos Freitas

"O uso de extensões é um baita retrocesso e atrapalha bastante a vida de quem já vem usando o outro jeito há anos. A Apple está acabando aos poucos com o Type/Creator do Mac OS X. Os arquivos que você salva em muitos programas não têm essa informação, e às vezes você não consegue abrir no 9 porque ele não sabe quem criou."

Rainer Brockerhoff

"Não estão tirando type/creator; apenas adicionaram extensões ao algoritmo de ligação entre arquivos e aplicativos. A briga toda, na verdade, é porque existem correntes dentro da Apple (a posição da Apple neste caso está longe de ser unânime) que acham que Type/Creator são opcionais. Essa informação não pode ser facilmente transmitida pela Internet, não é entendida por outros sistemas operacionais e não pode ser armazenada em certos *file systems*. Acho que o problema é unicamente a palavra "opcional". Recomendei à Apple que todo software que crie arquivos tenha obrigatoriamente um Creator registrado. Igualmente, que todo arquivo criado contenha extensão E Type complementares, e que o creator do arquivo seja assinalado de acordo com uma preferência de usuário. Isso resolve o problema de abrir arquivos no Classic. Recebi vários emails de apoio."

Oswaldo Bueno

"Essa história do metadata sempre foi um grande problema para integrar o Mac às outras plataformas. A chance desses metadados se perderem depois que você envia um arquivo para alguém de outra plataforma é quase certa. A decisão de não usar o metadado torna o Mac mais compatível. Na minha opinião, não adianta continuar insistindo mesmo. É querer usar BetaMax nos dias de hoje. A funcionalidade de tipo/criador é ducaralho, mas não se tornou padrão no mercado. O problema está no fato desses metadados estarem guardados na estrutura de diretórios de um volume, junto com a informação sobre onde o arquivo está localizado e seu nome. Quando um arquivo é copiado de um volume para o outro, o Mac copia o arquivo e "automagicamente" copia o metadado do diretório original para o de destino. Ou seja, qualquer operação para mover um arquivo precisa ser feita em dois lugares, sendo que nos mundos windows/unix só se faz a transferência do arquivo e do nome. A solução seria guardar os metadados no próprio arquivo, como se fosse num cabeçalho. Mas isso, além de depender dos desenvolvedores do sistema operacional, precisaria do apoio dos desenvolvedores de aplicativos."

Gil Barbara

"Eu estou feliz com o jeito que está e acho ótima a extensão! Manter a metadata dos arquivos e não conseguir mandar nada pra quem está em outra plaforma como acontecia bastante no OS 9 é uma merda!"

Como dá para perceber, a questão está longe do consenso. Mas o mais importante é que ela existe e a Apple está atenta. O Mac OS X ainda não atingiu a usabilidade do Mac OS clássico; muita coisa ainda precisa ser feita. E ninguém melhor do que o passageiro para dar palpite sobre como o carro deve ser construído.